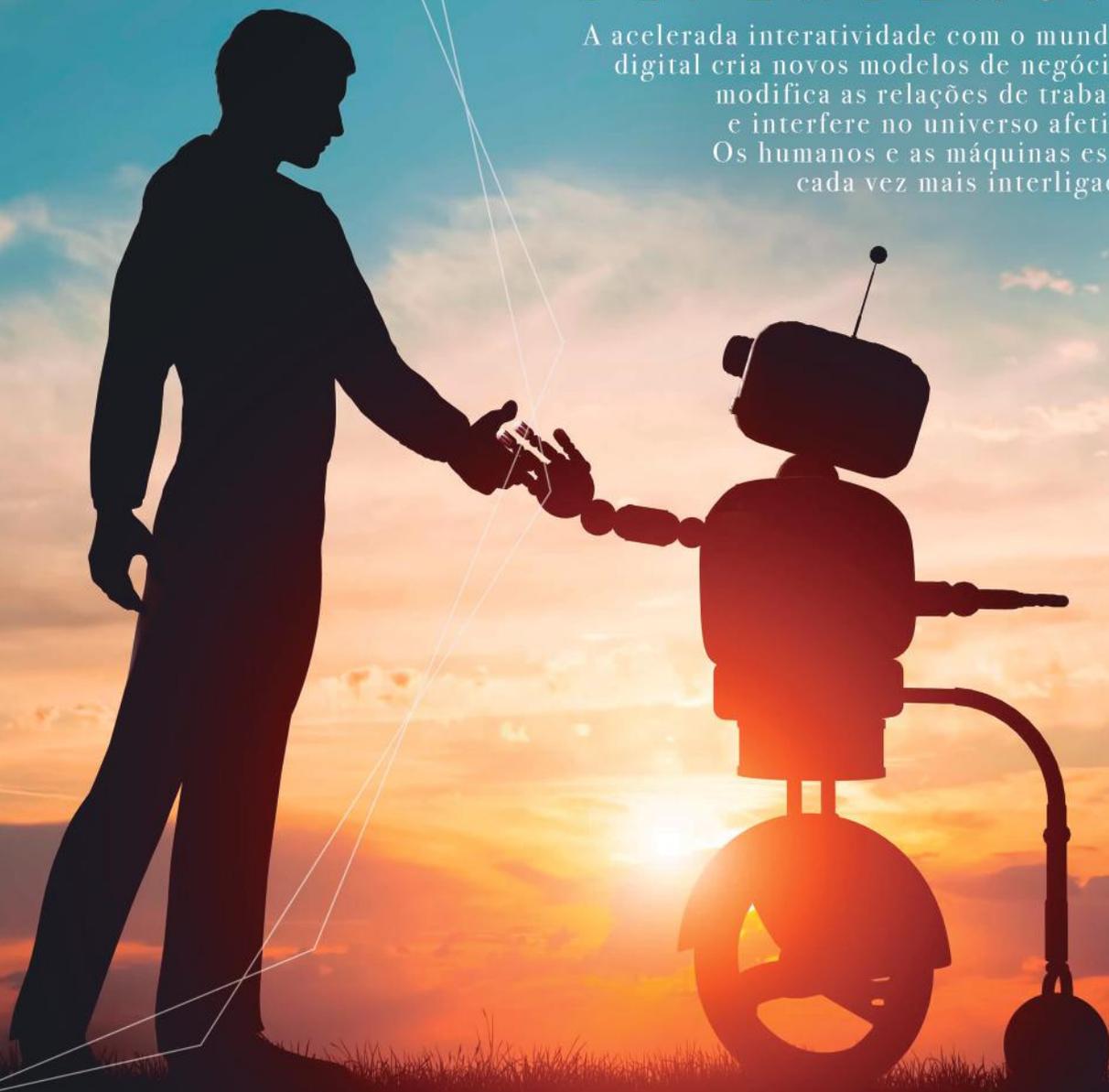


UNAERP

Número 3 | Dezembro 2018
Ribeirão Preto
Curso de Jornalismo da Unaerp

A DIGITAL DEPENDÊNCIA

A acelerada interatividade com o mundo o digital cria novos modelos de negócios, modifica as relações de trabalho e interfere no universo afetivo. Os humanos e as máquinas estão cada vez mais interligados



BUZZ

REVISTA

JORNALISMO UNAERP

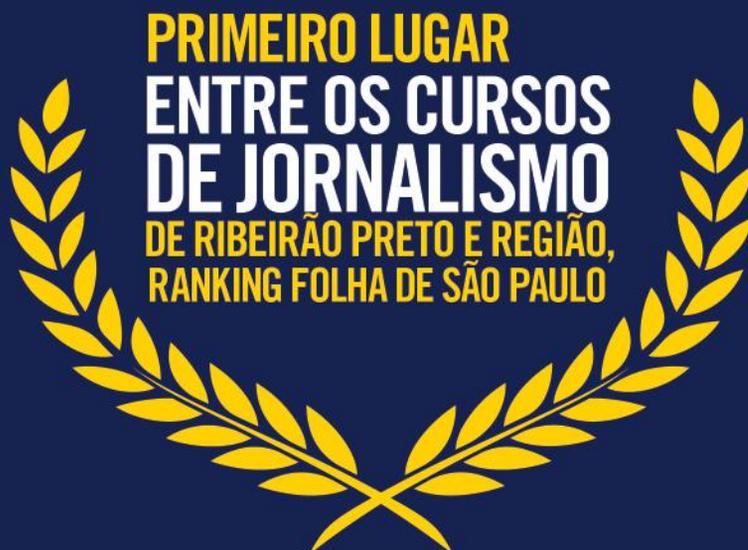
MELHOR CURSO DE JORNALISMO DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO

São 44 anos formando profissionais que atuam nas principais emissoras de televisão, rádio, revistas, jornais, assessorias, sites de internet e mídias digitais do país.

CONCEITO
4

NO IGC MEC
PRINCIPAL AVALIAÇÃO
DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

★★★
3 ESTRELAS
NO GUIA DO ESTUDANTE
DA EDITORA ABRIL



11º MELHOR CURSO ✓
ENTRE INSTITUIÇÕES PRIVADAS
DO ESTADO NO RANKING DA FOLHA DE SÃO PAULO

ACESSE O PORTAL

jornalismounaerp.com.br
para conhecer os projetos e as produções
dos alunos nas diversas áreas de atuação.

UNAERP CURSO DE
JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

A rede da igualdade

Na terceira edição, a revista temática Buzz, produzida pelos alunos da sexta etapa do curso de jornalismo da UNAERP, aborda as várias faces da tecnologia. Na edição de 2018, os estudantes incluíram no projeto interdisciplinar o acesso de pessoas deficientes visuais e surdos. O objetivo desta proposta inovadora é a interação entre as tecnologias e a acessibilidade para todas as mentes vorazes por conhecimento. A revista apresenta uma estrutura que vai além do papel, invadindo as plataformas digitais, levando o conteúdo em áudio e em vídeo.

Com 31 matérias que abordam desde o que há de mais novo no mundo até os jurássicos da mídia, a Buzz leva para as telas dos computadores e smartphones o caminho para aqueles que não podem ver e ouvir, isto é, o conhecimento necessário para que se mantenham atualizados. No meio de suas páginas, a Buzz traz um encarte em braile e um acesso em QR Code para surdos e analfabetos. O encarte contém as instruções necessárias para que o deficiente chegue até o canal do YouTube onde estão as matérias em áudio e vídeo. O encarte é um produto que só se tornou realidade a partir de uma parceria feita entre a Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto (Adevirp) e o curso de Jornalismo da UNAERP. Todo o valor arrecadado para a produção deste meio acessível foi obtido por campanhas organizadas pelos alunos através de eventos beneficentes e a colaboração de empresas parceiras.

Apenas a Adevirp oferece atendimento a mais de 200 crianças cegas que sonham com oportunidades de inclusão para o futuro. O conhecimento funciona como uma porta de entrada. Esta edição da Buzz traz para todos os seus leitores informações sobre as novas tecnologias e seus impactos na vida das pessoas. A Buzz Acessível mostra que, se por um lado a deficiência limita e exclui o homem, por outro, a tecnologia pode trazer independência e descortinar o mundo. Os megabytes e as informações digitalizadas estão disponíveis por aí para oferecer novas informações e novos horizontes. Mesmo com as limitações sensitivas, os meios desprendem o ser dos sentidos e desenvolvem a sensibilidade que integra a todos em uma única rede, a da igualdade.

THAINAN HONORATO

Aluno de jornalismo



EXPEDIENTE

Buzz – Revista Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp. Projeto Interdisciplinar da sexta etapa de graduação em Jornalismo.

Reitora da Universidade de Ribeirão Preto:

Profa. Elmara Lucia de Oliveira Bonini

Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão – Graduação:

Profa. Sonia Maria Camargo dos Santos

Coordenação do Curso de Jornalismo:

Prof. Geraldo José Santiago

Professores responsáveis:

César Mulati, João Flávio de Almeida e Murilo Pinheiro

Edição e Diagramação:

Luciano Filho

Apoio:

Gabriel Bordonal

Produção: alunos da sexta etapa do Curso de Jornalismo

Repórteres /Fotógrafos

Agenor dos Santos Filho, Ana Flávia Coneglian, Anelize Nogueira Visin, Artur Vieira Moresca, Bruna Almeida de Marchi, Daniela de Assis, Edson Alvares da Costa, Édson Eduardo Pegrussi Júnior, Flávia Coltri, Felipe Fernandes Pinto, Gabriela Basso Felici, Giovana Fiacadori Gomes, Guilherme Carlos dos Santos, Guilherme Moreira Faria, Gustavo Simões da Silva, Joice Soares da Silva, Kleberon Rodrigues, Larissa Tassin, Lorena Luciano Vieira, Luana Cristina Vasco, Luciano Bezerra da Silva Filho, Maria Beatriz Magdaleno, Maria Júlia Petroni Vieira, Maria Luiza Picasso, Pedro Henrique Izo de Lima, Renato dos Santos Pereira, Susana Karen Soares, Tainá Martina Colafemina, Thainan Honorato Fidalgo, Thuany de Oliveira Santos, Victória Takahashi Morelli

O teor das matérias publicadas nesta revista é de responsabilidade dos autores, não representando, portanto, a opinião da instituição mantenedora.

Impressão: São Francisco Gráfica e Editora

Distribuição: gratuita

Versão digital e estendida:

www.jornalismouaerp.com.br

UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto

Curso de Comunicação Social

AV. Costábile Romano, 2.201 – Ribeirânia

CEP 14096-380 – Ribeirão Preto – SP

Fone: (16) 3603-6749/3603-6716

www.unaerp.br

BUDZZ



6

INFÂNCIA DIGITALIZADA
DANIELA ASSIS

8

O “INTERNETÊS” DOS JOVENS
FLÁVIA COLTRI

10

INFÂNCIA CONECTADA
AGENOR FILHO

12

TECNOLOGIA NA SALA DE AULA
VICTÓRIA TAKAHASHI

14

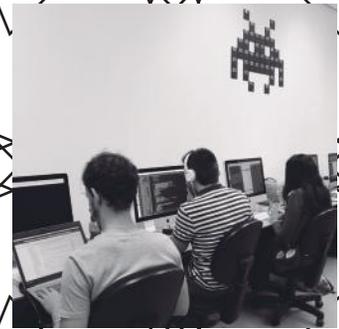
VERGADOS PELA TECNOLOGIA
THUANY SANTOS

16

A REDE SOCIAL QUE ENSINA
SUSANA KAREN

19

A AJUDA QUE VEM DO CÉU
MARIA BEATRIZ MAGDALENO



22

JUDICIALIZAÇÃO DAS REDES
SOCIAIS
ARTUR MORESCA

24

A DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO NAS
REDES SOCIAIS
MARIA JULIA PETRONI

26

WEB OCULTA, ALÉM DA NAVE-
GAÇÃO
BRUNA MARCHI

28

VIDAS EM RISCO
LORENA VIEIRA

30

TEMPO QUE NÃO VOLTA
KLEBERSON RODRIGUES

32

IDOSOS ON-LINE
FLÁVIA CONEGLIAN



34

DINOSSAUROS DA TECNOLOGIA
JOICE SOARES

36

ANSIEDADE DIGITAL
GIOVANA FIACADORI

38

TERAPIA HI-TECH
TAINÁ COLAFEMINA

40

MAIS INFORMAÇÕES, MENOS
TEXTOS
GUILHERME FARIA

42

INFLUENCIADORAS DA MODER-
NIDADE
GABRIELA FELICI

44

ACOMPANHANTES VIRTUAIS
PEDRO DE LIMA



46

ENTRE PINCÉIS E SOFTWARES
MARIA LUIZA PICASSO

48

ENCONTROS E REENCONTROS
VIRTUAIS
RENATO PEDRAL

50

TECNOLOGIA ALIADA À SAÚDE
LARISSA TASSIN

52

REDES SOCIAIS ALAVANCAM
VENDAS
ANELIZE VISIN

54

PERDAS COMPENSADAS
LUCIANO FILHO

56

OS OLHOS TECNOLÓGICOS
GUILHERME CARLOS



58

O NOVO MUNDO DOS SURDOS
EDSON ALVARES DA COSTA

60

VILÃO TECNOLÓGICO
LUANA VASCO

62

EXERCÍCIOS ON-LINE
GUSTAVO SIMÕES

64

A PATRULHA DOS ATLETAS
FELIPE FERNANDES

66

A NOVA LINHAGEM DOS SUPE-
RATLETAS
THAINAN HONORATO

68

AS BATALHAS DO E-SPORTS
EDSON PEGRUSSI



Infância digitalizada

Diferente de décadas passadas, a geração pós anos 2000 cresceu junto com a tecnologia, o que tem causado muitas preocupações entre mães e especialistas

Daniela Assis

Ver uma amarelinha desenhada no chão ou brincadeiras como pega-pega e esconde-esconde se tornou raro. Atualmente, momentos como esse são confiados meramente à tecnologia. Os brinquedos tradicionais foram substituídos por tablets, computadores e jogos eletrônicos. A criança contemporânea está sendo levada, automaticamente, ao time da câmera, trocam o lápis por teclados para aprenderem a

escrever o nome, e, o mais importante, a sua conduta social se desenvolve em função desses procedimentos revolucionários. Consequentemente, sua memória sofre alteração e sua individualidade se torna compartilhada. Estão afastadas do direito de criar uma própria história relacionada ao passado, presente e futuro, dentro de um ritmo frenético que a modernidade impõe, afastando as interações com o mundo e as experiências da infância. Os neurologistas dividem a memória nas seguintes categorias: a

de trabalho, curta duração e de longa duração. Hoje está à disposição uma memória virtual com capacidade para armazenar e resgatar informações com mais facilidade. Segundo a psicóloga Priscila Okano, a diferença dessa memória coletiva está na sua localização “fora” do corpo humano, ou seja, não pertence a apenas um indivíduo.

Essa perda de lembrança pode resultar em um grande risco à saúde mental, física e social. As lembranças são responsáveis por desenvolver áreas cognitivas do cérebro, que fazem com

que as crianças saibam lidar mais facilmente com desafios. Para a psicóloga, uma vida das memórias, boas e ruins, possui muita importância. São pequenos e grandes acontecimentos, amizades, amores, desamores, viagens, desastres, milagres, encontros, desencontros, nascimentos e mortes que criam uma rede intrincada e única. Assim, para um melhor desenvolvimento, recomenda-se brincar, movimentar e conviver socialmente, já que os acontecimentos precedidos de emoção são registrados facilmente.

Cynthia Talita tem 28 anos e será mãe pela primeira vez. Ela acredita que os valores antigos são o melhor caminho para o desenvolvimento da sua filha, já que as brincadeiras eram mais saudáveis. Para ela, os desenhos animados não pregavam um mundo capitalista. “Hoje em dia, vemos cada vez mais crianças que não conhecem um lápis de cor e uma revista de colorir. Essas são minhas lembranças, valores simples e educativos que eu e meu marido queremos passar para minha filha. Tanto eu quanto ele ficamos divididos



Aos três anos, Maria Heloisa já usa o celular nas atividades escolares



A criança precisa viver a sua infância, o que pode incluir um pouco de tecnologia, desde que monitorada, bem orientada e com limites bem definidos

nesta questão de uma infância virtual. Essas novas modernidades têm finalidade de auxiliar, mas por outro lado criam pais acomodados e crianças independentes”, diz.

Débora Rosa conta que o filho Arthur Lino, de um ano, adora se divertir com brinquedos, mas não vê problema de o deixar ter momentos na frente da televisão ou do telefone. “Acredito na importância da tecnologia para o desenvolvimento do meu filho. Entretanto, como cresci em uma cidade pequena eu não trocava as diversões. A ideia de poder brincar na rua até tarde e passar férias indo acampar e nadando em rios é incrível. Não sobraria espaço para tanta tecnologia”, comenta Débora.

APARELHOS AJUDAM, MAS TAMBÉM FALHAM

Segundo uma pesquisa realizada pela empresa de segurança AVG Technologies, cerca de 66% das crianças, entre 3 e 5 anos de idade, conseguem usar jogos de computador, 47% sabem como usar um smartphone, mas apenas 14% eram capazes de amarrar os sapatos sozinhas. Outras pesquisas, no entanto, mostram que jogos, vídeos e aplicativos podem contribuir para o raciocínio lógico e o desenvolvimento motor e cognitivo das crianças. O problema não está na tecnologia em si, mas no uso exagerado. “A tecnologia está cada dia mais avançada, porém, ao mesmo tempo em que possibilita que as pessoas se comuniquem a distância, tem o poder de afastar as que estão

próximas. A criança precisa viver a infância, o que pode incluir um pouco de tecnologia, desde que monitorada, bem orientada e com limites bem definidos. O que vemos nos dias de hoje são crianças que vivem exclusivamente com a tecnologia, sem limites definidos pelos pais”, explica a psicóloga Priscila Okano.

As crianças do século XXI nasceram no ápice deste processo tecnológico, o que dificulta que vivam sem ela. Apesar das consequências, essas ferramentas podem ser consideradas um grande aliado no ensino das crianças. Maria Heloisa tem só três anos e já faz o uso de recursos tecnológicos nas atividades escolares. De acordo com a mãe, Jéssica Fernandes, no começo estranhou esse novo método de ensino adaptado nas escolas, no entanto, notou uma enorme diferença na rapidez no aprendizado da filha em relação à infância.

Conforme uma pesquisa realizada pela mestre e doutora em educação, Vani Kenski, essa geração tende a ser mais inteligente, já que por escreverem mais, aumentam o vocabulário e despertam a curiosidade de conhecer o mundo, assim passam a criar uma nova ideia de memória. “Os vídeos e a tela do computador chamam mais a atenção da criança e isso faz com que elas captem as informações mais rápido do que nas folhas mimeografadas e nos livros didáticos enormes. Entretanto, apesar desses benefícios, procuro passar para minha filha alguns métodos que aprendi na escola e principalmente, deixo ela livre para conhecer brincadeiras típicas e criar memórias.”

Portanto, cabe a intervenção de pessoas responsáveis, que auxiliem a criança a ser capaz de atribuir significados positivos ao mundo tecnológico. Assim, poderão aproveitar a infância em sua totalidade, aprendendo com a tecnologia, mas sem esquecer das brincadeiras infância que deixam saudades. ■



O “internetês” dos jovens

O advento da internet proporcionou espaço e “voz” para os jovens se expressarem, principalmente por meio da escrita, mas essa liberdade trouxe problemas com o uso da gramática

Flávia Coltri

Todos os dias, ao navegar nas redes sociais, ler comentários, “posts” e desabafos é quase impossível não encontrar adolescentes e crianças que cometem erros absurdos de gra-

mática, ortografia e o uso de palavras abreviadas. Assim, surgiu uma discussão se a internet prejudica a escrita dos jovens. As opiniões de professores e especialistas são bem divididas, uma parte acredita que os problemas com a escrita sempre existiram e a internet apenas ajudou a evidenciar a dificuldade. “As redes sociais não prejudi-

cam a escrita das crianças e dos jovens. Eles têm muito mais informações do que um senhor de 69 anos como eu tinha quando jovem. Escrever com coesão e coerência, um texto mais elaborado do que simplesmente uma resposta no WhatsApp, requer domínio do escrever. O fato de dominarem as redes sociais não prejudica

a escrita. Pelo contrário, até ajuda.” É o que afirma o escritor e professor de gramática Luiz Puntel.

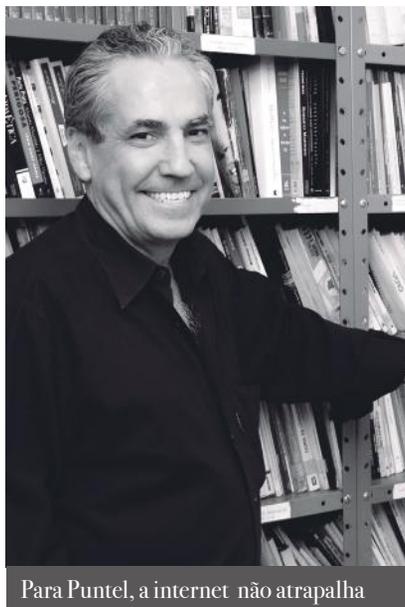
Outros professores responsabilizam as redes sociais e a internet por afastar os adolescentes e crianças da linguagem formal e da ortografia correta. “As redes sociais proporcionam uma falsa sensação de liberdade na qual as pessoas, principalmente crianças e adolescentes, imaginam que podem ler e escrever qualquer coisa, sem o compromisso com a correção ou com o vocabulário”, diz a professora de gramática, que dá aulas para o ensino médio, Gisele Caiero, 40 anos. O estudo feito em Washington, nos Estados Unidos, pelo Centro Pew Research Center com 2.462 professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio chegou a conclusão que a internet,



**NAS ESCOLAS,
ESTUDAMOS
MUITO, MAS
INTERPRETAMOS
POUCO**
Puntel

as redes sociais e celulares ajudam os estudantes a melhorar a criatividade e obter diversas informações, mas prejudica a escrita dos jovens. Entre os principais problemas apontados pela pesquisa estão a dificuldade de ler e compreender textos longos e complexos, a troca da linguagem formal pela coloquial, contendo o uso de gírias e gramática errônea, e também a cópia de textos publicados por outros autores em trabalhos escolares.

Já entre os erros mais apontados pelos professores entrevistados aparecem a falta de coesão, de concatenação entre os argumentos, entre as ideias e entre os parágrafos, pontuação incorreta, troca de letras, acentuação e a utilização equivocada de conectivos. “Há vários tipos de desvios, podendo ser de caráter ortográfico, como trocar



Para Puntel, a internet não atrapalha

as letras, acentuação, usos incorretos de conjunções e concordâncias. É frequente também a falta de vocabulário que prejudica o desenvolvimento de um texto escolar”, conta a professora Laís Boarini, de 27 anos.

FALTA DE INTERPRETAÇÃO

Segundo dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 2017, menos de 10% dos alunos entre 14 a 17 anos de escolas particulares do Brasil estão no nível considerado avançado de Português. Apenas esse seletivo grupo sabe se expressar e interpretar perfeitamente expressões de humor em contos, crônicas e artigos, por exemplo. Essa foi a primeira vez que as redes privadas

puderam se voluntariar para realizar o exame, ainda que com aproximadamente apenas 10% de alunos com o domínio da língua, o número é maior do que as redes públicas do Brasil que contam com apenas 4% dos estudantes. “Nas escolas, estudamos muito, mas interpretamos pouco. Os alunos só anotam, para serem cobrados em provas insossas e isso é culpa do sistema educacional, não da escola X ou Y. Vejo alguns posts na internet afirmando que escrever bem é diferenciar ‘mal’ de ‘mau’, ou ‘por que’ de ‘porquê’. A ortografia faz parte, mas o mais gritante é que os jovens não sabem pensar”, afirma Puntel.

Outro ponto a se considerar é o fato dos jovens quererem se adequar aos padrões dos grupos e a linguagem utilizada pela grande maioria. Muitas vezes, por esse motivo, ficam inseguros para usar a linguagem formal da língua portuguesa, seja no dia a dia ou nas redes sociais. “Eles sabem diferenciar as linguagens e os níveis, mas não utilizam a norma culta. Preferem pertencer ao grupo, fazer como os outros, por isso, seguem os padrões adotados pela maioria que utiliza as redes sociais”, conta Gisele.

Seja o efeito positivo ou negativo na escrita dos jovens, é importante que os pais controlem o tempo que seus filhos passam na frente da tela do celular ou do computador. ■



Erros grotescos de gramática



Infância conectada

Cada vez mais cedo, as crianças estão conectadas à internet, utilizam um tempo excessivo que pode comprometer à educação

Agenor Filho

Antes as crianças brincavam nas ruas e nas praças. Enquanto se divertiam, os pais ouviam suas vozes, escutavam as brincadeiras e mesmo à distância sabiam o que estava acontecendo. Nas casas não existiam dispositivos eletrônicos à disposição. Hoje, não se escutam suas vozes e nem se ouvem os gritos das brincadeiras. As crianças estão ali, mas ao mesmo tempo distantes dos pais e de suas famílias. Com seus dispositivos, estão cada vez mais conectadas ao mundo virtual. Ferramentas de internet como Facebook, YouTube e WhatsApp são utilizadas pelas crianças, muitas vezes, influenciadas pelos próprios pais para ganhar dinheiro com suas exposições. Neste contexto, vale pensar em como as relações ocorrem nestes aplicativos e como estes meios tecnológicos impactam a vida das crianças.

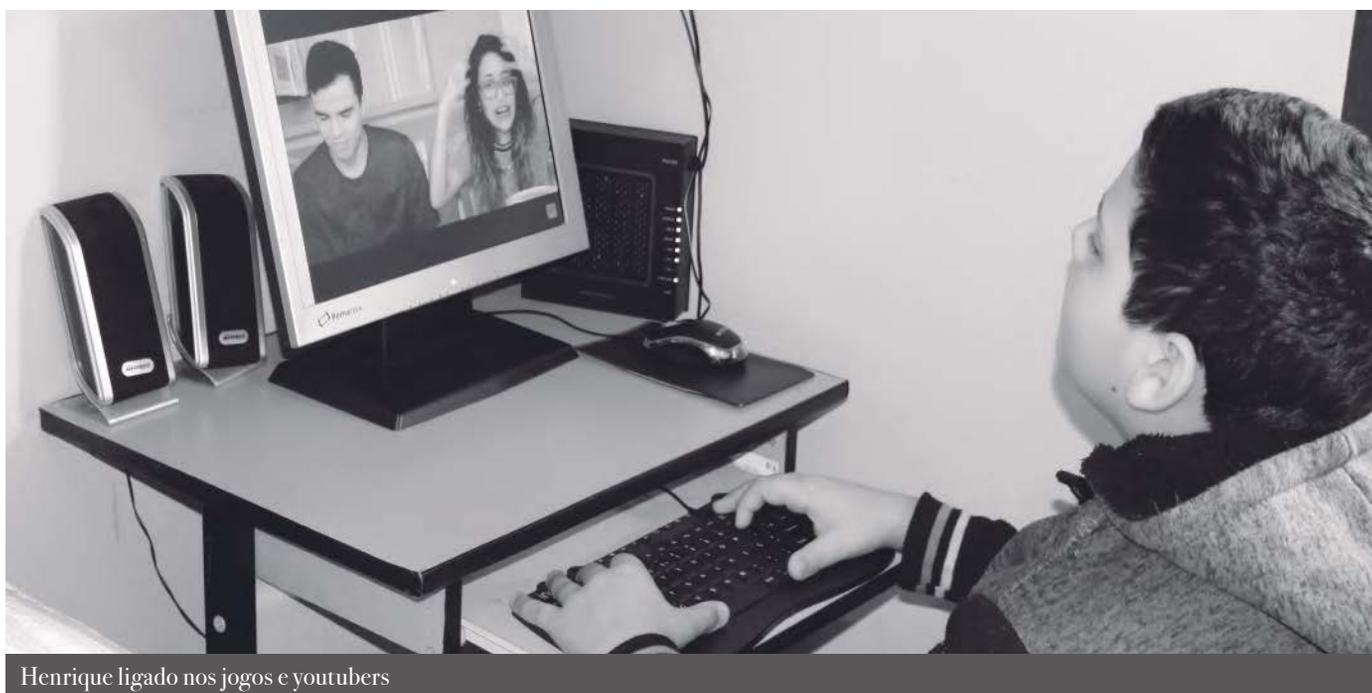
Em uma pesquisa informal em sala de aula, a professora Gláucia Valéria Xavier Couto apontou que os alunos do 3º ano C da Escola Estadual Portal do Alto, localizada na zona Oeste de Ribeirão Preto, têm acesso à internet e a outros meios tecnológicos. O levantamento constatou que os 30 alunos utilizam a internet, através de aplicativos. Quando não tem, buscam acesso em uma lan house. Segundo a professora, “infelizmente poucas crianças utilizam os meios tecnológicos com a finalidade de descobertas do conhecimento”. Nota-se que são poucos alunos que usam como ferramenta natural para uma necessidade. É o caso da aluna Júlia Ferreira, de oito anos, que afirma ter acesso a todas as plataformas digitais como e-mail, Facebook, YouTube e o WhatsApp. Ela administra o grupo das amigas, criado para trocar mensagens, compartilhar gostos, imagens e vídeos. Esse exemplo mostra como a tecnologia está tão próxima e expondo as crianças ao mundo virtual.

A pedagoga Nádia Ferreira, mãe de Júlia, diz que tem medo de tanta curiosidade e conhecimento tecnológico que a filha possui. “Ela chega me ensinar como mexer nos aplicativos”. A professora Gláucia teve o papel primordial para coordenar e facilitar o processo de captar os dados e informações com os alunos sobre a utilização da tecnologia. A pesquisa constatou que os 30 alunos da sala utilizam vários meios de acesso, inclusive lan house. Além disso, a professora abordou o assunto em reunião com os pais. “O problema do uso exagerado destes aplicativos, ocasiona as dificuldades apresentadas pelas crianças em sala de aula, principalmente no retorno das férias de julho quando elas ficam muito tempo em casa e voltam mais preguiçosas e sem estímulo pelos estudos”, afirmou Gláucia. A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) orienta que até os dois anos de idade não haja exposição à TV, computador, celular e tablet. A entidade considera que o desenvolvimento do cérebro ainda não está completo, o que requer contato com incentivos variados e ativos. Crianças acima desta faixa etária estão cada vez mais envolvidas com os meios tecnológicos.

Um estudo da Universidade da Califórnia concluiu que crianças que ficam mais de cinco dias sem conexão com dispositivos móveis sentem mais empatia e compreendem melhor os sentimentos e emoções. A mãe do aluno Henrique, de oito anos, Luciana Becari, percebeu que o uso exagerado do videogame estava prejudicando o garoto. A criança já não tinha estímulo pelos estudos e se deixasse virava a noite jogando. Luciana estabeleceu dias e horários de uso, mudou os hábitos da família e investiu em reforço escolar para Henrique. “Depois disso, percebi que ele melhorou nos estudos, obteve boas notas e recebeu elogios da professora”, conta a mãe.

**A SOCIEDADE
BRASILEIRA DE
PEDIATRIA (SBP)
ORIENTA QUE ATÉ
OS DOIS ANOS DE
IDADE NÃO HAJA
EXPOSIÇÃO A TV,
COMPUTADOR,
CELULAR E TABLET**

A auxiliar de limpeza hospitalar, Celma Soares, mãe da aluna Rubi, oito anos, considera normal o acesso que a filha tem aos vídeos dos youtubers, pois a menina respeita as normas estabelecidas. Os pais e a professora Gláucia se preocupam com o uso excessivo que as crianças fazem dos aplicativos. “Os alunos estão cada vez mais conectados com os aparelhos em casa, ficam trancados nos quartos. Perdem literalmente o gosto pela leitura, pelas brincadeiras tradicionais, pelo convívio com a família e amigos. Permanecem fechados num mundo virtual com tantas informações e estímulos”, avalia a professora. O psicólogo Márcio Ferreira, autor do artigo “Redes Sociais sem Monitoramento Expõe as Crianças”, orienta. “Nem sempre as redes sociais são vilãs, apesar de criarem uma nova configuração para a aprendizagem e o letramento. É necessário usar o bom senso e configurações de privacidade para não expor o menor ao bullying, a assédios e abusos, ao contato facilitado com estranhos, ao rastreamento e localização fácil, ao spam, à pornografia, à violência e ao conteúdo pago com dados do cartão dos pais”.



Henrique ligado nos jogos e youtubers



Tecnologia na sala de aula

Com o uso da tecnologia na sala de aula, é possível a criação de debates sobre o tema abordado e a troca de informações. Consequentemente, a interação entre os alunos favorece o aprendizado

Victória Morelli

Desde a Revolução Industrial e o período de ascensão do capitalismo, as tecnologias se desenvolvem em ritmo acelerado, até chegar aos dias atuais em que ela se encontra muito mais avançada. Dessa forma, a sociedade se torna cada vez mais tecnológica, o que interfere em diversas esferas, inclusive na educação. Nesse contexto, o giz, o quadro e os livros não são mais os únicos instrumentos que os professores possuem como aliados dentro da sala de aula, e isso faz com que eles desenvolvam novas maneiras de abordar o conteúdo das disciplinas.

Fernando Roselino, professor de ciências do 6º ao 9º ano, conta que começou a dar aula há 20 anos e, naquela época, as tecnologias utilizadas eram diferentes das atuais. “A gente, de fato, construía os sistemas. Por exemplo: em uma aula de lançamento vertical, eu montava com os alunos uma catapulta de

verdade com elástico e palito de sorvete”. Porém, as questões abstratas eram mais difíceis de serem abordadas e com a inclusão da tecnologia foi possível tornar visível de maneira prática o que antes demandava muito mais tempo de explicação.

A tecnologia também trouxe a agilidade no material extraclasse. Antigamente, quando era pedido um trabalho, precisava dar um prazo maior para a realização, pois era exigida pesquisa em livros, em enciclopédias, além de muitas vezes ser necessário se deslocar até a biblioteca. Hoje, com o auxílio da tecnologia, o aluno consegue acesso às informações de maneira mais rápida. “A questão é que precisamos ensiná-los a utilizarem os mecanismos de busca”, opina Fernando.

Assim, recursos como tablets, lousas digitais, aplicativos e acesso à internet permitem que as aulas ganhem vida nova, podendo apresentar os conteúdos disciplinares aos alunos por meio de plataformas verdadeiramente atraentes. “A geração atual é atraída pelas imagens. Por isso, com a integração da tecnologia, o ensino se tornou mais atrativo, possibilitando trazer

para dentro da sala um volume muito maior de informações com vídeos e aplicativos que podem ser utilizados”, comenta o professor de história Emerson Pires. A psicóloga Melina Vendrusculo explica que através de portais de ensino e redes sociais é possível que ocorra um estreitamento na relação entre professores e alunos, quebrando barreiras de comunicação e facilitando o acesso aos materiais extrassala de aula. “Essa relação ampliada e a maior troca de informações possibilitam mais dinamismo para ensinar e aprender”.

Na pesquisa TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) realizada em 2016 com escolas, diretores, coordenadores pedagógicos, professores e alunos de 5º a 9º ano, nota-se o crescimento das tecnologias da informação e da comunicação dentro da sala de aula. Devido à quantidade de informações com que os alunos são bombardeados diariamente, o uso da tecnologia a favor da aprendizagem estimula a percepção deles, de maneira que haja uma melhora na interpretação. Além de também já estarem acostumados a utilizar aparelhos tecnológicos, os alunos não se sentem estimulados com aulas exclusivamente expositivas. Por isso, a

tecnologia consegue deixar a aula mais dinâmica. A aluna Pietra Ferreira do 9º ano afirma que a inclusão da tecnologia a ajudou muito e deixou as aulas mais interessantes. “Eu consigo interagir melhor, achar diferentes maneiras de entender o conteúdo. Seu uso nunca interferiu de maneira negativa no meu rendimento durante os estudos, apenas me fez entender de forma mais clara. É um instrumento muito benéfico”.

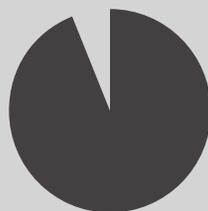
Quanto ao uso do celular na sala de aula, continua sendo proibido, mas

**COM A INTEGRAÇÃO
DA TECNOLOGIA A
AULA SE TORNOU
MAIS ATRATIVA,
POSSIBILITANDO
TRAZER PARA
DENTRO DA SALA UM
VOLUME MAIOR DE
INFORMAÇÕES**

como diz o ditado, “se não pode com eles, junte-se a eles”. É exatamente isso o que vários professores estão fazendo. “O uso não é livre, é orientado. Eu aviso o que vou pedir, determino o uso e aí sim, o aluno está liberado para utilizar o celular na aula”, explica Fernando. Segundo o professor, os estudantes ainda não são capazes de se desvencilhar do hipnotismo causado pelas redes sociais. “Infelizmente, como eles não sabem usar essa tecnologia, ainda não dá para que tenham acesso contínuo a ela, no dia que eles souberem se defender, aí sim”. É importante ressaltar que a tecnologia não interfere no conteúdo de ensino, ela é utilizada apenas como ferramenta e não como fator determinante. A psicóloga ainda concorda que a tecnologia não pode ser o único meio de aprendizagem. “O professor deve mesclar vídeos, pesquisas, jogos simuladores etc, com discussões, trabalhos em grupo, vivência fora da sala de aula para que o conteúdo fique dinâmico e se torne mais interessante e de fácil absorção pelos alunos”.

ACESSO À TECNOLOGIA NA SALA DE AULA

FONTE: Tecnologias da Informação e Comunicação de 2016



94% dos professores tiveram acesso a mais materiais diversificados ou de melhor qualidade.



49% dos professores já fazem uso do celular na sala de aula, e esse número tende a aumentar.



76% dos alunos concordam que a aula fica mais legal quando o professor usa a internet.



70% concordam que eles aprendem mais fácil quando a tecnologia é utilizada.



64% dizem prestar mais atenção na aula quando o professor usa a tecnologia.

Vergados pela tecnologia

O uso excessivo dos móveis, entre crianças e adolescentes, está criando uma geração de obcecados pela tecnologia. No futuro, as novas gerações poderão ter problemas de saúde

Thuany Santos

Nunca se olhou tanto para baixo. Na fila, no parque, na escola, no trabalho, no museu, no ônibus e, perigosamente, no carro, as pessoas parecem só ter um interesse: a tela do smartphone. A cena é tão comum que nem assusta mais, difícil encontrar alguém que ainda não se inseriu no mundo dos “vergados pela tecnologia”. As mães estão muito preocupadas com esse comportamento. “Minhas duas filhas, começaram a ficar agressivas uma com a outra por causa do tablet. Foi então que meu marido o espatifou na parede. Gritou que nenhuma das duas teria aparelhos eletrônicos e depois disso elas ficaram dois anos sem nada”, relembra a mãe de duas meninas de 7 e 11 anos. Gisele Vaz relata que conheceu o vício nos aparelhos eletrônicos por causa das filhas. “As duas são completamente bitoladas no celular e nas redes sociais. As 24 horas do dia eram pouco para elas e isso começou a atrapalhar em todas as atividades do dia a dia, pois ficaram totalmente dispersas”, diz. A mãe ainda conta que depois do episódio, que a assustou, estipula limites para o uso do aparelho. “Demorei a perceber

que o uso excessivo atrapalhou muito o desenvolvimento das minhas filhas. Elas têm um tempo livre para mexer, mas após às 20h, ninguém mais toca em nada. Dedicamos esse tempo para fazer algo juntas, seja ver um filme ou apenas conversar sobre o nosso dia”, comenta Gisele.

Junto com o “boom” da internet e o incrível desenvolvimento dos aparelhos eletrônicos, aumentaram as preocupações sobre as possíveis consequências negativas que o uso intenso dessas tecnologias poderia causar. Um deles é o vício por parte de crianças e de adolescentes, justamente na fase em que estão desenvolvendo os conhecimentos e o cérebro. O problema atingiu um nível que pode ser comparado ao uso de drogas, por exemplo, com as devidas proporções.

Simone Nascimento, que tem um filho de 13 anos, conta que desde que ele ganhou um celular, no início do ano, o uso compulsivo se tornou um grave problema, que atrapalha muito os relacionamentos. “Às vezes, sinto como se estivesse abandonada. A tecnologia se tornou mais interessante para ele e as conversas ‘olho no olho’ estão se tornando cada dia mais difíceis”, declara. A mãe conta que todos os dias sofre com a falta de atenção do filho

em atividades básicas do dia e, principalmente, quando tenta conversar com ele. “O problema maior são os jogos, ele não presta atenção em nada do que conversamos. Fico chateada e assustada com essa reação”, relata a mãe.

EPIDEMIA TECNOLÓGICA

De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016, divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), entre os usuários da internet com 10 anos ou mais de idade, aproximadamente 94% se conectaram via celular para trocar mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de e-mail. Elaine Hypólito, mãe e professora, avalia que hoje em dia fica impossível negar que as crianças estão viciadas na tecnologia e já nascem, praticamente, em contato com o mundo digital. “Todos estão enlouquecidos com a realidade virtual. Para mim é um absurdo uma criança que nem nasceu ter Instagram”, declara. A mãe conta como a dependência do smartphone atrapalhou a filha de 13 anos. “Percebi que ela perdeu o interesse de realizar tarefas comuns, como por exemplo, estudar. A atenção dela está voltada somente para o celular. Tomei a ini-



**OS PAIS
PRECISAM
ENTENDER
QUE CASTIGO
NÃO ADIANTA
E QUE SÃO
NECESSÁRIAS
REGRAS PARA A
UTILIZAÇÃO DO
APARELHO**

Elaine Hypólito

também dos pais, que precisam entender que castigo não adianta e que são necessárias regras para a utilização do aparelho”, declara Elaine. A psicologia pode ajudar. Letícia Ruiz, que atua na área, relata que os fatores que levam a utilização dos aparelhos eletrônicos se tornarem um vício são as facilidades de se realizar qualquer tarefa, desencadeando prejuízos mentais para crianças e adolescentes. “O mundo virtual se torna uma válvula de escape, onde a pes-

soa prefere ter uma vida on-line, a viver sua vida real”, conta. A psicóloga informa que crianças e adolescentes estão mais propícias a se tornarem viciadas. “A criança se adapta à tecnologia rapidamente, interagindo muito mais com os aparelhos, por verem os adultos utilizando. Para os adolescentes, os móveis são um aliado da solidão”, declara.

Letícia afirma que o grande erro dos pais e/ou cuidadores são as crianças brincarem à vontade no celular ou no videogame para dar sossego. “Os pais não entendem que isso prejudica o intelecto da criança. Tornam-se presentes a depressão, crises de ansiedade baixa autoestima, aumento de agressividade, etc.”, descreve. Ela também recomenda a melhor maneira de tratar e lidar com a situação. “A pessoa viciada precisa querer ser ajudada. Tudo na vida necessita de limites. Por isso, impor horários e fazer programas em família são fatores importantes”, finaliza a psicóloga. ■

ciativa de tirar o celular até realizar os trabalhos”, relata. Apesar disso, Elaine notou que a medida não foi eficaz. “Observei que ao tirar o celular dela, fazia de forma obrigada e não porque ela reconheceu que era necessário. Sempre que posso sento e converso sobre o assunto, fazendo com que ela proponha soluções para o problema”, descreve. A forma como a professora tratou a filha a ajudou a lidar com os alunos em sala de aula. “Sempre indico games educativos, onde precisam mostrar oconhecimento para ganhar o jogo. O diálogo nessas situações também tem papel fundamental e isso não depende só dos educadores, mas



adolescentes fazem uso intenso da tecnologia





Gravação para o canal “Eu o último, juro”, por Grabiela pedrão

A rede social que ensina

Além de entreter, a rede social tira dúvidas, revisa matérias, disponibiliza conteúdos didáticos, dá dicas de redação, atualidades, prepara estudantes para o vestibular, ajuda a adquirir conhecimento e torna possível o acesso à educação

Susana Karen

Milhares de estudantes, atualmente, procuram adquirir conhecimentos fora das salas de aula. Alguns porque acreditam que o ensino que recebem está fraco, outros porque querem ampliar o conhecimento. Devido a isso, tentam encontrar maneiras que sejam eficazes e ajudem a conquistar o que almejam, como passar no vestibular, por exemplo, o sonho de boa parte dos alunos brasi-

leiros. Assim, encontraram na rede social um novo meio para aprender. A estudante, Ana Carolina Brunetti, que este ano se prepara para prestar vestibular de Ciência da Computação, acredita que as redes sociais poderão ajudar neste momento. “Principalmente, devido ao acesso a várias notícias e informações mundiais, o que ajuda muito na redação, especificadamente”, diz. Aliás, Ana Carolina, comenta que busca as redes sociais apenas para adquirir mais

conhecimento e afirma que consegue se desconectar no momento de se entreter e estudar. “Tenho horários específicos para estudo, e durante esses horários não acesso às redes sociais”, revela a estudante.

Por meio das redes sociais, os estudantes conseguem encontrar páginas voltadas para diferentes áreas profissionais, vestibular, concurso, atualidades, dicas de redação e algumas que até fazem posts para incentivar o seguidor a construir senso crítico. Além disso, podem localizar

tutoriais, documentários e professores de diferentes áreas que produzem conteúdo para ajudar os alunos. Inclusive, os estudantes conseguem até pagar professores para ter aulas por videoconferências. A professora de Biologia, Andressa Helrighel, está entre os educadores que aproveitam a rede social para ensinar. Nesse meio há sete anos, Andressa faz parte dos membros de um canal que produz vídeos direcionados para vestibular. Acredita que os estudantes estão cada vez mais à procura de conteúdo nas redes sociais, principalmente por meio de vídeos. “Querem esclarecer dúvidas de aulas presenciais ou diminuir os custos com cursos de preparação ao Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e vestibulares, e ainda assim manter a qualidade”, afirma a professora.

O estudante, Wesley Perissin, que faz Engenharia Elétrica, confirma que para conseguir passar no vestibular, foi essencial adquirir conhecimento por meio das redes sociais. “Embora os conteúdos fossem apenas introdutórios, devido à gratuidade, eram uma ótima oportunidade de compreender um tema que, naquele momento, era novo para mim”, avalia Wesley.

Além disso, Andressa admite ser necessária a preparação para fazer videoaulas. “A grande preocupação é sempre passar o conteúdo de forma clara, alegre e tranquila”, afirma Andressa. Porém, a educadora revela ser



Cerca de 80% dos estudantes, com 10 anos ou mais, já utilizam a internet

difícil explicar nos vídeos a matéria de forma objetiva, principalmente, porque escolheu essa profissão para discutir as soluções de problemas ambientais. “Para mim é difícil esclarecer sem contextualização ambiental, como faço em minhas aulas presenciais”, conta a professora.

Aliás, quando se questiona a professora sobre se há diferença no ensino comum e nas videoaulas, ela afirma que sua experiência ensinou que a aprendizagem está diretamente relacionada à afetividade. “Quanto maior a proximidade entre professor e aluno, mais provável a formação de um vínculo positivo com a matéria a

ser aprendida”, comenta. Contudo, Andressa acredita que o meio virtual dificulta essa relação e ao mesmo tempo possibilita que o aluno revise a matéria quantas vezes considerar necessário. “A possibilidade de o estudante ‘pausar’ o professor e revisar a aula é uma maravilha que a internet possibilita”, afirma Andressa.

De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016 (Pnad Contínua TIC 2016), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dos 37,2 milhões de estudantes com 10 anos ou mais, 81,2% já utilizaram a internet. Entretanto,



A possibilidade de o estudante ‘pausar’ o professor e revisar a aula, quantas vezes forem necessárias, é uma maravilha que a internet possibilita. (Andressa Helrighel)



Andressa na gravação da videoaula

esse resultado cai para 60,4% entre aqueles que não eram estudantes. Na rede pública, 75% dos alunos acessaram a internet, em contraste com 97,4% dos alunos da rede privada. Além disso, 91,2% dos indivíduos com 14 anos ou mais ocupados, acessam a internet à procura de informações sobre educação, saúde humana e serviços sociais.

Wesley conta que o conteúdo que conseguiu por meio das redes sociais para prestar o vestibular não foi suficiente para começar sua graduação. “Ainda que o conteúdo tenha servido como um complemento importante para os meus estudos, acredito que sozinho ele não seria suficiente para preencher todas as lacunas porque, como disse antes, o conteúdo disponibilizado geralmente é introdutório”, relata o estudante. Apesar de o jovem já ter conquistado a vaga que tanto sonhava na USP (Universidade de São Paulo), afirma que ainda usa as redes sociais para aprender. “Utilizo muito plataforma de vídeos que tem sido bem importante para compreender totalmente os conceitos que aprendo em aula”, assegura Wesley.

A bibliotecária e doutoranda em Ciência da Informação, Gabriela Pedrão, que produz conteúdo para o canal ‘É o último, juro’, que foi criado pelo fato dela não ter passado em um processo seletivo de doutorado e estar totalmente desanimada, acredita que esse canal poderia aproximá-la dos alunos da escola da biblioteca em que trabalhava. “Juntando tudo eu teria um projeto para me dedicar e que me ajudaria a sair da ‘fossa’ de não estar cursando o doutorado, que me aproximaria dos alunos com os quais eu trabalhava. Isso ainda poderia me ajudar a reestabelecer minhas metas de leitura”, confessa Gabriela.

No canal, ‘É o último, juro’, um dos assuntos predominantes são resenhas de livros e Gabriela Pedrão acredita ser essencial criar conteúdo

que agregue conhecimento. “Acho importante ter um conteúdo que agregue algo à vida das pessoas, uma curiosidade, um fato, um olhar sobre determinado livro e que, principalmente, fomente debate e faça cada um pensar um pouco sobre um assunto”, comenta.

A bibliotecária conta que quando começou seu canal os assuntos principais eram livros dos gêneros de ficção científica, fantasia épica e suspense policial, por serem assuntos pouco discutidos na internet. Mas, reconhece que com o tempo seu gosto por outros gêneros aumentou e agora também resenha sobre clássicos e contemporâneos brasileiros. Aliás, a doutoranda, produz “vlogs

de estudos”, por considerar que essa troca de experiências e métodos de estudos são muito ricas. “Como é um compartilhamento de hábitos e métodos é possível levar algumas dicas para quem acha que está rendendo pouco, ou que está perdido sobre como começar a se organizar, por exemplo”, afirma Gabriela.

Além disso, a bibliotecária lembra que a literatura continua um tema marginal na sociedade. “É necessário levantar debates, trazer opiniões, olhares e sensações que os livros evocam durante a leitura, para, além de conversar, incentivar mais pessoas a entrarem nesse universo”, revela. Gabriela também acredita que o livro vai além do conhecimento e pode auxiliar na formação pessoal. “Um bom livro levanta questionamentos, discute tabus, faz o leitor pensar sobre sua opinião ou posicionamento em diversos temas e aguça o senso crítico”, argumenta. Contudo, a doutoranda observa que o livro ajuda a construir o indivíduo como parte de uma sociedade e melhora a compreensão. Quando isso não acontece, o senso crítico não se desenvolve e prejudica o país. “Grande parte dos problemas atuais se deve a essa falta de senso crítico”, relata. ■



Grande parte dos problemas do país atualmente se devem a essa falta de senso crítico

Gabriela Pedrão



Gabriela e a resenha do pêndulo de Foucault



Ajuda que vem do céu

Aliados da agricultura de precisão, os drones aumentam o rendimento das lavouras e diminuem o consumo de agrotóxicos

Maria Beatriz Stivaletti

Na agronomia, o uso dos drones iniciou na demarcação da área de plantio, acompanhamento da safra e das pastagens, monitoramento de desmatamento, localização de nascentes e diminuição de pragas. Em pesquisa realizada em 2017, com o uso dos drones, os gastos com insumos foram reduzidos em até 80% na pulverização, aumentando os rendimentos das lavouras. A palavra drone possui origem inglesa e traduzindo significa “zangão”. Esse nome foi dado graças às pequenas aeronaves. Inicialmente, os veículos aéreos não tripulados (VANTs) utilizavam câmeras para a gravação e reconhecimento do terreno. Atualmente, são equipados com armas e sensores de alta precisão tendo seu uso difundido nas mais diversas áreas.

“
HOJE ELES SÃO CONSIDERADOS PELA AGRICULTURA MODERNA UMA FERRAMENTA FUNDAMENTAL NO PACOTE TECNOLÓGICO, OFERECENDO SUPORTE EM TODAS AS FASES DA CULTURA E NA IMPLANTAÇÃO DE PROJETOS, COM INFORMAÇÕES ALTAMENTE CONFIÁVEIS.

Os defensivos agrícolas são produtos utilizados para controlar a proliferação de organismos nocivos à plantação, à criação de animais e ao próprio homem. Nas lavouras, a aplicação de defensivos reduziu as perdas e aumentou a produção do campo de modo surpreendente. Os drones são resistentes à água e monitoraram qualquer tipo de cultivo, em qualquer área geográfica, sob qualquer condição climática. Para Eonil Medrado, representante da Drone Center, em Ribeirão, o equipamento está se tornando cada vez mais popular em diversas áreas. Fazendo uma analogia, o Drone serve para a agricultura como o raio-x auxilia o médico. De posse deste mapa da lavoura, o agrônomo ou produtor vai até o campo visitar as áreas que estão com problemas para verificar quais são as causas e prescrever as ações necessárias.



Drone na colheita da cana de açúcar

Após o mapeamento aéreo com drones e de posse das coordenadas dos problemas encontrados na lavoura, um agrônomo vai até o local onde a deficiência se encontra. Após algumas análises, o profissional constatou que nessa região será necessária a aplicação de nitrogênio. Em seguida, após o prazo de ação do produto, faz-se um novo voo e compara-se com a panorâmica anterior para analisar se houve melhorias e a eficiência da aplicação. Para a engenheira Mariana Antunes, o mapeamento aéreo fornece suporte para o gerenciamento estratégico do plantio, apresentando indicadores qualitativos e quantitativos que, se bem interpretados, aumentam a produtividade e diminuem os custos.

Em 2017, a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) estabeleceu a primeira legislação sobre o uso comercial de drones. Os equipa-

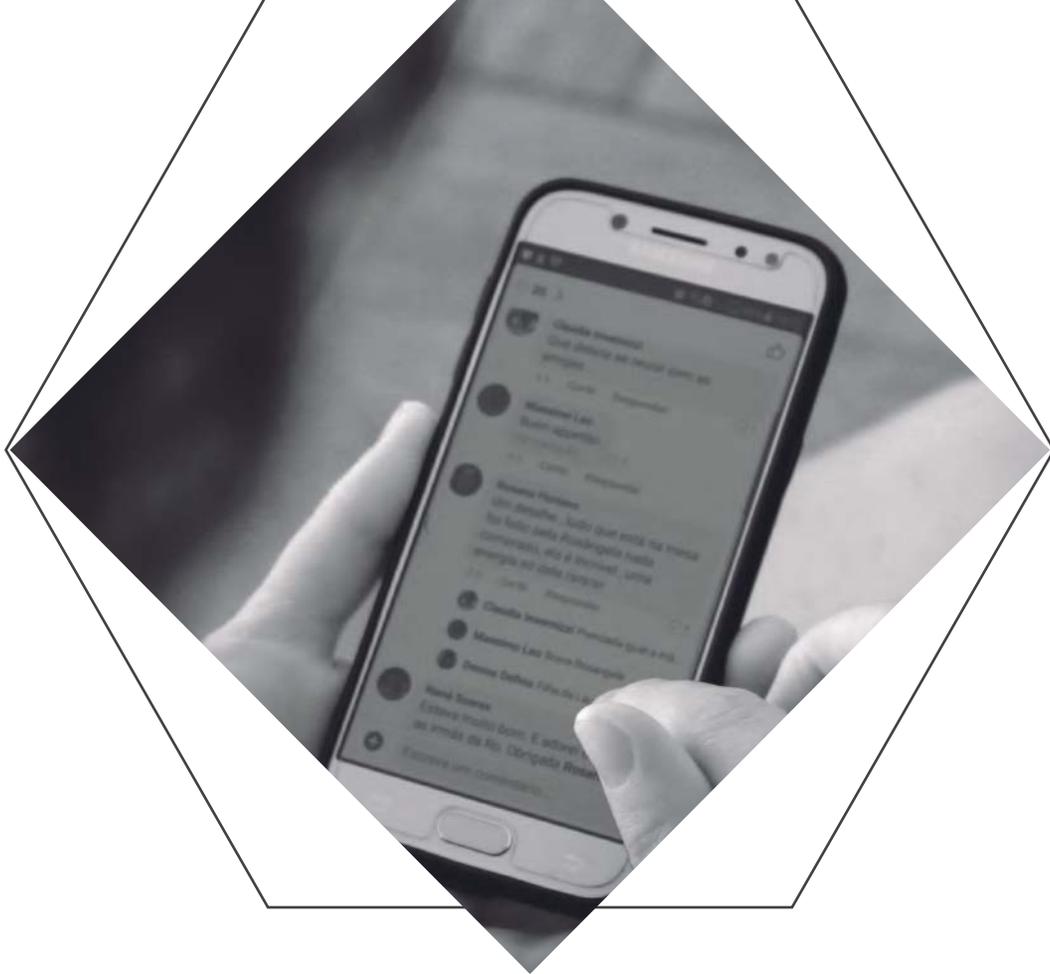
mentos foram distribuídos em três categorias por peso (até 25 kgs, até 150 kgs e acima de 150 kgs) entre outras regras de uso e licenciamento. O VANT/drone se divide em duas partes: a plataforma e o sensor embarcado. A função da plataforma é transportar o sensor, garantindo um voo estabilizado e seguro, enquanto os sensores (câmeras) são responsáveis por capturar as informações do terreno. Os drones são comercializados livremente sem nenhuma obrigação de treinamento técnico ou operacional, mas por ser um equipamento de custo elevado e risco de acidente quando mal utilizado, pode inclusive ferir pessoas e causar danos materiais a terceiros. Algumas empresas oferecem um treinamento básico aos clientes na aquisição do equipamento. Ainda existem cursos aprofundados para quem deseja se profissionalizar.

O CUSTO DO EQUIPAMENTO

Estima-se que 25% do faturamento mundial dos veículos aéreos não tripulados sejam utilizados na agricultura. Os valores variam de acordo com o tamanho e a tecnologia. O drone pode custar de R\$ 2.000,00 até R\$ 2.000.000,00 de acordo com capacidade do equipamento, aplicação e tecnologia embarcada. O drone de uso profissional mais comercializado hoje no Brasil tem um preço médio de R\$ 30.000,00, enquanto um equipamento com características comerciais custa, em média, R\$ 10.000,00. A locação é realizada em conjunto com um operador devidamente treinado no equipamento. O preço de uma diária varia de acordo com o modelo e o trabalho a ser executado, oscilando entre R\$ 1.000,00 e R\$ 5.000,00. ■



A engenheira Mariana Antunes afirma que o mapeamento aéreo auxilia o plantio



A judicialização das redes sociais

Publicações ofensivas nas redes sociais podem causar consequências jurídicas aos usuários. Além da condenação por crimes contra a honra de outras pessoas, as penas estabelecem pagamento de indenização financeira

Artur Moresca

Os usuários das redes sociais possuem diversas opções para gastar seu tempo em frente às telas. No ambiente virtual é possível encontrar desde piadas,

fotos de amigos em diversos momentos do cotidiano, até notícias e opiniões políticas, publicadas por qualquer pessoa que tenha interesse em compartilhar seu ponto de vista. No entanto, a liberdade de expressão deve respeitar o direito à honra. Dessa forma, acusar alguém na internet, sem possuir pro-

vas, pode também trazer consequências jurídicas para o autor da postagem.

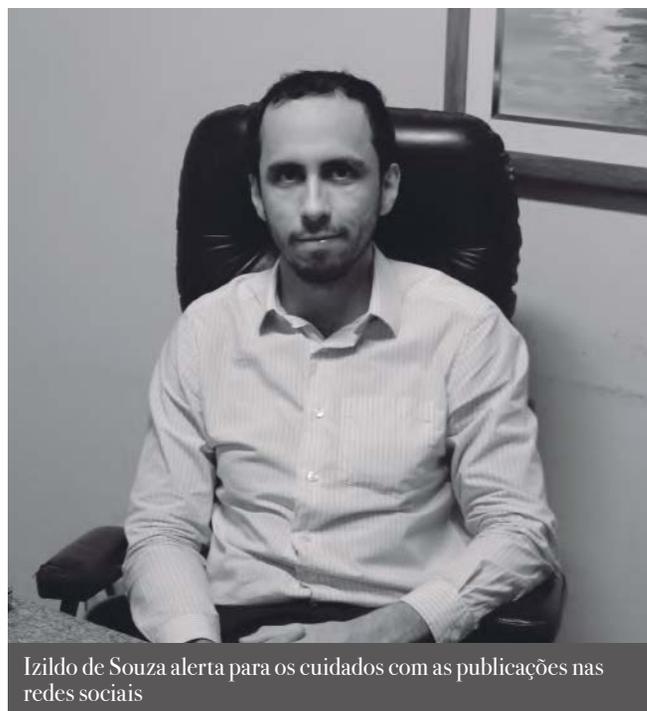
Em Ribeirão Preto, um homem foi condenado, em 1ª instância, a pagar indenização de R\$ 10 mil por danos morais, após acusar uma mulher em sua página pessoal no Facebook de criminosa. Nos autos do processo, o homem afirmou que as críticas foram feitas dentro de um contexto político, diante de irregularidades apontadas pela Prefeitura Municipal na prestação de contas de um instituto educacional, na época, presidido pela autora da ação. O réu no processo alegou também que o texto publicado não foi de sua autoria, já que ele compartilhou fatos noticiados pela imprensa da região.

APESAR DE CONDENAR PESSOAS QUE VIOLAM AS LEIS ATRAVÉS DA INTERNET, A JUSTIÇA TAMBÉM TEM A PREOCUPAÇÃO DE REGULAMENTAR AS EMPRESAS QUE FORNECEM OS SERVIÇOS ON-LINE

A juíza de Direito, Rebeca Mendes Batista, da 10ª vara Cível, entendeu que o texto não se restringiu ao contexto político, extrapolando o limite da liberdade de expressão e violando a honra da autora. “Muito embora tenha publicado texto com base em fatos noticiados por empresa jornalística, tal fato não afasta sua responsabilidade pela publicação feita, eis que a ninguém é dado compartilhar, reproduzir ou replicar notícias ofensivas a quem quer que seja”, ressaltou a juíza em sua decisão. Rebeca Mendes também julgou que o Facebook e o Google não foram responsáveis pelos fatos. De acordo com a sentença, somente em caso de descumprimento do usuário em excluir a postagem, o que não ocorreu, é que as empresas deveriam agir. Apesar de ter sido julgado em 1º grau, o Tribunal de Justiça de São Paulo ainda analisará recurso da parte condenada.

De acordo com o advogado Izildo Inácio de Souza, coordenador da Comissão de Direito Digital, Internet e Tecnologia da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de Ribeirão Preto, os usuários devem estar cientes de que a liberdade de expressão deve respeitar o direito das outras pessoas. “Essa noção de que a internet é uma terra sem lei já está bem desatualizada”, comenta o advogado. Em outro caso envolvendo a Justiça e as redes sociais em Ribeirão Preto, uma mulher foi condenada em 1ª instância por publicar em sua conta do Facebook um comentário denegrindo a imagem da empresa onde foi funcionária. Na publicação, a mulher, que trabalhou como atendente no setor de vendas da empresa de pneus, identificou-se como ex-funcionária e aconselhou seus seguidores a evitarem os serviços da empresa, acusando-a de “roubo descarado”. Na Justiça, a empresa pediu que o perfil da mulher fosse excluído ou bloqueado do Facebook

e argumentou que o comentário postado foi ofensivo, sendo cabível indenização por danos morais. Ao analisar o caso, o juiz Thomaz Carvalhaes Ferreira, da 7ª vara Cível, entendeu que, de fato, o comentário foi difamatório. “A liberdade de expressão não é ilimitada e todo aquele que causar dano a outrem, no caso com depreciação à imagem da autora, deve suportar as consequências indenizatórias correlatas”. A mulher foi condenada pagar indenização de R\$ 3 mil, referentes aos danos morais causados pela publicação. Segundo o juiz, o valor foi determinado de acordo com as condições da ré, que tinha pouco mais de 300 seguidores na rede social e não conseguiria pagar uma quantia superior a que foi estabelecida. Após os recursos serem apresentados, a ação, que tem tramitação prioritária, será analisada em 2º grau.



Izildo de Souza alerta para os cuidados com as publicações nas redes sociais

No Brasil, o Marco Civil da Internet (lei 12.965 de 2014) estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para os usuários e determina que os provedores de rede somente serão responsabilizados se descumprirem alguma decisão judicial. Com isso, as redes sociais não são obrigadas a fiscalizar e coibir conteúdos ofensivos publicados, quando não houver uma determinação da Justiça, exceto em casos de publicações que contenham conteúdos de pedofilia, que devem ser retiradas automaticamente. Segundo Izildo, o marco civil da internet foi positivo para regulamentar o meio digital. No entanto, o advogado observa que a medida deve ser complementada pela lei 13.709/18, que trata sobre a proteção de dados pessoais. “A Lei Geral de Proteção de Dados foi feita de acordo com os padrões americanos e europeus, então vai ser muito interessante daqui para frente”.



A liberdade de expressão proporcionada pela internet também deu voz às ofensas gratuitas. Muitas pessoas sofrem violência pela escolha política, pela aparência estética e até mesmo por desavenças com amigos

Maria Júlia Petroni

O ódio nas redes sociais

A tecnologia, em sua evolução, permitiu que a internet se tornasse uma ferramenta de liberdade de expressão que além de difundir, criar e oferecer conteúdo, aproxima pessoas de diversos lugares. Por outro lado, as redes sociais abriram portas para internautas que usam essa liberdade de uma maneira negativa. Conhecidos como “haters”, essas pessoas incitam o ódio e a violência, usando as páginas das redes

sociais para atacar aqueles que são diferentes, ou que tenham opiniões contrárias. A adolescente T.L precisou excluir o seu Facebook, temporariamente, por não aguentar os comentários maldosos que recebia nas fotos que postava. Isso aconteceu porque há nove anos realizou uma cirurgia para retirar um hemangioma, acúmulo anormal de vasos sanguíneos na pele. Por um erro médico, perdeu parte do nariz e da boca. Os comentários de pessoas que ela não conhecia eram os mais variados. “Escreviam que a foto não estava bonita, que eu deveria parar

de postar, que eu era feia, sem nariz e sem boca. É ruim, é uma coisa que eu não desejo nem para os meus inimigos. As pessoas dizem da boca para fora e a gente escuta do coração para dentro. Machuca e dói”, desabafa a menina.

T.L não está sozinha. Nos últimos 12 anos, a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos recebeu, aproximadamente, quatro milhões de queixas relacionadas ao ódio na internet. Entre os crimes estavam racismo, neonazismo, intolerância religiosa, homofobia, incitação de crimes contra a vida, maus tratos a animais e pedofilia. Outro levantamento feito pelo Instituto de pesquisa (Ipsos) aponta que o Brasil é o segundo país com o maior número de casos de Cyberbullying contra crianças e adolescentes. A idéia de que a internet é uma terra sem lei foi usada como brecha por muitos “haters” que pensavam que as autoridades não seriam capazes de regular os atos praticados na rede, mas o especialista em direito digital



Para o advogado Gustavo D'Andrea, as vítimas devem recorrer às autoridades

Gustavo D'Andrea afirma que esse é um conceito obsoleto, pois o desenvolvimento do Direito da Tecnologia da Informação, com estudos e novas leis sobre o tema, mostrou que os ambientes digitais são como uma extensão da vida material e que as normas jurídicas alcançam esse meio nor-

malmente. O especialista orienta que são inúmeras as leis que podem proteger os direitos dos usuários, como o Marco Civil da Internet e a mais recente Lei Geral da Proteção de dados. Acima de todas, está a Constituição Federal que possui uma lista abrangente de direitos fundamentais, dependendo do litígio. Alguns exemplos são o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o Código de Defesa do Consumidor, o Código Civil e o Código Penal.



**NOS ÚLTIMOS
12 ANOS, A CENTRAL
NACIONAL DE
DENÚNCIAS
DE CRIMES
CIBERNÉTICOS
RECEBEU,
APROXIMADAMENTE,
QUATRO MILHÕES DE
QUEIXAS**

O caso de Letycia Suzuki não foi diferente. Ela trabalha em uma livraria e relata que sempre conversou abertamente com os clientes durante os atendimentos sobre suas ideologias e opiniões, mas ao expor em seu Facebook a intenção de voto, e por também se posicionar contra um candidato começou a se sentir coagida. Ela conta que sofreu um bombardeio de críticas por inbox, comentários nas postagens e, aproximadamente, 30 ligações por dia de números desconhecidos. Quando atende, precisa lidar com pessoas que dizem ofensas, palavrões e palavras de ordem. Letycia acredita que neste momento a opinião só é válida se for de acordo com o que a maioria pensa, e que as causas que procura defender não são apenas feministas, mas sim humanistas. “Se quisermos ter paz, temos que nadar a favor da correnteza. Muitas vezes, eu postava e, em seguida, já pensava em

apagar. Foi quando comecei a ver que a causa que eu defendo tem que ser meu alicerce”, declara a jovem.

AGRESSÕES NA REDE

Os ataques nas redes podem acontecer por vários motivos, sejam eles escancarados ou até mesmo mascarados, como no caso da estudante V.M, que manteve por um ano um grupo de amigas virtuais via WhatsApp. Quando, por motivos pessoais, precisou se ausentar por um tempo, começou a ser criticada por essas mesmas amigas, e passou a receber mensagens de ódio. Após bloquear e desfazer as amizades, foi atacada por meio de contas falsas. O advogado Gustavo D'Andrea aconselha que nessas situações o primeiro passo é se abster de fazer justiça com as próprias mãos, principalmente na internet, pois surgem muitos casos de suposta vitimização. “Grupos se unem para destruir moralmente o suposto agressor. A troca de ofensas acaba sendo banalizada, levando a um círculo vicioso de violência recíproca. Por isso, as vítimas sempre devem recorrer às autoridades públicas policiais e judiciais, a advogados e, em alguns casos, à Defensoria Pública, para que seus direitos sejam resguardados por meio do devido processo legal”, esclarece D'Andrea.

Na visão da psicóloga Giovana Stefanelli, o ataque verbal não está abaixo da agressão física, tanto a curto ou a longo prazo seus efeitos são nocivos. A internet possibilita uma liberdade que passa a impressão de existir uma barreira sobre o real. “As pessoas acabam perdendo o bom senso, principalmente pela facilidade de acesso à vida das outras pessoas”, avalia a psicóloga. Segundo ela, esse ódio já existia, mas era contido no pensamento, pois o olho no olho impede essa disseminação. “A liberdade de expressão está se confundindo com libertinagem, sem pensar no que isso pode afetar. Podemos sim falar e fazer muitas coisas, mas nem tudo precisa ser dito”, finaliza Giovana. ■



Web oculta, além da navegação

A Web Oculta, denominada Deep Web, concede acesso a diversos links, entre eles, informações confidenciais de governos, apostilas de universidades, compras ilegais de armas, drogas, tráfico de pessoas e até mesmo de bonecas sexuais

Bruna Marchi

A Deep Web (DW), parte oculta da internet comum, não está indexada a nenhum site de busca tradicional e também não possui censura. Os governos podem monitorar livremente, o que levou à queda de algumas páginas ilegais, e quem se conecta torna-se responsável pelos atos cometidos na rede. A curiosidade, muitas vezes, devido a alguns comentários e teorias da conspiração, desperta o interesse em vários usuários da internet comum, como o caso de Cosme Barros. Aos 23 anos, formado em Engenharia de Produção, em meados de 2010, quando ainda cursava o ensino médio, Cosme começou a acessar DW. Junto aos amigos, queria descobrir atividades relacionadas às conspirações aos segredos de governos e às bizarrices que muitos comentavam.

Segundo o engenheiro, desvendar como entrar na Web Oculta dá um pouco de trabalho, mas foi um dos primeiros do grupo a descobrir o “passo a passo” para acessar. Cosme conta que há um aplicativo com uma única finalidade que facilita o acesso, pois mantém em anonimato, criando a cada instante um IP totalmente diferente do seu original. “O primeiro passo é manter o anonimato. Constantemente, hackers e policiais estão à procura de crimes que são cometidos e publicados na DW, como a pedofilia.”



A Deep Web é um conjunto de sites e servidores criptografados

Os sites são difíceis de serem encontrados e possuem bilhões de caracteres para dificultar o acesso de intrusos. “Para isso, utiliza-se um site considerado o “tio google” da DW, que oferece vários links logo de cara”, relata o antigo usuário, que encontrou 99% das conexões em outras línguas e totalmente desagradáveis.

Através de links disponíveis na Deep Web, existem sites que discutem assuntos bem incomuns, criminosos e que são expostos sem nenhuma restrição. “Vi links que mostravam pessoas compartilhando automutilações e era só o começo. Tinha canibalismo, assassinatos cruéis, pedofilia, terrorismo, bonecas sexuais, estudos bizarros com humanos, tudo em fotos, vídeos ou ao vivo. Acredite ou não existe um mercado para esses temas”, afirma Cosme. O internauta encontrou um site específico que vendia livremente serviços de assassinatos, seguidos de vídeos com os trabalhos realizados anteriormente. O contratante apresenta uma prova de trabalho para aprovação do contrato e o valor é cobrado de acordo com a influência da pessoa na sociedade. “Tem vendas de drogas e armas de fogo de todos os portes. Tudo é pago por bitcoin, a moeda usada para todas as compras na rede”, afirma o engenheiro.

Cosme confirma a existência de documentos secretos sobre Objetos Voadores Não Identificados (OVNIS),

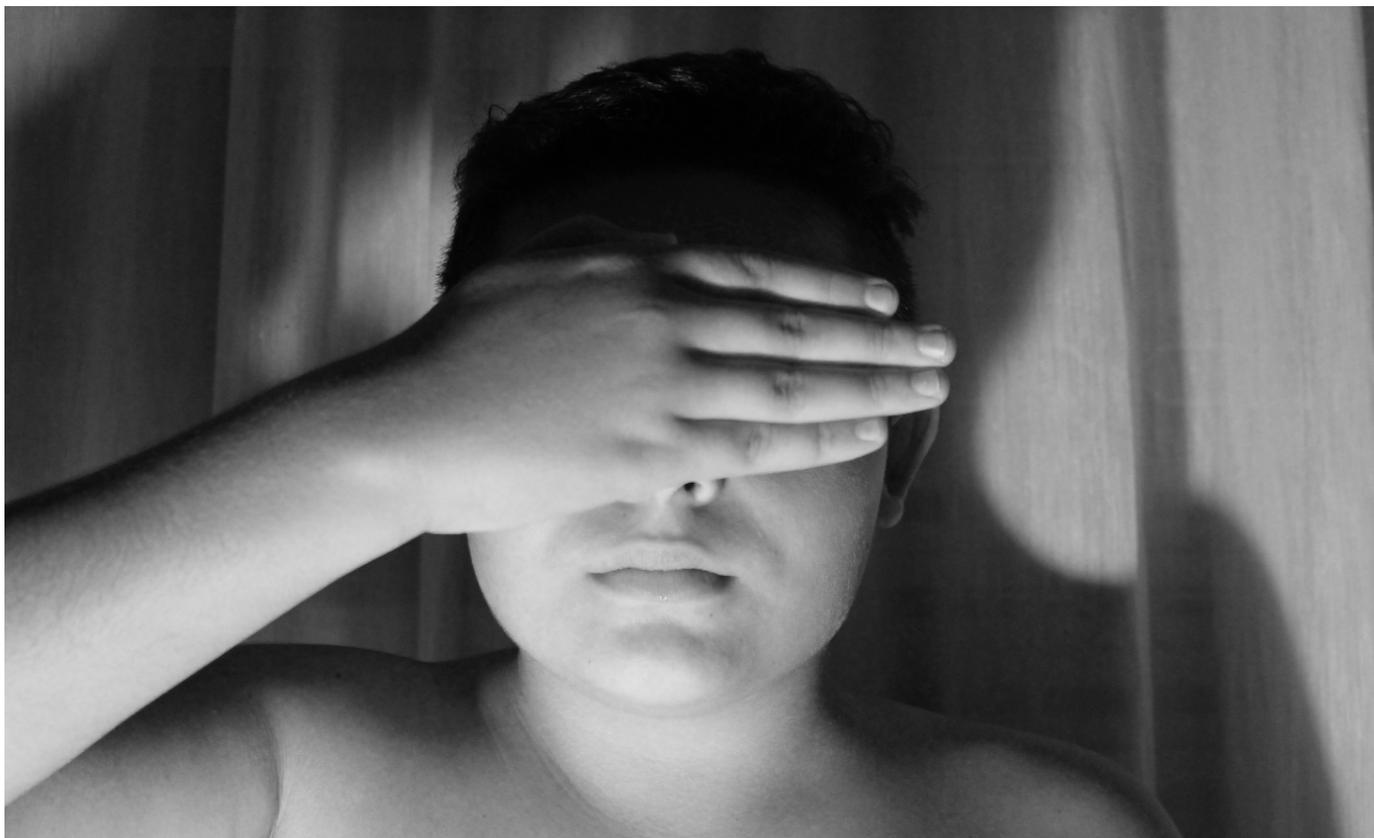
projetos de naves espaciais, projetos de Nikola Tesla (1858-1943) – um inventor nos campos da engenharia mecânica e eletrotécnica – carros movidos a água, segredos de estado, manuais de hipnose, magia e até projetos de criação de super-humanos. Os motivos que o fizeram parar de navegar na DW foi por conhecer o que queria e por ter o sigilo quebrado pelos hackers, o que atrapalhou ainda mais a conexão. “Gostava muito de navegar nesse ambiente, tinha acesso a muitas informações, documentos que mostravam outras visões de mundo”, conta o engenheiro, acrescentando que as apostilas de Engenharia da Universidade de Massachusetts ajudaram na realização de trabalhos da faculdade.

ATIVIDADES ILEGAIS

No entanto, a Web oculta ainda é um desafio para muitos investigadores internacionais devido ao sistema ser programado para trabalhar no anonimato. Segundo estudos realizados na Universidade da Califórnia em Berkeley nos EUA, os usuários têm acesso a 10% da internet global, denominada Surface Web. Eduardo Zaccari, formado em Ciência da Computação, diz que Deep Web é um termo para explicar um conjunto de sites e servidores de internet criptografados. “Os conteúdos não são indexados a nenhum site de busca tradicionalmente utilizado, como, por exemplo, Google, Bing e Yahoo”.

Segundo Eduardo, a página inserida na Deep Web utiliza registros independentes, ou seja, não utilizam a ICANN (Internet Corporation for Assigned Names and Numbers), uma organização responsável por apontar para o mundo qual DNS (Domain Name System) utilizará o domínio de topo. Muitos rumores conhecidos por aqueles que procuram sobre a DW, na verdade, dizem respeito a Dark Web, que seria uma seção abaixo da Deep Web, relata Eduardo. “A Dark Web é composta de um outro conjunto de sites anônimos que, diferente da Deep Web, necessitam de programas específicos para serem acessados.” Eduardo afirma que não existe vigilância suficiente para essa enorme área secreta – 500 vezes maior que a web comum – e, com isso, tornou-se uma área repleta de atividades ilegais.

Para Gustavo D’andrea, doutor em Direito Digital, é muito difícil encontrar e responsabilizar autores – que não são, necessariamente, hackers – de ilícitos cometidos por meio da Dark Web, pela dificuldade de rastreamento. Para o especialista, uma atividade bem desenvolvida de inteligência e paciência, pode ajudar no combate aos ilícitos praticados ali. “A famosa “Silk Road”, mercado de produtos ilícitos da Dark Web, foi desmantelada pela polícia dos Estados Unidos, através de um apelido que um usuário utilizava em fóruns on-line. Depois das investigações, entra em cena o poder judiciário e todo um processo de ação e defesa, como deve ocorrer em qualquer outro caso de cometimento de atos ilícitos”, relata o advogado. Na Deep Web e, especialmente, na Dark Web, a oferta de conteúdos continua crescendo sem controle. “A melhor prevenção é a educação sobre as responsabilidades digitais desde cedo, em casa e na escola, ao lado do contínuo desenvolvimento de técnicas de inteligência e combate ao crime”, finaliza Gustavo. ■



Vidas em risco

Diante da instabilidade das relações interpessoais da atualidade, os jogos perigosos da internet envolvem pessoas que estão se sentindo sozinhas, frágeis e tristes. Essa conexão coloca a segurança dos internautas em risco

Lorena Vieira

Jogo da asfixia, desafio do desodorante, desafio da canela, desafio do cronômetro, jogo do desmaio, baleia azul e outros fazem parte da lista de “brincadeiras” perigosas da internet. O público alvo são os adolescentes, em sua maioria, já fragilizados e com algum transtorno psicológico ainda não tratado e,

muitas vezes, nem descoberto. São 86% das crianças e dos adolescentes brasileiros, com idades entre 9 e 17 anos, que possuem perfis ativos nas redes sociais segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil. Ou seja, são mais de 24 milhões de menores com acesso livre à internet e sem supervisão, o que possibilita o contato com qualquer tipo de conteúdo, inclusive esses jogos perigosos.

Um dos mais famosos da lista é o jogo Baleia Azul que repercutiu na mídia em 2017. A brincadeira pode já ter provocado a morte de mais de 130 pessoas no mundo inteiro. A maioria dos casos ocorreu na Rússia, onde o jogo foi criado. Três casos ocorreram no Brasil. Outro é o “jogo da asfixia” ou “choking game” que já tem uma vítima registrada no país. Os EUA contabilizaram 672 mortes nos últimos dez anos, o dobro da dé-

cada anterior. Na França, que registra dez mortes por ano em função do “choking game”, já existe uma associação de pais de vítimas do desafio.

Segundo a psicóloga Michelle de Barros, os adolescentes são o principal alvo, pois estão em um período de fragilidade e instabilidade emocional e psíquica. “É um momento de transformação onde eles estão saindo de uma fase infantil e começando a descobrir a vida adulta. É muito hormônio e tudo isso gera estresse e insegurança. Além do mais, hoje as relações interpessoais estão muito diferentes. Estão acontecendo por meio das redes sociais, o que acaba criando isolamento e introspecção. Estão se expressando através da internet, mas, muitas vezes, eles estão passando uma imagem que gostariam de estar vivendo e não estão, ou seja, esse acúmulo de insatisfação não é compartilhado.”

O adolescente de 16 anos, Bruno, conta que começou a participar do jogo Baleia Azul por influência da própria internet. “Eu via todo mundo falando dele nas redes sociais e fiquei curioso para saber do que se tratava. Comecei a jogar e os primeiros desafios eram fáceis, mas depois começaram a complicar. Eu decidi parar e fui ameaçado por isso. Fiquei com muito medo e contei para minha mãe.” Ele ainda relata que depois do ocorrido, começou a ter pesadelos e a não dormir bem. Iniciou acompanhamento psicológico e descobriu que sofria de ansiedade. Ainda poderia desenvolver outros distúrbios se não fizesse tratamento. “Os jovens que buscam esse tipo de brincadeira já vêm sofrendo algum tipo de transtorno mental ou estão envolvidos em conflitos familiares. Esses jogos atingem, em sua maioria, jovens vulneráveis, ou seja, o problema nitidamente não está só nos jogos, mas sim em como eles vivem suas vidas em particular”, diz o psicólogo Águiner Rodrigues. “Uma boa convivência familiar, muito diálogo, uma rede de apoio são características protetivas.

Jovens que se sentem ouvidos, amados e cuidados, dificilmente buscam auxílio nesses jogos”, acrescenta o psicólogo.

Michelle Barros relata também outros perfis de jovens que buscam essas brincadeiras. “Tem o desafiador. Esse transtorno é muito comum na adolescência. Ele não aceita regras e tem muita dificuldade em segui-las, principalmente de autoridades. Tudo de errado que falam que ele não deve fazer, ele quer fazer e faz. Já o psicopata tem tendência em provocar o mal no próximo. É um jogo convidativo tanto para pessoas que estão sofrendo de depressão e estão fragilizadas, quanto àquelas que querem provocar a dor em alguém. João, de 15 anos, conta já ter participado do Jogo da Asfixia, que conheceu através de um vídeo no YouTube.

Os EUA contabilizaram 672 mortes nos últimos dez anos, o dobro da década anterior. Na França, que registra dez mortes por ano em função do “choking game”, já existe uma associação de pais de vítimas do desafio

Ele diz ter sido uma experiência ruim. “Eu perdi um jogo on-line e a prenda do perdedor era cumprir o desafio. Prendi minha respiração por alguns minutos e minha visão foi escurecendo e aí ouvi minha mãe me chamando na porta. Depois não lembro de muita coisa.” João conta que a mãe chegou a tempo e o levou ao hospital em seguida. Os médicos alertaram que poderia ter sido fatal se ela não o tivesse socorrido.

Para os dois psicólogos, os pais devem monitorar o uso da internet e

observar o que o filho faz no computador. Algo está acontecendo se ele mudou o comportamento dentro de casa, apresenta uma agressividade que não existia, falta de apetite, mudanças de hábitos em que antes sentia prazer e hoje não tem mais, diminuição do número de amigos e notas baixas na escola. “A participação e o diálogo da família na vida do adolescente são extremamente importantes. Quanto mais próximos os pais estiverem e criarem um canal de diálogo, mais fácil será ajudar este adolescente e orientá-lo para não participar desses tipos de jogos”, finaliza Michelle Barros. ■

DESAFIOS MAIS CONHECIDOS

JOGO DA ASFIXIA

Também conhecido como brincadeira do desmaio ou jogo do desmaio, é realizado por meio da interrupção do oxigênio em um estrangulamento ou hipocapnia autoinduzida. O objetivo é forçar, temporariamente, um desmaio, euforia e vertigem.

DESAFIO DO DESODORANTE

Consiste em borrifar desodorante em um saco plástico e tentar inalar a maior quantidade possível como se fosse um lança-perfume.

DESAFIO DA CANELA

Basta ingerir uma colher cheia de canela em pó e tentar engolir. Pode afetar os pulmões se aspirada.

BALEIA AZUL

Um dos mais conhecidos e perigosos, o jogo propõe 50 desafios macabros como bater fotos assistindo a filmes de terror, automutilar-se, ficar doente e, na etapa final, cometer suicídio.



Tempo que não volta

Em meio a era da internet, mídias físicas cativam e despertam o interesse em colecionar filmes, discos e livros

Kleberon Rodrigues

A internet foi uma das maiores invenções do século XX. Com sua praticidade, ela se tornou a luz na caverna da população do século 21. A facilidade oferecida por essa ferramenta hoje habita a casa de 65% da população brasileira. Para os amantes das sete artes, a tecnologia possibilita odisseias nunca imaginadas no passado, isto é, basta uma simples busca a qualquer filme, música ou livro de qualquer ano, década ou século. Apesar dessa facilidade, há quem a considere um replicante quando se trata de cinema, música e livros. Para Gustavo Manciope, 23 anos, cinéfilo de carteirinha, o adjetivo “replicante” cabe como uma luva quando se trata de streaming. Afirmo que a experiência é diferente e não tem o charme único de analisar a arte da capa e ler a sinopse na parte posterior. O cinéfilo contabiliza em suas quatro prateleiras mais de 500 títulos, ou seja, 500

gigabytes em DVDs, bluray e poeira. Para ele, a mídia física é uma catarse que o leva à época em que frequentava as antigas locadoras de vídeo. Não é por menos, a nostalgia está ligada diretamente à sua mãe, que faleceu há seis anos vítima de um câncer.

REBOBINANDO O PASSADO

À medida que os filmes são colocados em pilhas sobre o sofá, o cinéfilo explica que sua mãe foi a principal influência por essa paixão. Em meio a um lapso e uma pausa para respiração, relembra como era incrível visitar a locadora com a mãe. “Sempre alugávamos quatro filmes”, diz batendo a mão na capa do filme “Stand By Me”. As videolocadoras foram populares durante as décadas de 80 e 90. Com a chegada da internet e a popularização dos serviços de streaming, as antigas homevideo perderam espaço no mercado e foram desaparecendo uma a uma. Em agosto de 2018, a Genius baixou as portas. Com 34 anos, a empresa tinha um dos maiores acervos com 20 mil títu-

los. Gustavo lamenta o fim das videolocadoras e afirma “que é um tempo que não volta mais”. Contudo, situações como essa são vantajosas para quem coleciona filmes, isso porque o acervo é posto à venda se tornando uma alternativa barata dentro de um mercado de mídia física que sofre com preços altos e difícil acesso.

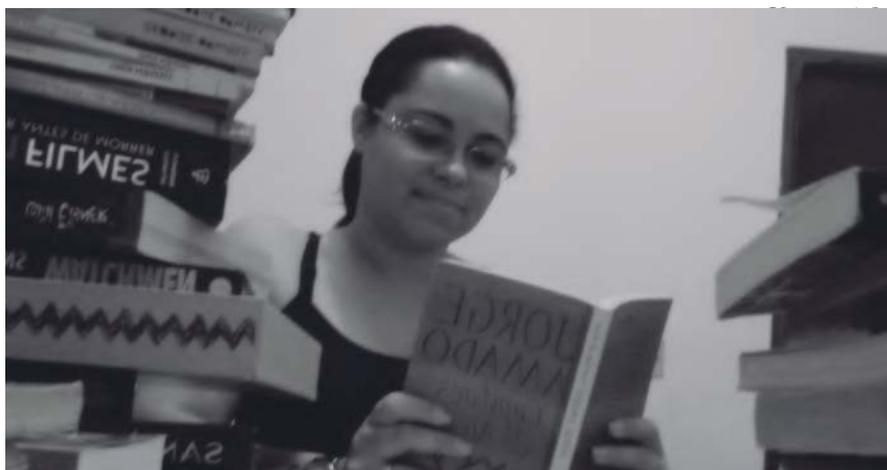
A pedagoga Patrícia Valadão também tem o hobby vinculado à nostalgia. Quando perguntada sobre o porquê de livros impressos, ela retruca com “já viu alguém lendo e-book?” De acordo com o Censo do Livro Digital, essa mídia representa somente 1,09% do mercado de livros no País. Patrícia explica que falta “alma” para o e-book e que não há comparação com a leitura de um livro novo, poder folhar e sentir o cheiro. Essa sensação é um dos principais argumentos de quem é “livrólata”, termo usado na internet para quem aprecia livros. São cerca de 80 livros que enriquecem uma estreita prateleira em sua sala de parede marrom. Com 32 anos, Patrícia conta que sua paixão por livros vem desde a

infância e que nunca esqueceu o primeiro livro que leu, “O Escaravelho do Diabo”. Esse fascínio todo está diretamente ligado à profissão. Conforme empilha seus livros em uma mesa de madeira com um vidro retangular no centro, Patrícia conta que nasceu e cresceu em França. A falta de estudos dos pais despertou o interesse pela leitura. Relembra com saudade as coleções infanto-juvenis que costumava ler na infância.

ENTRE PÁGINAS

Enquanto alinha as pilhas de livros construídas do maior para o menor, ela confessa que pretende ter um filho no futuro e que fará questão que tenha acesso a uma diversidade de livros, especialmente aos títulos que fizeram parte da sua pré-adolescência “Os livros, cada página deles, formaram meu caráter e quero muito dar esse presente para meu filho e para meus alunos” afirma Patrícia, enquanto folheia “Capitães da Areia”. Para os colecionadores, uma ótima alternativa para encontrar títulos são os famosos sebos, conhecidos pela revenda de livros usados e que atraem a atenção. Para Patrícia, além do preço camarada, não há nada mais incrível do que encontrar dedicatórias ou anotações nas páginas “É uma ode a uma vida que não vivi, sempre me pergunto a quem pertenceu”.

Rodrigo Siqueira dos Santos, conhecido como Rodrigo Mod, exibe um vasto conhecimento em música e uma simbólica coleção de 2.100 vinis e um pouco mais de 500 discos compactos. O DJ de 34 anos é um apreciador e seu acervo preenche a colossal estante em seu quarto. São discos para todos os gostos que vão de “Please Please Me” de The Beatles ao “Sobrevivendo ao Inferno” do grupo de rap Racionais Mc’s. Há 12 anos, Rodrigo trocou a nutrição por sua paixão, ser DJ. Contudo, a coleção teve início muito antes da carreira. Durante a infância, seu pai já colecionava discos que viriam a ser seus. Porém, só percebeu o que



Patrícia sonha em ter uma biblioteca em casa

era colecionar quando assistiu ao filme “Alta Fidelidade”. Rodrigo conta que a afinidade com o personagem principal fez com que adquirisse um carinho maior por seus discos. O DJ explica com propriedade o movimento que viria a inspirar seu pseudônimo composto. Considera que sua coleção está inteiramente ligada ao seu apego por música, já que, não se trata de ser mídia física ou digital, ao contrário, Rodrigo conta ser usuário de ferramentas como Spotify que são fundamentais para a música. “Eu acredito que esses tipos de serviços ajudam bastante a manter a música viva, tanto a cena pop atual quanto ao passado que pode ser acessado a qualquer momento, em qualquer lugar”. Para quem pretende entrar de

“
É UMA ODE A UMA
VIDA QUE NÃO
VIVI, SEMPRE ME
PERGUNTO A QUEM
PERTENCEU
Patrícia Valadão

cabeça no hobby é preciso compreender que o mercado de vinil atua acima da tabela de preços das demais mídias. Os preços variam de R\$ 34,00 a R\$ 500,00, de acordo com a tiragem, sendo novas ou usadas que podem ser encontradas em feiras ou sebos. ■



Rodrigo e a diversificada coleção de discos

A população considerada idosa cresceu nas últimas décadas. Na mesma proporção em que aumenta a média de idade da população, o mundo parece estar ficando cada vez mais tecnológico. O dia-dia de dona Clarisse Reganhan, 71, nunca mais foi igual. A avó que costumava reclamar para as netas sobre o uso excessivo do celular hoje é quem não tira o aparelho das mãos. O uso do celular e de outras tecnologias é praticamente unânime entre os mais jovens. Segundo dados do Instituto Brasi-

leiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 50% dos brasileiros já estão conectados à internet e observa-se que essa porcentagem também cresce entre pessoas da terceira idade com mais de 60 anos. O relacionamento entre idosos e a tecnologia vem sendo promissor, o uso de computadores e aparelhos celulares vai muito além da comunicação. A internet proporciona a inclusão social do idoso que utiliza recursos para enviar mensagens de texto, chamadas por vídeo e até mesmo o uso de redes sociais.

Idosos on-line

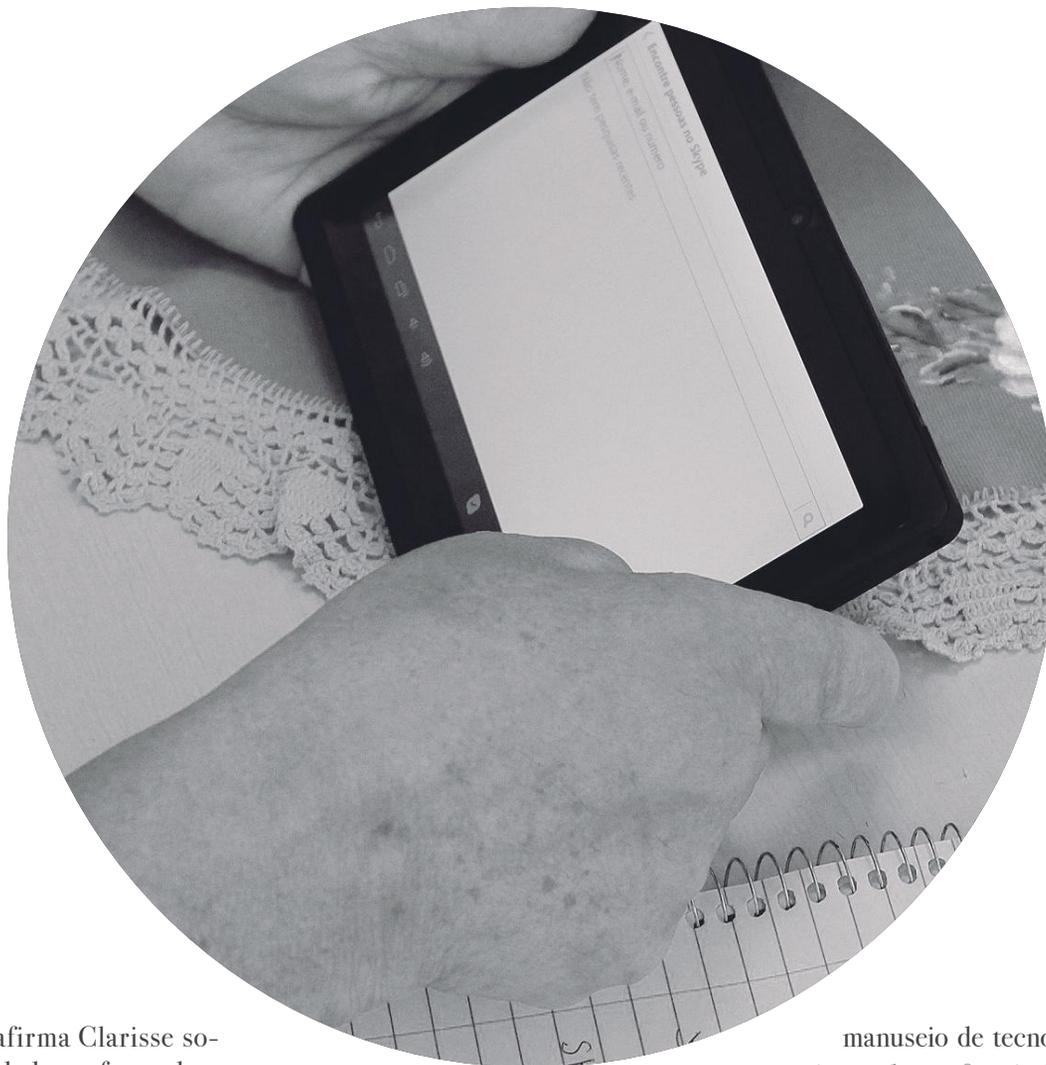
A tecnologia aproxima gerações e melhora o bem-estar da terceira idade

Flávia Coneglian

O interesse da terceira idade em progredir na tecnologia atual ocorreu de tal maneira que foi elaborado um curso pela USP de Ribeirão Preto para promover atividades voltadas aos primeiros contatos entre idosos, interessados em compreender melhor o mundo dos dispositivos móveis.

Para poder participar do curso era necessário ter mais de 60 anos e levar o próprio smartphone, habilitado para a navegação na internet. Os idosos aprenderam desde atividades básicas, como a familiarização com o aparelho, até aquelas que exigem mais empenho, como o uso de aplicativos que podem vir a ser muito úteis para os afazeres do cotidiano. Essa relação entre os idosos e eletrônicos nem sempre é das mais favoráveis. As

dificuldades naturais da idade, como dedos que tremem e não conseguem digitar com perfeição, letras miúdas que atrapalham a visão, memória com falhas, mouse de notebooks, por exemplo, extremamente sensíveis ao toque, falta de familiaridade com palavras e terminologias ligadas à internet são os maiores fatores que implicam na rejeição da tecnologia. O processo de transição pode se tornar mais lento por causa das barreiras. As características dos aparelhos encontrados no mercado são semelhantes, gerando a desaprovação. “Eu sou muito atrapalhada, tento escrever uma palavra, sai outra. Conheço outros idosos e amigos que não são tão perdidos quanto eu e outros que acabam se saindo pior. Gostaria muito de ver minhas netas no Facebook, mas não mexo por medo de mandar coisas erradas para



as pessoas”, afirma Clarisse sobre as dificuldades enfrentadas.

Entretanto alguns empecilhos não impediram que buscassem novos conhecimentos. Muitos idosos possuem condições financeiras para adquirir bons aparelhos tecnológicos, além de terem mais tempo para mexer, mas precisam de ajuda para aprender a utilizar. A grande maioria possui netos ou filhos que sabem manusear estes aparelhos e o estímulo provocado por este tipo de aprendizado mobiliza a família em volta dos idosos, eles se sentem integrados em seu meio social. Valderice Carvalho, 65, conta que no início teve dificuldades para aprender sobre a tecnologia. “Depois de ter ‘apanhado’ um pouco, o telefone se tornou um benefício muito bom para mim em diversos aspectos. Atualmente utilizo até mesmo os aplicativos de locomoção como o Uber, minhas sobrinhas netas me ajudaram suficientemente”.

A inserção da terceira idade dentro dos avanços tecnológicos não é uma tarefa tão fácil, já que a sociedade modifica-se constantemente. Além das barreiras de adaptação ao uso, com o envelhecimento, os sentidos sofrem alterações que transformam tarefas simples em um grande obstáculo. Essa fase apresenta peculiaridades especiais. A psicóloga Giovana Stefanelli, 25 anos, explica que é importante oferecer ao idoso um atendimento diferenciado de inclusão no

manuseio de tecnologias digitais, pois não devem ficar isolados deste processo. “Dessa maneira, torna-se obrigação dos mais jovens olhar com maior responsabilidade para a crescente população idosa, com o intuito de pensar melhorias para essa fase da vida que, em muitos casos, já encontra limites derivados do próprio envelhecimento. É importante salientar que não significa que o idoso tenha que adquirir um estilo de vida ocioso, abstendo-se dos aprendizados tecnológicos”, afirma Giovana. A aprendizagem passa por diferentes fases da vida e o novo gera incertezas que não estão diretamente ligadas à idade. A inserção da tecnologia na terceira idade vai além de uma aprendizagem sobre o novo, possibilita inclusão dessa geração, estímulo da memória e motivação para estarem incorporados em um mundo cada vez mais moderno e tecnológico, promovendo a sensação de bem-estar que reflete no bom convívio familiar, gerando inclusão e novas habilidades. O acesso da terceira idade à internet vem proporcionando impactos na sociedade, mudando a relação social e a aquisição de produtos e/ou serviços. Além de aproximar gerações, as aulas também podem trabalhar a memória, a atenção e os mecanismos cognitivos. ■

Dinossauros da tecnologia

Em tempos de WhatsApp e Facebook há quem prefira orelhão. Mesmo em universo quase dominado pelos aparelhos tecnológicos, a tecnologia ainda não é fundamental para todos

Joice Soares

Em pleno século XXI é difícil imaginar que a sociedade já viveu um período sem o auxílio das tecnologias conhecidas hoje em dia. Torna-se mais difícil ainda cogitar que existam pessoas que não usem informatização alguma. Apesar dos smartphones estarem em todos os lugares e já atingirem a marca de um aparelho por pessoa no Brasil, ou seja mais de 220 milhões segundo pesquisa anual da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, existem sim alguns “jurássicos” em tempos de tanta modernidade. A sociedade já se rendeu aos smartphones com seus aplicativos que auxiliam a fazer quase tudo pela internet, sem precisar sair de casa: compras, pagamentos, conversas e trabalho. Entretanto, algumas pessoas não usufruem dos benefícios do celular e das redes sociais. O professor de política educacional da USP, José Marcelino de Rezende Pinto, 59, não possui aparelho celular, tampouco participa das redes sociais. Marcelino conta que não possui celular e nem o Facebook foi uma maneira que encontrou para preservar a saúde, já que isso acarretaria num aumento da demanda de trabalho.

O professor também acredita que o uso desses aparelhos prejudica a saúde e acarretará consequências no futuro. “Teremos problemas sérios, desde concentração, principalmente a perda da capacidade de conversa.” Pai de um jovem de 16 anos, o professor se preocupa com essa atenção toda que o filho dispensa para os jogos eletrônicos e, às vezes, até confisca o celular. O professor conta que não é contra os aparelhos, e em alguns momentos até julga necessário, entretanto, segundo ele há possibilidade de ter uma vida sem o auxílio dessas ferramentas, como recorrer à velha agenda de bolso. “Com isso, sobrevivo bem melhor do que se tivesse um celular”.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, cerca de 77% dos brasileiros possuíam algum tipo de celular. Os resultados também apontam que em 2016 existiam mais de 116 milhões de pessoas conectadas à internet no país. Frente a essa realidade, alguém ainda utiliza os “ore-





Professor Marcelino mostra contente a agenda de mão e os cartões telefônicos que são verdadeiros salva-vidas

lhões”? Pois é, Marcelino faz uso dessas ferramentas em situações de emergência. Os orelhões, apesar de cada vez mais esquecidos nas cidades, ainda podem ser úteis. “Quando vou viajar e chego ao aeroporto e não tem ninguém me esperando, recorro aos orelhões, mas, às vezes, não estão funcionando.” Nesses momentos, Marcelino admite que um celular faz falta. O professor conta que sofre com algumas brincadeiras de colegas por viver assim, mas não se incomoda com isso. “Alguns amigos dizem que vão me dar um, porque é a única forma de me achar”. Marcelino lembra que já teve celular por um período, era exigência do trabalho, mas logo que saiu do emprego se desfez do aparelho. O professor afirma não ter nada contra o smartphone e que sabe que ele auxilia muito em alguns momentos, mas mesmo assim prefere manter sua opção e não pretende adquirir um celular. Quando o assunto são redes sociais, o professor até tentou, mas parou na etapa de inscrição do Facebook. “Eu comecei a me cadastrar e aí já me assustei só nessa fase”. Para ele não é muito saudável e não conseguiria realizar a manutenção da página, além de acreditar que essas mídias facilitam a perda da capacidade de escrita, “mas o mais

grave realmente é a interação e a negação da interação”, afirmou.

Assim como Marcelino, a estudante de jornalismo, Laís Garcia Soares Magalhães, 20, também optou por não ter Facebook, nem Instagram. A estudante conta que excluiu os perfis no ano passado, pois começaram a fazer mal. “Eu era extremamente viciada naquilo. Passava horas e horas rodando por lá e deixava de fazer outras coisas importantes”, conta Laís. Ela já sofreu alguns questionamentos por ter feito esta opção, por ser jovem a escolha causa ainda mais estranhamento das pessoas ao seu redor. “Quando digo que não tenho, todos ficam espantados”. Entretanto, para a estudante isso não é problema, mesmo que houvesse mais discriminação ela se diz feliz com a escolha. “Não ter redes sociais foi uma das melhores decisões que já tomei na vida. Hoje, uso meu tempo com mais cuidado”.

PREJUÍZOS PROFISSIONAIS

Atualmente quando se fala em redes sociais, muitas empresas utilizam esses meios para a divulgação e outras funções que auxiliam o trabalho. Algumas situações fazem parte dos critérios de seleção. Desse modo, não possuir redes sociais e celular pode

se tornar um empecilho na busca por um emprego, por exemplo. Laís, por estudar jornalismo, procura estar atenta com os acontecimentos, mas reconhece que sua escolha pode trazer riscos no mercado de trabalho. Mesmo assim, a estudante não sabe se voltaria para o mundo das redes sociais, caso esse fosse critério para ocupar uma vaga de emprego.

A coach Sirlene Souza Lima, especialista em superação de traumas, conta que hoje as empresas avaliam até a índole do candidato através das mídias. “Eles conseguem fazer a leitura do perfil através das redes sociais para saber se o candidato se enquadra.”

Como apontam os dados do Career-builder, de 2017, site de emprego, cerca de 70% dos empregadores checam as redes sociais dos candidatos, caso não possuam essas contas, ficará livre desse “stalkeamento”, que pode ser positivo ou não de acordo com o conteúdo de suas mídias. Sirlene conta também que as tecnologias auxiliam até no momento da entrevista. “Tenho contato com empresas que fazem entrevista por Skype”. Segundo a coach, a pessoa que não estiver com esses meios estará em desvantagem em relação aos demais, porque hoje a tecnologia está a favor das contratações. Ela não vê nenhum benefício no mercado para as pessoas que não utilizam esses meios tecnológicos. “Eu tenho um cliente de 85 anos, ela fez curso para aprender usar o celular.” Porém, essa grande quantidade de ferramentas pode se tornar também um problema na hora do trabalho, pois as pessoas perdem o foco e ficam navegando nas redes sociais, e não absorvem todas as informações explica Sirlene. “As pessoas mexem no YouTube, Facebook, WhatsApp, procuram uma informação e criam uma confusão mental.” ■



Ansiedade digital

Apesar do crescimento dos casos de ansiedade nos jovens, cada vez mais cedo crianças manipulam celulares, tablets e videogames

Giovana Fiacadori

Amarelinha, pega – pega, jogo da velha, andar de bicicleta.... Há alguns anos, essas brincadeiras deixaram de ser a maior parte da distração das crianças e de adolescentes. Uma pesquisa realizada pela empresa produtora de softwares AVG Technologies constatou que 66% das crianças na faixa etária de 3 a 5 anos de idade disputam jogos no computador, 47% sabiam manipular smartphones, mas apenas 14% eram capazes de amarrar os próprios sapatos. No Brasil, por exemplo, o estudo apontou que 97% das crianças de 6 a 9 anos usam internet, e mais da metade tem perfil no Facebook. A psicóloga Mariana Reis diz que os casos de ansiedade têm aumentado muito em crianças e em adolescentes, e que embora ainda não haja unanimidade entre os profissionais da área, a maioria aponta como causa a exposição excessiva à tecnologia.

A profissional acredita que o uso exagerado de celulares, computadores, videogames está relacionado ao aumento do déficit de atenção entre as crianças e adolescentes, além da impulsividade e da dificuldade no relacionamento interpessoal. “O excesso de exposição à tecnologia diminui a concentração e o desempenho das crianças em sala de aula. Hoje, elas estão muito mais agitadas, ansiosas, existem casos em que a criança não consegue sequer ficar sentada na cadeira durante a aula. Vejo que algumas perdem até mesmo o interesse pelo relacionamento interpessoal, pois preferem ficar conectados em seus aparelhos.”

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), atualmente, cerca de 5,8% da população mundial sofre com a ansiedade. No Brasil, 9,3% dos habitantes possuem o transtorno. A estudante Isadora Gomez, de 17 anos, que sofreu com a ansiedade, diz que a causa foi o excesso de tecnologia. “A gente fica muito ligado, o dia todo, recebendo informações

sobre tudo e ao mesmo tempo. Hoje em dia principalmente, temos muito mais acesso à informação sobre a rotina das blogueiras... Acabamos vivendo em torno disso, numa bolha mesmo... Eu ficava no quarto o dia todo, em celular, notebook, era mais ansiosa por ficar comparando minha vida com essas pessoas, por não saber filtrar as informações que eu recebia... Quando percebi o que estava acontecendo, desliguei um pouco das redes sociais, e isso me ajudou 100%”, relembra a estudante.

A mãe de Enzo, Marcela Alves, percebeu a gravidade do excesso de tecnologia quando o filho de 13 anos começou o tratamento com medicamentos para ansiedade.

**ATUALMENTE,
CERCA DE 5,8%
DA POPULAÇÃO
MUNDIAL SOFRE DE
ANSIEDADE, SENDO
QUE NO BRASIL 9,3%
DOS HABITANTES
SOFREM COM O
TRANSTORNO
SEGUNDO A
ORGANIZAÇÃO
MUNDIAL DE SAÚDE
(OMS)**

“O Enzo passava o dia todo em frente ao videogame. Percebi que ele estava ficando ansioso, impaciente com coisas muito pequenas do dia a dia. Quando saía do videogame, era o celular. Os professores dele me falaram que na sala de aula ele não se concentrava.” Marcela procurou ajuda de um especialista, que pediu para a mãe reduzir os horários do filho no videogame e no celular. “Ele começou o tratamento para ansiedade, e hoje passa menos tempo nesses

aparelhos. Parece outra criança, o rendimento na escola melhorou e se interessa até por livros, o que antes era raro.”

LIMITE

Ainda segundo a psicóloga, apesar de parecer difícil achar um ponto de equilíbrio no estilo de vida atual – marcado pelo uso crescente de novas tecnologias – os pais devem impor limites e trabalhar para que os filhos não exagerem no uso dos dispositivos eletrônicos. Para isso, os pais devem refletir se eles mesmos não utilizam a tecnologia de forma excessiva, servindo de exemplo às crianças. “É importante percebermos que a tecnologia está antecipando para a vida das crianças problemas que são desenvolvidos na vida adulta, na maioria das vezes, como a ansiedade e até mesmo a depressão. A tecnologia não é a grande vilã da história, mas o mau uso e a falta de limites, sim”, comenta Mariana. Dialogar, realizar atividades em família e ajudar os pequenos a não se tornarem dependentes da tecnologia são algumas das atribuições dos pais. Hoje, as crianças ficam muito tempo diante das telas e não se dedicam a atividades importantes como a prática de esportes, por exemplo, ou simplesmente uma conversa em família. ■



uso da tecnologia deve encontrar ponto de equilíbrio



Terapia Hi-Tech

A busca pela saúde mental não é mais exclusividade dos consultórios. O advento da internet facilitou o acesso à informação e possibilitou iniciativas que ajudam quem passa por dificuldades emocionais

Martina Colafemina

A internet chegou ao Brasil em 1988 e se popularizou a partir dos anos 2000. Com o uso da ferramenta e o advento das redes sociais, surgiram facilidades e, principalmente, dúvidas quanto ao anonimato que ela proporciona e as sequelas que a utilização sem limites pode causar. Depois de 30 anos da nova plataforma, algumas funcionalidades se tornaram conhecidas e outras ainda são incógnitas. Porém, se por um lado a internet causa consequências, por outro ela facilita – e muito – a quebra de tabus e o acesso a soluções para um problema crescente na sociedade atual: a perda da saúde mental. No Google Play, App Store ou qualquer plataforma para baixar aplicativos de celular é fácil encontrar alternativas para saúde mental dos mais variados tipos. Eles vão de simples ferramentas de monitoramento de humor, passando pelos diários, até exercícios para acalmar situações de estresse, ansiedade, ira e as mais diversas crises.

Alguns até fornecem o contato direto com psicólogos e psiquiatras, além de terem serviços que procuram e agendam esses profissionais.

Criado em 2017, o aplicativo Cíngulo, que tem sede em Porto Alegre, conta com várias dessas ferramentas: um diário com monitoramento de humor, exercícios para aliviar crises rapidamente, além de avaliações e de sessões de terapia preparadas e escritas por um profissional. “Contamos com uma equipe experiente e multidisciplinar. Todo o conteúdo é escrito internamente por um dos fundadores do Cíngulo, o psiquiatra e doutor em neurociência Diogo Lara. Temos uma equipe de conteúdo que faz a edição e o design. Também contamos com equipes de T.I, relacionamento, marketing e vendas. Somos dez profissionais no momento. Uma equipe enxuta, mas bastante eficiente”, explica Flávia Leal Alves, jornalista e editora de conteúdo do aplicativo. Os fundadores, Diogo Lara e Gustavo Ottoni, são PhDs em Neurociência e têm mais de 15 anos de experiência em pesquisas. “O que motivou a criação do Cíngulo foi a

possibilidade de ajudar mais pessoas a encontrarem bem-estar emocional. O fato de ser um aplicativo facilita que qualquer pessoa que tenha acesso a um smartphone, tablet ou computador possa tratar seus problemas emocionais quando e onde quiser, com facilidade e privacidade”, completa Flávia.

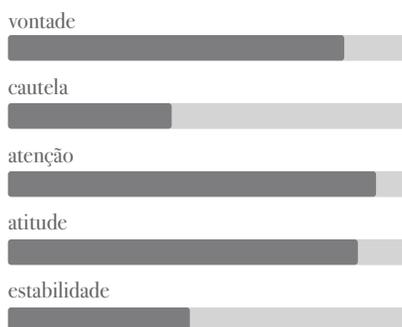
Segundo a jornalista, desde março de 2017, quando o aplicativo entrou no ar, o Cíngulo ganhou notoriedade graças a um movimento orgânico, de usuário para usuário. “Foi algo natural e até surpreendente, pois não investimos recursos em publicidade. Até o momento, já passamos de um milhão de usuários em todo o país e a cada dia crescemos mais”, explica Flávia. As sessões de autoconhecimento, principal recurso do aplicativo, tratam de temas como autoestima, autoconhecimento, sensibilidade emocional, estresse e vários outros assuntos pertinentes que são abordados comumente em uma terapia. A cada semana, o usuário faz o próprio exame. “As autoavaliações são baseadas nas pesquisas científicas dos fundadores do Cíngulo, os psiquiatras e doutores em neurociência Diogo Lara e Gustavo Ottoni. A abordagem inovadora do Cíngulo resulta de mais de 15 anos de pesquisa científica e conhecimento clínico sobre a mente humana. Por meio das autoavaliações, a pessoa consegue acompanhar seu estado emocional atual e ver a sua evolução com o uso dele”, expõe Flávia.

O publicitário Ricardo Medina encontrou o Cíngulo procurando por algo que aliviasse seu estresse e o ajudasse a relaxar. “Eu estava triste e resolvi pesquisar se existia um app que tivesse algo de autoajuda ou um psicólogo para mim”, explica Ricardo. Para o publicitário, há resultados que valem a pena. “São coisas simples e que dão muitos resultados, de verdade. Acredito que melhorei bastante com o aplicativo. Não é tanto quanto uma terapia, mas ajuda muito”, completa.

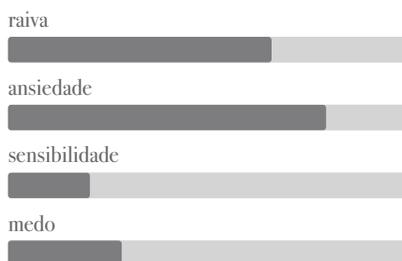
“ACREDITO QUE A INTERNET TENHA QUEBRADO TABUS QUANTO À SAÚDE MENTAL ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO ENTRE AS PESSOAS QUE TÊM ESSES TRANSTORNOS

Denise Dantas

TRAÇOS FAVORÁVEIS (quanto mais, melhor)



TRAÇOS PREJUDICIAIS (quanto menos, melhor)



Cíngulo oferece sessões de autoconhecimento

Criada em 2016, a página do Facebook “Você não está louca” nasceu com o intuito de levar mensagens positivas a mulheres que estivessem passando por transtornos psicológicos. Hoje, as seguidoras acompanham o conteúdo mais de perto pelo Instagram, segundo Denise Dantas Cassanego, administradora da página. “Acredito que a internet

tenha quebrado tabus quanto à saúde mental através da comunicação entre essas pessoas que têm esses transtornos. As pessoas se organizam, criam páginas, se encontram, e isso é muito legal”, comenta Denise.

A página teve um rápido crescimento em pouco tempo, desde a criação. Para Denise, o nome talvez seja uma chamada forte, que tenha atraído as pessoas para o conteúdo. “A página fala sobre algo que é muito presente no dia a dia das mulheres. Quase todas já foram chamadas de louca em algum momento, sendo que não estava louca. Se não foi chamada, será chamada. A nossa sociedade se construiu fazendo isso”, explica Denise.

Na página, o conteúdo traz informações sobre o mundo da saúde mental e também mensagens positivas para o dia de quem as lê. No blog da página e no Instagram, a rede mais usada atualmente do “Você não está louca”, Denise também compartilha informações pessoais. “É muito bom saber que posso ajudar pessoas. Recebo quase diariamente mensagens de seguidoras dizendo que se sentem confortadas com as mensagens que compartilho”, conclui. Em um mundo de insanidades propositais, há quem ainda tente fazer a diferença. ■



Flávia destaca a experiência da equipe do Cíngulo



Mais informações, menos textos

A tecnologia impactou a vida do jornal impresso dando cada vez mais espaço aos portais on-line. Veículos de notícias buscam soluções através da tecnologia para deixar o leitor bem informado com maior praticidade

Guilherme Faria

A comunicação e o jornalismo foram fortemente impactados com as novas tecnologias. Hoje, os veículos on-line ocupam a maior parte do mundo da informação. Ao buscar uma notícia, o leitor visita o portal de algum veículo e procura a notícia de seu interesse. Há 20 anos, quando essa expansão tecnológica ainda não era tão grande, as pessoas se informavam através de jornais e de revistas. Quando buscavam algo específico, não havia outra escolha a não ser pesquisar. Porém, ao ler algumas matérias, pro-

curando uma em especial, inconscientemente, acabavam adquirindo outros conhecimentos.

Essa leitura falta para a geração de hoje. Na correria do dia a dia, as pessoas precisam se manter bem informadas, mas sem perder muito tempo. Uma alternativa desenvolvida pelos veículos de comunicação é que o usuário receba notificações via WhatsApp ou por aplicativos com as principais notícias. Os veículos mais antigos que se mantêm no mercado também ganham destaque e são prioritários para os leitores. A revista Revide, por exemplo, está no mercado há 32 anos. Segundo a editora do

portal, Marina Aranha, o fato de estar no mercado há tanto tempo é um feito que deve ser comemorado, não só pela revista, mas também pela cidade. “A Revide tem um público muito fiel há 32 anos. Quem era criança quando a revista foi lançada, hoje pode acompanhá-la como adulto. Manter uma publicação jornalística há tanto tempo é um feito que deve ser comemorado”. Sobre a ameaça de extinção da mídia impressa, Marina considera ruim até para a mídia on-line. “Acredito que a extinção do jornalismo impresso prejudica o jornalismo na internet. Por muito tempo, houve uma grande receita disponibilizada para os veículos de

comunicação tradicionais, seja com assinaturas ou publicidade”.

Com a mudança de comportamento, as novas gerações preferem o formato on-line. Na opinião da editora, tanto o jornal on-line como o jornal impresso podem coexistir e se fortalecer. “Com as novas tecnologias e a incerteza sobre como gerar faturamento diante da pulverização de sites e publicações na internet, o investimento das empresas de comunicação ficou mais difícil. Muitas delas fecham no vermelho. As receitas com assinantes ou anúncios na internet ficam abaixo do que se obtinha com o impresso ou na TV, por exemplo.” A Revide desenvolveu uma maneira de deixar seus leitores atualizados enviando notícias pelo WhatsApp, duas vezes por dia, às 10h e às 17h com os destaques, além de encaminhar notificações no navegador, também em média, duas vezes por dia.



Para Marina, a extinção do impresso prejudica o on-line

TEMPO DE MUDANÇAS

O Jornal A Cidade, com 113 anos de história, era um dos veículos de comunicação com maior tradição. Segundo o diretor Josué Suzuki, o jornal possuía essa credibilidade devido às grandes coberturas feitas em mais de 100 anos. “Fazíamos um jornalismo analítico e responsável”. O jornal impresso parou de circular

no dia 30 de outubro deste ano. Sobre a extinção do jornal impresso, o crescimento dos veículos on-line e a falta de interesse das novas gerações, Josué avalia que o fim do impresso só beneficiará o jornal on-line caso haja uma apuração responsável e equilíbrio nas coberturas. “O aumento da audiência não está totalmente atrelado ao fechamento do impresso, ajuda, é claro, mas não é a principal razão. Precisa mostrar a cidade, deve haver uma boa apuração dos



**O CRESCIMENTO
DOS VEÍCULOS
ON-LINE SE DEVE A
UMA MUDANÇA DE
COMPORTAMENTO.
UM EXEMPLO
DISSO É A
POPULARIZAÇÃO
DOS SMARTPHONES
QUE NOSSOS PAIS
NÃO TINHAM
ANTES.**

Thaís Morais

fatos. Beneficiará desde que o jornal on-line continue com um trabalho firme”. A plataforma on-line Cidade On ganhou vida própria. “É a nossa plataforma digital. Hoje, temos uma rede de portais em quatro regiões do Estado, Ribeirão Preto, Araraquara, São Carlos e Campinas. Cada cidade é um site, estamos ganhando espaço e crescendo. O Cidade On estuda a possibilidade de enviar notificações aos usuários a partir de 2019, o News Letter”, afirma o diretor.

ATUALIZAÇÃO

O G1, pertencente à Rede Globo, é uma plataforma com muita visibilidade regional. Segundo Thaís Morais, diretora do portal,

as notícias são atualizadas 24 horas por dia, sete dias na semana. Com o envio de mensagens, o leitor que acompanha o portal se mantém informado o dia inteiro. Thaís não acredita que com o fim do jornal impresso o G1 será beneficiado. “Não se trata de beneficiar, o crescimento dos veículos on-line se deve a uma mudança de comportamento. Um exemplo disso é a popularização dos smartphones que nossos pais não tinham antes. Hoje, quase todas as pessoas têm.”

A migração do jornal impresso para o on-line se deve muito ao imediatismo. Para Thaís, esse é um processo natural. Com essa mudança, novos leitores estão sempre em busca de conteúdo rápido e que não leve muito tempo para ser assimilado, ou seja, querem se informar mais com menos texto. “As pessoas têm cada vez menos tempo e querem agilidade e conteúdo objetivo”. O G1 possui sucursais em todo o Brasil com páginas constantemente atualizadas. “Temos uma rede de jornalistas ágeis, com isso se cria credibilidade e se conquista um público fiel. Além disso, notificações são enviadas através do aplicativo do G1, disponível para Android e iOS”, afirma a diretora do portal. ■



Thaís: as pessoas querem conteúdo objetivo

Influenciadoras da modernidade

Três influenciadoras e youtubers ribeirão-pretanas contam como começaram, as principais dificuldades e as expectativas para o futuro na profissão

Gabriela Basso Felici

Nos últimos anos, a beleza e a tecnologia vêm andando de mãos dadas. Nas redes sociais, a cada dia, surgem novas “digitais influencers”, dando dicas de moda, maquiagens, cabelos, e, principalmente, gravando tutoriais ou os “faça você mesmo”. No YouTube, por exemplo, grandes canais de beleza e estilo de vida acumulam mais de cinco milhões de inscritos. Gravar, editar, produzir conteúdo e postar vídeos vai além do que

parece para muitas meninas. Mariana Tolino, de 21 anos, é uma dessas garotas. Ela divide o tempo entre a faculdade de Moda e as redes sociais. No YouTube, posta vídeos todo mês, e no Instagram (@maritolino), onde tem pouco mais de 20 mil seguidores, coloca conteúdo todo dia. Ela conta que começou no final de 2015 com o blog, mas não dava muito retorno, já tinha seu Instagram e começou a postar maquiagens. Depois surgiu o canal voltado à beleza e à moda. “Eu tinha muita dificuldade de gravar com o celular. Não tinha espaço suficiente, não sabia editar, era um perrengue. Parei com o YouTube e fiquei só com o blog, comecei a faculdade e deixei as coisas de lado. Até o começo deste ano, quando trabalhei e consegui um dinheirinho. Comprei uma boa webcam de gamer. O notebook é do meu namorado. Fui gravando mais, pesquisando editor, que é um pouco caro, e fui aprendendo.”

Mariana conta que fez um curso de empreendedorismo para ajudar na carreira e, através de aplicativos que são intermediários entre a marca e o influencer, conseguiu parcerias e campanhas. Na maioria das vezes, o acordo funciona com permutas. A influencer divulga a marca no Instagram e ganha os produtos. Ela já fez campanhas com a Hering e com algumas lojas de cosméticos. “Agora, recebo um dinheiro, mas nada absurdo como blogueiras que ganham milhões. Eles te mandam campanhas, você pode ou não aceitar, depende da proposta. É muito dinâmico, tem marcas que mandam por e-mail, pelo Instagram. Ninguém fala muito sobre ganhar dinheiro e produzir conteúdo. Os influencers se fecham por medo de concorrência”, comenta Ma-



riana. Hoje em dia blogueira não é mais quem tem blog, blogueira é todo mundo que trabalha com internet. Sobre o lado ruim de trabalhar nesse meio, a blogueira conta que, às vezes, bate um desânimo. Vídeos que demoram horas para gravar, editar e postar não têm visualizações. As pessoas também fazem comentários negativos. Para Mariana, a melhor parte é receber mensagens de reconhecimento. “É gratificante, é uma coisa que não tem como explicar, elogiarem o seu trabalho.”

Fernanda Tumas, de 22 anos, cursa Administração e Ciências Contábeis, mas sua verdadeira paixão também é o mundo da internet. Ela conta que tudo começou por causa de um concurso. “Eu ganhei um concurso cultural da Mari Saad com a Boca Rosa e viajamos para a Disney em Orlando. A partir daí, por aparecer muito com elas, as pessoas começaram a me seguir no Instagram, e com o

ção e divulgação, mas, com as duas faculdades e o tempo corrido, hoje conta com a ajuda de um amigo, que edita seus vídeos para o YouTube. O maior desafio para Fernanda é estar sempre se renovando para as pessoas não perderem o interesse. Criar conteúdos diferentes e inusitados para manter o público e continuar alcançando mais pessoas. Os planos para



Fernanda posa para campanha publicitária

será a sua possibilidade de sucesso. Do contrário será impossível permanecer num mercado tão competitivo, inovador e globalizado. Mércia esclarece que deve ser realizado com equilíbrio e ter sentido. “Quando alguém exagera usando apenas o que os influenciadores digitais demonstram em seus canais, isso denota que esse ser virou uma marionete digital, uma vida sem autenticidade, ou seja, demonstra que está adoecido por uma cultura consumista”, observa a psicóloga.

Marcela Tumas, de 20 anos, é irmã de Fernanda e segue o mesmo caminho. Apesar da pouca idade, cursa duas faculdades, Moda e Administração. No Instagram (@marcelacatumas), tem mais de 40 mil seguidores e no YouTube posta vídeos semanalmente. A influencer conta que tudo começou em 2011, quando tinha 13 anos. Por acompanhar vários blogs diferentes, como o de Thassia Naves e o de Camila Coelho, começou a ver vídeos no YouTube e descobriu outras influenciadoras, principalmente as gringas. “Foi pelo amor que eu tinha em assistir aos vídeos que comecei a ter essa vontade de ter o meu próprio canal. Como tinha muita vergonha, demorei um tempo para tomar coragem. Comecei com um blog que chamava Beauty and Style, onde eu escrevia sobre moda, maquiagem, decoração”, conta Marcela. No final de 2012, decidiu criar seu próprio canal e postar o primeiro vídeo, no começo de 2013. Para a influencer, o maior desafio é se renovar. Segundo ela, o YouTube não é o mesmo do ano passado. O público muda com o tempo e Marcela se reinventa com criatividade. “Para o futuro, quero conseguir postar mais de um vídeo por semana e quem sabe, fazer parte de uma network para me ajudar a assessorar tudo.” ■



**HOJE EM DIA
BLOGUEIRA NÃO
É MAIS QUEM TEM
BLOG, BLOGUEIRA É
TODO MUNDO QUE
TRABALHA COM
INTERNET**

tempo foram me pedindo vídeos com algumas dicas. Foi aí que comecei a gravar pro YouTube e me apaixonei.” Fernanda posta dois vídeos no YouTube por semana, às segundas e às quintas-feiras ao meio dia. O horário fixo ajuda as pessoas a aguardarem pelo lançamento e acompanhar melhor a influencer. Já no Instagram (@fetumas), onde tem pouco mais de 30 mil seguidores, tenta estar presente todos os dias nos “stories” para gerar engajamento. Até alguns meses atrás, Fernanda fazia tudo sozinha: roteiro, gravação, iluminação, edi-

o futuro são continuar produzindo, criando e falando sobre assuntos que fazem parte do seu cotidiano. “É claro que temos também que acompanhar as mudanças da tecnologia e das plataformas que usamos hoje, mas que podem ser esquecidas e substituídas amanhã.”

A psicóloga Mércia Souza afirma que a busca por qualidade e pela satisfação imediata dos desejos faz com que as pessoas escolham os canais que melhor atendam às demandas. Sabendo que a concorrência é grande nesse nicho de mercado, o nível de fidelidade na relação de usuário-seguidor tende a ser frágil. “A escolha por esse novo mercado de trabalho exige dedicação, comprometimento e uma busca incessante pela fidelidade dos clientes, pois a concorrência é grande”, conta a psicóloga. Quanto maior o envolvimento do influenciador digital com o trabalho, maior



Acompanhantes virtuais

Garotos e garotas de programa utilizam plataformas da internet para se promover e atrair novos clientes. Essas ferramentas ajudam na segurança e na privacidade

Pedro Piott

Mesmo em meio a tantos tabus, a prostituição é uma das profissões mais antigas de todo o mundo e ainda assim ela consegue se reinventar junto com o avanço da tecnologia. Sites, aplicativos e salas de bate-papo se tornam a cada dia um dos principais meios para homens e mulheres que já exercem a profissão ou até mesmo que pensam em exercê-la um dia. Essa ferramenta permite desenvolver um trabalho que tenha seu próprio mercado on-line, já que além de promover o perfil do profissional e suas informações, facilita na divulgação para conseguir clientes de diversos locais, muitos, até então, eram inacessíveis. Isso torna o retorno bem maior e mais seguro do que qualquer outro meio.

É o caso da Pocahontas, nome adotado pela garota após virar acompanhante de luxo. Ela conta que se mudou para Ribeirão Preto e optou por utilizar sites com o intuito de se promover e assim ganhar clientes. “Eu me sinto mais segura com meu perfil na internet. Tenho medo do que pode acontecer nas ruas de Ribeirão Preto”, afirma. Diversos profissionais já utilizam plataformas como ferramenta de trabalho. “Sokka”, “Garota com Local” e “As moranguinhas” são sites que trazem maior retorno para a profissional. Os três oferecem mais facilidade de inscrição e acesso gratuito para os visitantes.

Outro grande benefício do uso dessas plataformas on-line é a maior segurança dos que se utilizam dela. Algo que deve ser levado em conta, pois a prostituição é um trabalho que ainda envolve grandes riscos, tanto para profissionais quanto para clientes por causa da violência. Diversos imprevistos ainda cercam esta profissão, principalmente os perigos que as ruas podem oferecer. Na internet, há uma maior tranquilidade, pois o cliente pode ter acesso a várias informações do profissional antes de fechar o programa, o que na rua, muitas vezes, não é possível. O profissional pode saber quem está visitando o perfil, o número do celular do cliente entre outras informações, e assim marcar um local seguro para o encontro.



Byanka Rafaella e sua adoração pela fotografia

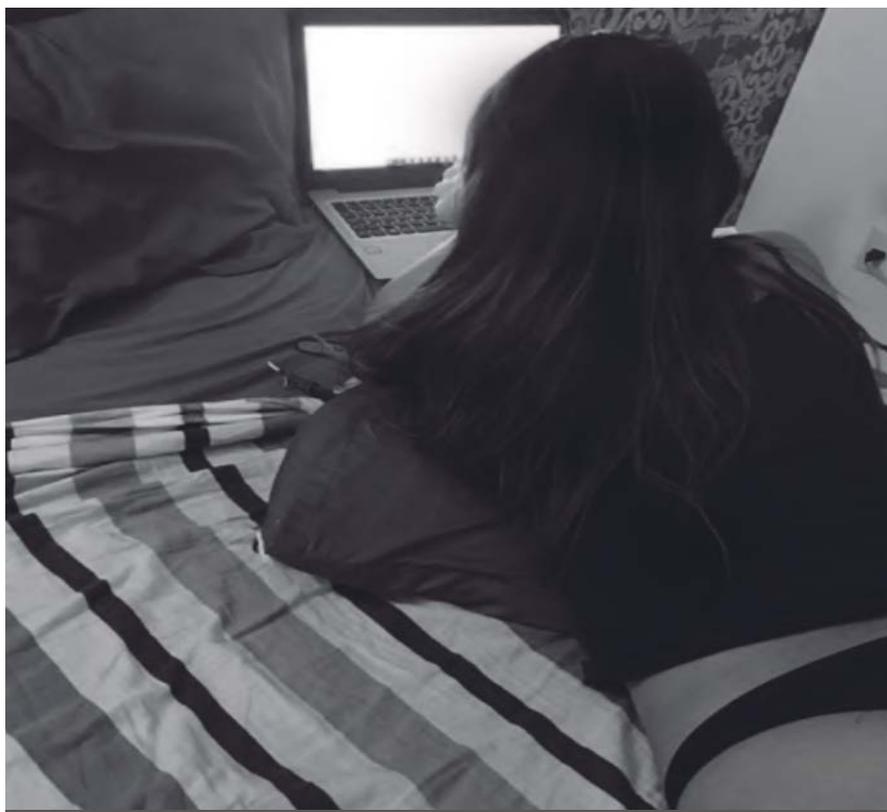
Muitos profissionais ainda atuam nas ruas e aliam os meios tecnológicos como incremento para o trabalho. A transexual Byanka Rafaella conta que divide o seu trabalho como garota de programa nas ruas de Ribeirão Preto com clientes que encontra em seus perfis no site. E quando tem tempo, faz algumas lives ou shows privados na webcam. Segundo ela, os clientes da internet gostam de total sigilo, são mais seletivos e com maior poder aquisitivo. “O dinheiro da rua é mais certo e sem enrolação. Pode acontecer de ninguém te chamar no dia pelos aplicativos ou sites. Enquanto que na rua você consegue pelo menos dois ou três”. Ela afirma, em contrapartida, que o perigo da rua é grande, pois nela os profissionais ficam totalmente expostos a qualquer tipo de pessoa.

Com esse retorno das plataformas, o publicitário e ribeirão-pretano Genival da Silva, criador do site “Lapiova”, diz que teve a ideia junto com um cliente. O objetivo era criar um classificados on-line pago, onde o profissional pode alugar uma página exclusiva e divulgar dados e fotos. “O site existe há 15 anos e a nossa preocupação sempre foi com a segurança dos usuários. Por isso, só é possível



**E U ME SINTO MAIS
SEGURA COM MEU PERFIL
NA INTERNET. TENHO
MEDO DO QUE PODE
ACONTECER NAS RUAS**

que o profissional se cadastre enviando todos os dados pessoais e seguindo as normas. Apenas assim a página é aberta”, conta. Esse é o diferencial do ex-youtuber Guilherme Oliveira Lotz, que trocou a profissão para se dedicar à vida de acompanhante de luxo, totalmente on-line. Desta forma, resolveu investir só em sites pagos como “Malícia” e “Garotos.com.br”. Também criou seu site pessoal para se promover e assim crescer na profissão. “Estou conseguindo ótimos contatos e quase todos são clientes fixos. Em oito meses, consegui subir quatro vezes o meu padrão e estilo de vida”. Por conta do sucesso, fez viagens interestaduais, recebeu convites para o exterior e até mesmo já estreou um filme pornô. Por falta de oportunidades ou insatisfações na carreira, os profissionais encontraram ferramentas da internet como uma maneira de se sentirem mais seguros e aumentarem os rendimentos. ■



“Pochontas” administra seu perfil nas plataformas

Entre pincéis e softwares

Com a evolução da tecnologia, a arte digital ganhou o mundo, mas o mercado das artes tradicionais não parece ter sido abalado e pode até ter sido beneficiado por essa evolução

Maria Luiza Picasso



No decorrer dos anos, apesar das diversas mudanças em relação à técnica, a arte manteve um de seus maiores princípios inalterados; sempre consistiu e ainda consiste em dois lados: de um, a necessidade de passar uma mensagem e, do outro, uma mente aberta a recebê-la. Com a criação e difusão dos computadores pessoais na década de 80, no entanto, uma nova forma de fazer arte se desenvolveu rápido e ganhou o mundo ao lado dos PCs. Começava ali uma nova era: a arte digital não apenas mudou o posicionamento dos responsáveis pela produção criativa, mas também interferiu na relação entre aqueles dois lados constantes, o autor e o observador. Com a popularização da internet, durante a década seguinte, a tecnologia digital deixou de ser apenas um meio de produção e passou a ser utilizada amplamente como meio de difusão de conteúdo, exigindo novas adaptações do meio artístico.

O PhD em Estudos da Arte e professor do programa de pós-graduação em Criação Artística Contemporânea na Universidade de Aveiro, Paulo Bernardino, em seu estudo “Arte e tecnologia: intersecções” lembra que, no campo de estudos das artes, vinha se tornando cada vez mais importante o desenvolvimento de um fio condutor neutro e de alcance o mais universal possível, fator que tornou o fenômeno da internet impossível de ser ignorado. A adoção foi inevitável, e a contínua criação de softwares voltados para edição e criação de imagens, encabeçados pela criação da versão 1.0 do Photoshop, lançada em 1990, com a única pretensão de baratear os custos de retoques em campanhas impressas, deu a luz a um novo modo de produzir, entender e distribuir a arte e a ideologia que tradicionalmente carrega. De acordo com o ilustrador e quadrinista Alexandre do Nascimento, “a ilustração, por mais que possa estar mais relacionada ao mundo comercial, não deixa de ser uma forma de se expressar e, muitas vezes, causar algum impacto.” Para ele, a função primordial da arte é demonstrar sentimentos, questionamentos, mostrar a visão do artista sobre certos assuntos e tentar fazer com que entendam



Dante Veloni acredita que a arte é um contraponto da realidade

o que se quis passar. “E isso pode ser feito de qualquer forma, seja com um lápis ou um mouse”, afirma.

Nem todo mundo concorda; o designer australiano William J. Mitchell afirma que “de forma abstrata, a arte digital não é nada mais do que incontáveis bilhões de bits armazenados nos meandros dos computadores que existem na rede universal”, em crítica veemente ao movimento no livro “Digital Dialect: New Essays to New Medias” de 2001. O novo modo de produzir atendeu perfeitamente às demandas da publicidade por maior rapidez na criação de conteúdo, tendo hoje dominado o mercado não apenas por sua praticidade, mas por sua ampla utilização na internet, incomparável difusora de imagens e de informações.

Segundo relatório divulgado pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento em 2017, o Brasil tem 120 milhões de usuários da internet. Possui também 234,7 milhões de aparelhos celulares, de acordo com dados colhidos pela ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações) em julho deste ano, ultrapassando a quantidade de habitantes ao atingir o marco histórico de 112,21 cel/100 hab. A rede mundial de computadores como meio de difusão de imagens se consolidou, fato que se retrata na pesquisa realizada em

março deste ano pelo IAB Brasil. Os investimentos na mídia digital já representam um terço do total aplicado em publicidade no país, com crescimento de 25,4% em comparação a 2017. São 14,8 bilhões gastos em, como disse Mitchell, “bits armazenados”.

Existe ainda mais um motivo por trás do mercado bilionário da publicidade e arte digital: interação. Em um ambiente livre como a internet, o público é capaz de opinar da forma que quiser sobre um mesmo conteúdo. Críticas e elogios podem ser feitos diretamente ao artista, o que altera completamente os padrões pré-estabelecidos para a relação produtor-apreciador. De acordo com o artista plástico Dante Velo-



**OS INVESTIMENTOS
NA MÍDIA DIGITAL
JÁ REPRESENTAM
UM TERÇO DO
TOTAL APLICADO
EM PUBLICIDADE
NO PAÍS, COM
CRESCIMENTO
DE 25,4% EM
COMPARAÇÃO A 2017**

ni, essa nova relação é extremamente positiva, mas tem seus riscos. “Hoje, lê-se menos jornal, nem se vai tanto ao museu. As redes possibilitam um maior acesso a informações sobre arte, o que é muito bom. Mas é claro que há muita informação ruim; há aqueles que veem uma obra e opinam, dizem o que acham de positivo e negativo depois de pensarem sobre. Há aqueles que policiam a arte, que não frequentam museus e dão ‘pitacos’ que são um desserviço, especialmente no momento em que vivemos, em que todos pensam que são donos da verdade”, afirma.

Mas se engana quem pensa que, por isso, a arte tradicional, feita a mão, perdeu espaço. A busca pelo artesanal, mediante a facilidade de acesso ao digital, cresceu. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o mercado de artesanato movimenta, anualmente, cerca de R\$ 50 bilhões e gera renda para 8,5% da população. Os números explicam o porquê do otimismo do artesão Rafael Salles, que não vê a arte digital como ameaça. “Embora a arte tradicional seja um produto de seu tempo, ainda há quem a consuma e a valorize. Falta alma à arte digital.” Rafael também não acredita que a arte feita manualmente possa vir a perder espaço para a produção digital, e reconhece que, mais do que competição, o desenvolvimento da tecnologia trouxe muitos benefícios para o meio artístico. “Sessenta anos atrás, se alguém quisesse ver uma obra de Michelangelo, teria que ir ao Vaticano. Hoje, conseguimos ver sua imagem completa na tela do celular. O que creio que possa acontecer é que, quanto maior o acesso à informação, mais formas de arte diferentes estarão disponíveis, mas cabe a cada artista encontrar seu público”, argumenta. Veloni concorda, e afirma que não há forma errada de se fazer arte. “O que há são coisas feitas com o objetivo de ser arte, e que não são compreendidas como tal. O papel da arte é ser absorvida, se isso não acontece, é um fracasso”, explica. ■

Encontros e reencontros virtuais



Muitos encontros durante a vida acontecem por acaso, seja com amigos, conhecidos, ou até mesmo o reencontro de familiares. Há pouco mais de uma década, não se imaginava que a popularização das tecnologias, como a internet, traria autonomia para as pessoas se encontrarem de forma ágil

Renato Pedral

A internet serve para aproximar as pessoas. Todos conhecem alguém que tem um familiar perdido, que não vê há anos. Eliseu do Império, 45 anos, é um caso desses. Filho caçula entre 19 irmãos de sangue, mais sete adotivos, tem um destes irmãos, chamado Ari, sumido há 23 anos. Ele trabalhava em uma empresa no Paraguai e desapareceu sem deixar pistas. Casado com Elizabete e pai de três filhos, Ariane, Ariovaldo e Líria, deixou saudades para a família e o irmão Eliseu. Os familiares buscaram por notícias, mas não encontraram

evidências sobre o desaparecimento. Nesse meio tempo, Eliseu perdeu o contato com a cunhada e os sobrinhos, uma vez que eles se mudaram para Hortolândia, após o sumiço de Ari. E assim se passaram aproximadamente 19 anos sem contato algum entre os parentes.

Após quase duas décadas, a pedido de Eliseu, seu filho Alison Júnior, que tinha pouco mais de seis meses de vida quando Ari sumiu e hoje está com 25, pesquisou pelo nome de sua prima no Facebook. Já na primeira busca, encontrou Líria. O primeiro contato virtual aconteceu na rede social e um ano depois a família estava reunida. Depois disso, ambos fizeram visitas frequentes e o vínculo familiar

foi refeito. Deise do Império, esposa de Eliseu, é grata pela facilidade que a web proporcionou e conclui: “Se não fosse com a ajuda da internet, não teríamos entrado em contato, já que não tínhamos a mínima ideia de onde eles estavam. A internet foi essencial para reencontrá-los”.

NAMORO VIRTUAL

Novos relacionamentos surgem a todo instante nos aplicativos e nos sites. Já através de jogos on-line, é de fato, algo curioso. Juliana Pivetta conheceu o “namorado” Geraldo Miranda, em uma twitcam, uma ferramenta de interação de vídeo do Twitter, no início de 2012. “Nosso primeiro contato foi quando eu acompanhava uma twitcam de um jogador de pôquer que falava de torneios e promoções. Eu mandei uma mensagem por lá, e assim o Geraldo entrou no meu Twitter e me adicionou no Facebook, perguntando se eu jogava pôquer”, conta Juliana.

Naquele ano, o então futuro casal se falava pouco, mas em meados de setembro a amizade se intensificou e a conversa passou a ser cotidiana. “Na virada de 2012, ele ligou me desejando um bom ano novo, e pela primeira vez nos falamos pelo celular e conversamos bastante”, relembra Juliana. Ela recorda que, nesta época, ainda sentia insegurança sobre um possível relacionamento, principalmente devido a distância que os separava. Ela em Santo André, região metropolitana de São Paulo capital, e ele em Barrinha no interior. Juliana lembra que comentou com Geraldo, que achava que não daria certo, mas ele insistiu, disse que a amava, para ela não desistir. Prosseguiram com o relacionamento à distância. O primeiro contato pessoal só aconteceu em dezembro de 2013. A moça já morava em Santos, pois fazia faculdade de engenharia de petróleo por lá. Geraldo decidiu procurá-la. “Eu não tive medo, conversávamos, diariamente, mas minhas amigas sim, pois não o conheciam. A expectativa era muito alta, afinal nunca o tinha visto pessoalmente, mas foi melhor do que eu imaginei. A partir daí, já sabia-



Denise Rosário, fundadora e administradora da página Fazenda Guataparã

mos que gostávamos muito um do outro”, relata Juliana, sorrindo. O início do relacionamento, ainda à distância, acontecia em segredo. “Meus pais foram os últimos a saber, em princípio ficaram receosos, mas depois que conheceram, o receberam bem na família”. Desde que se formou, Juliana foi morar com Geraldo em Barrinha, em março de 2017. “É difícil de imaginar, a internet ajudou muito o nosso relacionamento a dar certo, e se não fosse o pôquer, talvez nunca tivéssemos nos encontrado. Ainda bem que deu tudo certo... graças à internet!”.

A REDE DE MEMÓRIAS

A arquiteta Denise Rosário criou uma página no Facebook onde reúne histórias da Fazenda Guataparã, que deu origem a cidade de mesmo nome. Passou a infância nesta fazenda e hoje reúne na página histórias dos conterrâneos daquela época. Todos compartilham lembranças e reencontram amigos cujo contato se perdeu no decorrer da vida. A construção deste catálogo virtual de memórias se expandiu tanto, que foi até tema de trabalhos em seu curso de mestrado. Na comunidade virtual dos guataparaenses, a interação acontece nos comentários de fotografias ou de vídeos postados por Denise. A arquiteta conta que a intenção inicial era somente divulgar fotografias e histórias, até que em junho de 2017 postou um ví-

deo em homenagem aos 109 anos da imigração japonesa. Para a surpresa de Denise, o vídeo teve milhares de visualizações e downloads que circularam inclusive em outras plataformas como o WhatsApp e o YouTube. Ela diz que nunca gastou um centavo com a divulgação da página e que por meio dos comentários no vídeo, muitas pessoas se reencontraram. “Eu mesma, achei minhas professoras da escola, amigos de infância, vizinhos e conhecidos, já que morei lá de 1976 a 1989”, relembra.

Como uma grande rede de buscas, na página “Fazenda Guataparã – Memórias”, pessoas encontram amigos e parentes e marcam uns aos outros, principalmente pelo reconhecimento de sobrenomes, o que é muito comum na página. Denise relata que irmãos de mães diferentes, de mesmo pai, se encontraram por pura coincidência nos comentários. “Foi emocionante ver aquele encontro sem qualquer intenção”. Por fim, a arquiteta cita seu orientador de mestrado de 80 anos que até era contra a internet e não tinha muita fé nas informações trazidas pela página, mas depois dessas histórias de reencontro, viu o lado positivo da internet. “Eu acredito que se bem utilizada, a internet cria trocas e aproxima pessoas distantes ou desconhecidas. Sem ela, nada disso seria possível. O que move esses reencontros e a troca de lembranças é simplesmente o amor e as boas recordações de um lugar que não existe mais”, finaliza a idealizadora da página. ■



**SE NÃO FOSSE
COM A AJUDA DA
INTERNET, NÃO
TERÍAMOS MEIOS
DE ENTRAREM
CONTATO**

Tecnologia aliada à saúde



Berço do desenvolvimento tecnológico, o SUPERA Parque desponta no cenário nacional como referência em inovações e em pesquisas

Distante do centro da cidade e localizado próximo à USP, da qual nasceu, o SUPERA Parque, o parque de tecnologia e inovação da USP Ribeirão Preto (SP), vem despontando no cenário nacional como referência em empreendedorismo e inovação tecnológica. Uma das suas principais atividades é incubar e dar apoio a startups da área tecnológica. Bruno Eustáquio da Silveira, assessor administrativo da Fipase – fundação gestora do SUPERA Parque – conta como surgiu o órgão. “O SUPERA Parque surgiu em 2001 com a fundação da Fipase. Em 2003, criou a SUPERA Incubadora para apoiar empreendedores que gostariam de abrir um negócio no segmento de saúde. A partir de 2014, a gente começou a contar com o Parque Tecnológico”.

Atualmente, o Parque oferece um processo seletivo para todo projeto de startup tecnológica que queira começar na área. Caso selecionada, essa nova empresa vai para a Incubadora, que oferece uma assessoria nas áreas de gestão mercadológica, financeira e tecnológica. Conta ainda com o Centro de Negócios, onde empresas que já estão sólidas no mercado encontram incentivos para atuarem. A regra é uma só: o empreendedor que deseja incubar a ideia de startup ou levar sua empresa ao SUPERA Parque tem que atuar na área da tecnologia e trazer ao mercado alguma inovação.

É o que tem feito a Kidopi - Soluções em Informática Médica. Uma das grandes dificuldades para os gestores da área da saúde é ter controle do acompanhamento ao paciente no ambiente extra-hospitalar. Percebendo essa necessidade, a empresa criou o CleverCare: um software que usa mecanismos de Inteligência Artificial e Processamento de Linguagem Natural para conversar com o paciente e orientá-lo quanto aos cuidados fora do hospital. Mário Sérgio Adolfi Junior, cofundador e diretor

executivo, explica a funcionalidade do software. “O CleverCare se comunica com o paciente por um canal que ele já conheça como, por exemplo, o WhatsApp ou SMS, fazendo perguntas pré-estabelecidas. Com isso, acompanha o usuário no ambiente extra-hospitalar, ajudando-o a ter maior aderência ao tratamento. Também orientam sobre fatores que possam levar a reinternação. Quando necessário, há intervenção humana”.

ATUALMENTE, O PARQUE OFERECE UM PROCESSO SELETIVO PARA TODO PROJETO DE STARTUP TECNOLÓGICA QUE QUEIRA COMEÇAR NA ÁREA. CASO SELECIONADA, ESSA NOVA EMPRESA VAI PARA A INCUBADORA, QUE CONTA COM ASSESSORIA NAS ÁREAS DE GESTÃO MERCADOLÓGICA, FINANCEIRA E TECNOLÓGICA

Das muitas tecnologias usadas no software, a principal é o mecanismo de chatbot, um programa de computador que tenta simular um ser humano conversando com uma pessoa. O objetivo do CleverCare é que quem esteja interagindo tenha a impressão de que realmente se trata de outra pessoa e não de um robô. Para o diretor executivo, a importância do software criado pela Kidopi vai muito

além de oferecer acompanhamento ao paciente após a saída do hospital. Investir em prevenção é sinônimo de reduzir custo de internação. O diretor considera que “o hospital provê produtos de melhor qualidade, maior aderência ao tratamento e um desfecho melhor”. Para Hugo César Pessotti, cofundador da empresa, o software também ganha importância na questão de coleta de dados. “Com o CleverCare é possível obter um sistema de dados completo e atualizado desses pacientes para que o hospital possa atuar nas melhorias de outras áreas”. O empresário esclarece ainda que a principal vantagem dessa tecnologia é apresentar de forma sistematizada e coletar informações, além da pesquisa dentro da base de contatos e a identificação de pacientes específicos.

NOVOS MERCADOS

Nova no mercado, a Kidopi - Soluções em Informática Médica surgiu em 2008 como uma iniciativa de três amigos que estavam se formando em Informática Médica pela USP de Ribeirão Preto (SP). Só em 2009 foi oficializada como pessoa jurídica e passou a atuar no mercado. Pessotti conta que a empresa surgiu após a observação de mercado desses alunos durante a faculdade. Como é um curso relativamente novo, os estudantes, na época, notaram que não havia muitas empresas especializadas em informática médica. “Havia empresas de informática que atuavam para hospitais, mas nenhuma especializada em informática médica. Então, vimos esse gap e decidimos começar o nosso negócio”, explica o empresário. As expectativas dos cofundadores da Kidopi são as melhores. Hoje, o CleverCare é oferecido em hospitais de ponta como o Albert Einstein, em São Paulo, e também a Unimed Nacional. Além disso, em 2013, recebeu o prêmio Summit Award, da ONU, como o melhor software de saúde do Brasil. ■



Redes sociais alavancam vendas

Para aumentar as vendas, comerciantes de Sertãozinho utilizam as redes sociais e contam com a divulgação dos influenciadores digitais

Anelize Visin

Com a popularização da internet e o crescente engajamento dos brasileiros nas redes sociais, pequenos e grandes proprietários dos mais diversos ramos viram nesse meio a oportunidade de divulgar produtos e serviços, alavancando vendas. Com o auxílio da tecnologia, as redes sociais como Facebook, Instagram e YouTube tornaram-se virais e um meio prático, eficiente e econômico de atrair clientes e gerar resultados. De acordo com estudos promovidos por We Are Social, rede global de agência especializada em social media, 62% da população do Brasil está conectada às redes sociais. Ainda segundo o estudo, o brasileiro ocupa o segundo lugar entre os

países que usam as plataformas digitais por mais tempo, somando cerca de 3 horas e 39 minutos por dia conectado à internet. Com esses dados, é fácil perceber os motivos que levaram as redes sociais a revelarem um enorme potencial de vendas, um canal direto entre empresa e consumidor.

Para aumentar a cartela de clientes, Elaine Valentim, proprietária há sete anos da loja de roupas E. Valentina e Doce Annie, em Sertãozinho, começou a usar o Instagram e o Facebook para alcançar um público maior e hoje tem cerca de 70% das vendas resultantes desse meio, “O cliente tem muita oferta, não dá para esperar ele passar em frente à loja”, afirma a empresária. De acordo com Elaine, é preciso usar algumas estratégias para as redes sociais darem resultado: seguir os horá-

rios de publicação onde exista o pico de pessoas alcançadas, fazer publicações três vezes ao dia, vestir as roupas no corpo e fazer transmissões ao vivo esporádicas criam expectativas nos clientes, e geram resultados, atraindo compradores até a loja ou acarretando compras pelos correios. “É preciso entender e saber usar as ferramentas a seu favor para obter resultados”, conclui Elaine. A loja E. Valentina e Doce Annie conta também com publicações mensais em revistas locais, para atingir o público que ainda não está conectado à internet, mas Elaine acredita que em um futuro próximo, 90% das vendas ocorrerão pelas redes sociais.

Outro grupo que cresceu foram os influenciadores digitais. São pessoas com significativo número de seguidores e que fazem parcerias com

lojas e outros estabelecimentos de serviço para realizar divulgações e atrair clientes. Cláudia Alcântara, influenciadora digital e proprietária do Brechó Chic da Claudinha, começou o trabalho dando dicas de beleza nos stories do Instagram e chamou atenção de comerciantes locais. Essa ação resultou em muitas parcerias com lojas de cosméticos, salão de beleza, entre outros produtos. Segundo Cláudia, as pessoas assistem as stories, vão às lojas, começam a seguir os estabelecimentos nas redes sociais e isso se converte em resultados. “Um ou dois dias sem postar, o movimento já cai, mas postou, vendeu”, afirma. Para ela, o principal ponto positivo da internet é sua acessibilidade, que possibilita divulgações sem custo e um alcance muito grande de pessoas. “Com a crise, um acaba ajudando o outro e todos conseguem crescer juntos”, conclui.

Alguns serviços também contam com divulgações on-line para alavancar vendas. É o caso da Vitrine Central de Imóveis, que reúne um grande número de ofertas em Sertãozinho, buscando otimizar a experiência do cliente que deseja adquirir ou construir seu imóvel próprio. Cleunice Aparecida, responsável pela Vitrine, afirma que

UM OU DOIS DIAS SEM POSTAR, O MOVIMENTO JÁ CAI, MAS POSTOU, VENDEU

Cláudia Alcântara

a divulgação pela internet é um modo eficaz de atingir o público-alvo, constituído principalmente por jovens e casais. A Vitrine Central de Imóveis também possui um website e conta com as redes para servir como ponte, atrair público e aumentar a visibilidade do site. “As redes sociais são um bom modo de aumentar a cartela de clientes, se o comprador se interessa por um imóvel e entra em contato direcionamos o produto ideal para o seu perfil”, afirma Cleunice.

De acordo com Angelo Merlo, cientista da computação e há dez anos especialista em Internet, as empresas, independente de seu tamanho, vêm dando maior importância para as redes sociais. Elas tornaram-se o

melhor meio de gerar receita, engajamento e reconhecimento para a marca, além de ser um meio eficaz de expansão e contato direto entre empresa e cliente. Para Angelo, as redes sociais não substituem as formas tradicionais de divulgação e todo meio de propaganda tem possibilidade de atingir clientes em potencial e uma perspectiva positiva. “As redes sociais têm uma enorme força para divulgação e não consigo imaginar um cenário onde isso piore. Pelo contrário, imagino apenas um crescimento exponencial para o meio”, afirma o cientista. Ainda segundo o especialista, as redes sociais possuem ferramentas que permitem atingir com grande precisão o público-alvo desejado, o que faz com que a divulgação do produto ou serviço alcance uma grande quantidade de clientes em potencial com um custo relativamente baixo, se comparado a outros meios de divulgação, como mídia impressa ou rádio. Elas possibilitam também uma boa gestão e análise de dados, que ajudam identificar o tipo de imagem ou de texto que atraem mais os clientes e os horários mais eficazes para manter a divulgação ativa e gerar resultados. ■



Cláudia Alcântara faz transmissões diárias no Instagram, divulgando as roupas do brechó

Perdas Compensadas

Pessoas com deficiências encontraram na tecnologia maneiras de superar limitações e vencer desafios

Luciano Filho



André Luis Mattioli Rosa guardou como suas primeiras lembranças, imagens de rostos, momentos e lugares, sem saber, pela ingenuidade comum da época de jardim de infância, que ainda faltava algo. “Quando fui crescendo, até os cinco ou seis anos, minha mãe me transferiu para outra escola e fui percebendo que eu tinha algumas limitações, eu via todos conversando”. Nunca ouviu as vozes que o cercava e então percebeu as diferenças por não poder ser

ouvido, vendo lábios se encontrando e mexendo sem saber o que ao certo queriam dizer. Ali nascera mais um surdo. O diagnóstico veio meses após o nascimento, mas sua identidade não. “Para se reconhecer como uma pessoa da comunidade surda, não basta apenas nascer surdo, é necessário se identificar, conviver e se comunicar como um.” Até os 20 anos, como todo adolescente preocupado com questões pessoais vistas pela sociedade,

reparava que ficava isolado. “As pessoas, às vezes, me viam com olhar de piedade ou de zombaria. Por outro lado, meus primos ficavam com ciúmes porque a atenção da família era toda para mim.”

ÁRDUA CAMINHADA

Zacarias Pereira de Souza, 32, trabalhava na construção civil até alguns meses atrás. O acaso, porém, resolveu aparecer em sua vida. Em um fim de tarde, que poderia ter sido apenas mais um, como todos os outros, um acidente fez com que perdesse parte de sua perna direita. “Quando fui atravessar a linha do trem, tropecei,

caí, bati a cabeça e quando acordei, a locomotiva já estava em cima de mim. Foi muito desesperador, o barulho alto, calor, eu não conseguia me movimentar e na verdade nem poderia, segundo os bombeiros que estavam fazendo o resgate.

Com o olhar distante durante toda a entrevista, ele conta sua história, tentando, ao mesmo tempo, lutar para superar. “É uma coisa bem difícil de esquecer rápido, é preciso ter uma mente forte, tentar levar a vida o mais normal possível e com o tempo, você consegue se adaptar”. O único momento em que deixou de apresentar um olhar distante e pensativo foi ao ser perguntado sobre como as pessoas o enxergam. “Faço comparação com os jovens que se pintam e cortam o cabelo de forma pitoresca ao passar nos vestibulares, o estranhamento causado pelo diferente é o mesmo e, geralmente, vem acompanhado de um olhar de pena”. E brincou, “certa vez, uma senhora quis que eu passasse à sua frente na fila do banco, insisti que não precisava, pois tinha três pernas e ela somente duas. Na ocasião, estava com muletas.” E foi aí que pela primeira vez se permitiu ser tomado por uma sensação de alegria.

A COMPENSAÇÃO

Esses dois personagens se encontram agora, fazendo parte da era mais tecnológica de todos os tempos, para contar como suas vidas foram compensadas. Para André, tudo começou no início da década de 1970 com o TDD, um aparelho para surdos. Nele, o telefone era colocado no gancho e a chamada era feita automaticamente. “Eu achava muito estranho. Tinha a questão do português que nem todos os surdos eram alfabetizados, não gostávamos muito, as frases passavam em apenas uma linha e muito rápido”. Depois veio o fax em 1984. Este aparelho era capaz de transmitir textos e imagens através de uma linha telefônica. A próxima tecnologia que surgiu, foi

o BIP. “Era um aparelho chamado Pager, algo que os médicos usavam muito, mas só era possível receber as mensagens, não dava para responder”.

Então veio a maior tecnologia quando o assunto é comunicação. “Comprei um celular para mim e outro para minha mãe. Os surdos me perguntavam porque eu tinha se não podia fazer ligações. Expliquei que podia mandar

**SEGUNDO O IBGE
4,7% DAS VIAS DO
BRASIL TÊM RAMPAS
PARA CADEIRANTES,
MENOR AINDA É O
NÚMERO DE GUIAS
PARA CEGOS E
DE INTÉRPRETES
DE LIBRAS PARA
SURDOS**



mensagens de texto gratuitas e eles começaram a comprar.

Zacarias frequenta, três vezes por semana, a clínica de fisioterapia no Hospital das Clínicas da USP. Lá ele conta com as mais novas tecnologias e os mais recentes métodos para conse-

guir reaprender a andar. Além desse auxílio, também se esforça de forma autônoma. “Faço fisioterapia em casa, por conta própria, tento dar o máximo. Para ajudar na locomoção, Zacarias também conta com a cadeira de rodas, muletas e em breve, receberá uma prótese para seu membro amputado.

DIFICULDADES REMANESCENTES

Apesar dos avanços tecnológicos implantados em aparelhos que auxiliam na comunicação e na locomoção, ainda restam aspectos da acessibilidade que merecem atenção, como a infraestrutura. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 4,7% das vias do Brasil têm rampas para cadeirantes, menor ainda é o número de guias para cegos e de intérpretes de libras para surdos.

André consegue enxergar o ponto fraco que a tecnologia possui. “Para conversar com ouvintes a escrita ajuda. Com surdos, as vídeo chamadas seriam ótimas se a internet no Brasil fosse um pouco melhor. Difícil falar, tudo sempre trava e perdemos parte dos sinais em Libras”. Zacarias repudia o uso de cadeira de rodas porque fica indignado ao não conseguir ter acesso aos locais por conta da falta de rampas e de asfaltos e calçadas em estado crítico. “Até mesmo no prédio da previdência social, eu sozinho não consigo subir nas rampas de acesso porque ela é muito mal feita. Apesar de todas as dificuldades que os deficientes enfrentam, a tecnologia continua como o meio que pode dar a eles uma vida normal, digna e sem privações. Suas histórias e suas vidas que um dia estiveram paralelas, hoje se cruzam e se interligam, para dar voz às pessoas que antes não falavam, emprestar olhos para uma sociedade que pouco enxergava e asas às pessoas que antes pensávamos não serem capazes de traçarem suas jornadas. ■



Olhos Tecnológicos

A tecnologia não só ajuda nas atividades diárias de uma pessoa comum como está evoluindo para auxiliar os deficientes visuais a executarem tarefas consideradas básicas. Também está abrindo portas para pessoas que até então eram excluídas por sua deficiência

Guilherme Carlos dos Santos

Entre os cinco sentidos que o ser humano possui, a visão é o mais importante deles, pois permite a visualização de objetos e pessoas. Quase todas as atividades necessitam dessa capacidade desenvolvida desde o nascimento. Para muitas pessoas classificadas

como deficientes visuais (e acredite, são muitas) isso é uma bênção.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com base no Censo 2010, no Brasil, existem mais de 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual, sendo 582 mil cegas e seis que milhões possuem baixa visão. São considerados deficientes visuais (DV) pessoas com comprometimento parcial (40% a 60%) ou total da visão. Portadores de miopia, astigmatismo ou

hipermetropia não são considerados DV porque o problema pode ser corrigido com lentes ou cirurgias.

Independente da deficiência, o DV tem todos os direitos civis determinados pela Constituição. O Estado fica encarregado de fornecer a acessibilidade necessária para que a pessoa tenha total autonomia. Semáforos com sinais sonoros, calçadas com piso tátil e placa de avisos com sinalização em braille são os princi-

pais recursos. Para Tatiana, 36 anos, que é cega, as acessibilidades não são tão boas na prática, principalmente nas ruas. Embora a Constituição garanta a acessibilidade, nem todas as cidades do Brasil oferecem todos os benefícios aos DV.

O Estado repassa verbas às secretarias de Educação para investir na inclusão de DV na rede pública de ensino. Há também instituições especializadas na educação e na inserção dos deficientes na sociedade, como é o caso da ADEVIRP (Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto). Através de profissionais ligados à área da educação e com o auxílio de tecnologias, essas instituições atendem de crianças a idosos.

**SEGUNDO
IBGE, COM BASE
NO CENSO 2010,
NO BRASIL,
EXISTEM MAIS
DE 6,5 MILHÕES
DE PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA
VISUAL**

Rosimeire é monitora pedagógica de informática na ADEVIRP e mostra alguns equipamentos e softwares utilizados na aprendizagem, como é o caso do NVDA, um leitor de tela e o DOSVOX, programa educativo desenvolvido na UFRJ que sintetiza uma voz para auxiliar o usuário a fazer as atividades oferecidas pelo programa, como exercícios de matemática, português, geografia, etc. Há também uma impressora que, através da digitação do texto em um programa de computador, imprime palavras no formato Braille.

O sistema Braille é um processo de escrita e leitura baseado em 64 símbolos em relevo, resultantes da combinação de até seis pontos dispostos

em duas colunas de três pontos cada. A leitura é feita a partir do toque de uma ou duas mãos nos relevos. Apesar das constantes evoluções, Rosimeire diz que a tecnologia não pode substituir o Braille. “Ela pode aprimorar e dar condições para que haja um desenvolvimento maior. É a forma de leitura dos deficientes visuais”.

Sabendo que os smartphones são peças fundamentais no cotidiano, empresas investem em aplicativos para auxiliar os DV, caso do Leitor de Dinheiro que através da câmera do aparelho reconhece as cédulas e informa o valor. Também tem o PayVoice que confirma o valor das transações realizadas e a forma de pagamento antes de digitar o valor na máquina de



Tatiana Bassi trabalha como agente técnico administrativo

cartão. Outro recurso é um sistema operacional móvel como o iOS que interpreta por áudio cada detalhe na tela do dispositivo. Esse recurso é o Voice Over disponível desde a versão 3.0 do sistema. O sistema Android não possui nativamente esse recurso, mas disponibiliza em sua loja um catálogo de aplicativos para o usuário fazer o download.

Apesar dos vários recursos, Rosimeire diz que ainda precisa ocorrer uma evolução, principalmente, em relação à navegação na internet, “Muitos si-

tes não são acessíveis para o deficiente visual. Eles te deixam perdido. Como eles não utilizam o mouse e é tudo através de comandos, não há opção. Como eu entro? Que produtos são utilizados? Acredito que ainda necessita de muita adaptação”.

Tatiana trabalha hoje como secretária em uma instituição de ensino. Faz uso de um programa chamado Virtual Vision que auxilia nas tarefas, mas também aponta fraquezas já conhecidas. “Ele só não lê as figuras, imagens... Do resto, consigo fazer tudo através do aplicativo”. Os setores que mais empregam os deficientes visuais no Brasil são administrativo, recepcionista, secretariado e telemarketing.

TRABALHO ASSISTENCIAL

A ADEVIRP (Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto e Região) é uma instituição sem fins lucrativos que visa à inclusão do deficiente visual, tanto educacional quando a inserção no mercado de trabalho e atividades esportivas. Cerca de 200 pessoas, de crianças a idosos, são atendidas diariamente, provenientes de 30 municípios da região de Ribeirão Preto e mais três cidades de Minas Gerais. Entre os serviços e as atividades oferecidos pela instituição está o atendimento especializado, biblioteca adaptada, aulas de GolBol (esporte criado para deficientes visuais onde dentro da bola tem um guizo que ajuda na orientação dos atletas), oficina de locução, informática e atendimento psicológico. Por ser uma instituição filantrópica, ela se mantém através de doações de pessoas físicas e jurídicas através de convênio. Em Ribeirão Preto, eles têm convênio com a Secretaria de Educação através de projetos de recursos e campanhas. Para ajudar a ADEVIRP, o interessado pode entrar em contato pelo (16) 3913.1900 ou através do site www.adevirp.com.br e procurar a opção de doação. A entidade funciona de segunda a sexta-feira das 7h30 às 17h. ■

O novo mundo dos surdos

A legislação que criou e regulamentou a Libras melhorou muito o cotidiano dos surdos, mas o que transformou mesmo a vida dos deficientes auditivos foram as novas tecnologias e os aplicativos

Edson Alvares da Costa



A educação, a comunicação e a vida dos surdos mudaram drasticamente nas últimas décadas. O avanço da legislação, que em 2002 reconheceu oficialmente a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como a segunda língua oficial do País, melhorou muito o cotidiano dos deficientes auditivos, mas o que transformou mesmo o mundo deles foram as novas tecnologias criadas a partir da internet. “A legislação nos ajudou muito, mas agradeço a Deus, principalmente, por terem

criado as novas tecnologias digitais, como internet, Skype, Facebook e WhatsApp. Antes disso, tínhamos quase nada de informação, educação e comunicação”, afirma Daniela Farineli Melo, 36 anos, surda de nascença e professora de Libras da rede pública de ensino em Ribeirão Preto, que deu parte desta entrevista via WhatsApp. Quando Daniela nasceu, em 1982, nem fax havia, muito menos a linguagem de Libras oficializada. Os pais dela, desesperados, compraram os melhores aparelhos contra surdez. De nada adiantou. Eles não conheciam o mundo dos surdos. Daniela sofreu muito, ainda na década

HOJE, OS ALUNOS DE DANIELA NÃO PASSAM PELO SOFRIMENTO QUE ELA VIVEU NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

de 1980, quando entrou na escola e ainda não se sonhava com a internet, nem com os aplicativos surgidos na virada do século XX. “Nos primeiros anos, chorava demais, segurava nas pernas da mãe, porque não conhecia ninguém ao meu redor e tinha medo do universo dos não-surdos.” E assim continuou por um bom tempo: “Não aprendia direito, reprovava de ano, era reprovada porque colava”, conta.

Hoje, os alunos de Daniela não precisam passar pelo sofrimento que ela passou na infância e na adolescência. “Com o avanço da tecnologia, as coisas foram ficando cada vez mais fáceis”, afirma Patrícia, mãe de Gabriel Alexandre Paiva da Silva, de 13 anos e surdo de nascença. “Hoje, posso me comunicar com qualquer pessoa na escola, tanto ouvinte como surdos, por Libras e pelo implante coclear”, diz o menino, que cursa a sétima série da escola Alfeu Luiz Gasparini, em Ribeirão Preto, e é aluno de Daniela. Gabriel, que recebeu um implante coclear aos quatro anos, ouve muito pouco e só quando houver silêncio quase total. Tem perda de audição profunda bilateral. Parece uma criança muito feliz. Na escola, faz aulas de vôlei e handebol, participa do campeonato entre escolas com o handebol e, acreditem, toca percussão na banda marcial da Alfeu Luiz Gasparini, a BMAG! “Sentir as vibrações sonoras é muito importante para ele tocar, mas ele consegue porque tudo é muito visual e o Gabriel tem uma ótima memória fotográfica, que o ajuda a acompanhar os outros integrantes da banda”, gaba-se a mãe. Fora

da escola, Gabriel, usuário de redes sociais, anda de skate, de bicicleta e joga futebol com o irmão mais novo. Enfrenta algumas dificuldades na comunicação, porque muitas pessoas ainda não conhecem a Libras. “Ele também está em fase de aprendizagem e conhecimento de tudo, então o apoio familiar é muito importante em tudo que ele faz”, esclarece Patrícia.

A lei que criou a Língua Brasileira de Sinais, em 2002, e as assinaturas, em 2005, o decreto que a regulamentou como disciplina curricular e, em 2007, e a lei que criou e regulamentou a profissão de tradutor/intérprete de Libras ajudaram e muito os deficientes auditivos. A professora Daniela cita outras tecnologias e aplicativos para surdos surgidos nos últimos anos, como Duo, Imo, Telegram, emergência para chamar polícia e bombeiro, entre outros. “Eu quero acessibilidade para surdos de boa qualidade. Por exemplo: alguns bancos têm avatar de Libras, eu não concordo. Porque avatar não tem como comunicar-se com a gente em detalhes, não há nem um pouquinho de expressão facial”, descreve. E acrescenta: “Gostaria que houvesse nos bancos, em supermercados e outros estabelecimentos, a presença pessoal de um profissional intérprete de Libras, com fluência. Seria mais fácil comunicar tudo, sentimento e comportamento.” Segundo a professora, também falta “mais tecnologia nos materiais pedagógicos em Libras para alunos surdos.” A pedagoga Carla Coimbra Barato Dorazzi, deficiente auditiva, lembra que falta tradução para surdos em vários programas jornalísticos, de política e documentários na TV. Ela cobra também a implantação definitiva da disciplina de Libras em todas as escolas do Brasil, o que ainda não ocorreu. Pede, ainda, educação bilíngue para crianças surdas e intérpretes em todos os locais públicos como determina a lei. Daniela aponta ainda que Ribeirão Preto precisa adotar o aplicativo ICOM. “Por exemplo, eu não ouço. Como, então, ligar cha-

mando ambulância? E se eu passar mal, hein? Então, Ribeirão Preto precisa criar uma central de tradução para haver diálogo entre surdos e ouvintes”, afirma.

O ICOM, que chegou ao mercado brasileiro no ano passado, é baseado em tecnologia avançada e tem como objetivo facilitar a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. Disponível para computadores, tablets e celulares, trata-se de uma central de tradução simultânea. A interpretação ocorre por meio de uma videochamada. A disponibilidade do serviço em locais públicos e privados garante ao surdo o direito de ser atendido em seu próprio idioma, o que promoveria respeito e cidadania. Daniela, que entrou no Google somente aos 15 anos, hoje é casada, seu marido é surdo e eles têm uma filha de 12 anos sem a deficiência. “Na família nos comunicamos só em Libras. Minha filha sabe tudo de Libras, parece surda”, conta ela, que é formada em pedagogia, tem pós-graduação em psicopedagogia e dá aulas de Libras em duas escolas públicas de Ribeirão Preto, entre outras atividades. Com as promessas de tecnologias ainda mais avançadas, Daniela, Carla e Gabriel têm um novo mundo pela frente. ■



Para Daniela, o mundo dos surdos melhorou

Vilão tecnológico

Aplicativos prometem dietas e treinos de exercícios para emagrecer e modelar o corpo. Seguir as instruções de uma ferramenta sem o auxílio de um profissional pode ser o caminho para sérios problemas de saúde, com danos físicos e psicológicos

Luana Vasco



Os aplicativos para celular estão cada vez mais tecnológicos, oferecem dietas e exercícios físicos com dicas e instruções gratuitas e a qualquer momento. São fáceis, práticos e baratos, mas as consequências de querer mudar o corpo sem o auxílio de um profissional podem causar danos perigosos. Segundo dados da Flurry Insights, empresa de análise, monetização e publicidade móvel, fundada em 2005, somente em 2015 o uso de aplicativos com a finalidade de emagrecimento e treinos cresceu 54% e o mais baixado deles é o Freeletics, usado por um milhão de brasileiros. Heloísa Barbim, 19 anos, resolveu aderir à moda dos aplicativos por indicação de amigas. Insatisfeita com seu corpo, a estudante de publicidade e propaganda encontrou na tecnologia uma maneira de emagrecer que causou sérios problemas. “Chega um pon-

to que você fica extremamente obcecada por bater todas as metas que o aplicativo te propõe e quando não consegue fica a frustração. Meu psicológico estava muito abalado. Além disso, eu tive anemia, a ponto de comer fígado batido no liquidificador, e bulimia, pois comecei a provocar vômitos para emagrecer mais rápido”, conta Heloísa.

Mesmo tendo consciência das consequências, a jovem se preocupou mais com o corpo perfeito do que com sua saúde física e psicológica. “Eu tinha total consciência dos riscos, mas estava obcecada em ter o corpo perfeito. Isso porque sempre fui gordinha e ouvia aquelas piadinhas idiotas. Isso me incomodava muito”, desabafa Heloísa. Hoje, a estudante entende que o acompanhamento de um profissional da saúde é essencial e que os aplicativos não são as melhores alternativas para perder peso e se exercitar. “Depois de tudo que passei, chego à conclusão que esses aplicativos nada mais são que



A nutricionista Talita alerta para os perigos que os aplicativos podem causar à saúde

uma forma de acabar com nossa saúde. Existem outras maneiras saudáveis de emagrecer, infelizmente aprendi isso da pior maneira possível”, relembra.

A nutricionista Talita Braga Codogni, 29 anos, alerta para os perigos que dietas por aplicativos podem causar à saúde. “O risco é que o emagrecimento não começa com o estômago e sim com a cabeça. Cada pessoa tem um perfil psicológico e um corpo diferentes. Esses aplicativos são feitos para todos terem acesso, podendo causar transtornos alimentares, oscilação de peso e até o desenvolvimento de algum tipo de doença específica”. Talita acredita que as pessoas procuram um aplicativo e não um profissional para montar uma dieta devido ao dinheiro. “A facilidade está na parte financeira. É muito prático você pegar o celular e não pagar nada. No celular, a pessoa leiga vai ter a solução sem precisar gastar com um profissional, só que a maioria depois percebe que não dá certo e recorre a um especialista”. A profissional da saúde finaliza com um recado às pessoas que querem emagrecer ou mudar seus hábitos alimentares. “Peço que todos se conscientizem que as ferramentas tecnológicas são um auxílio quando o profissional recomenda. Não são todos os aplicativos que podemos usar. Tem uns que passam a dieta e dieta

you só pode fazer quando um profissional te orientar”.

Não foi só Heloísa Barbim que caiu na promessa fácil dos aplicativos. Lorena Cristina Marques, 21 anos, em busca por mais resistência para o corpo, encontrou por acaso no celular um que atendia aos seus objetivos. “O aplicativo pede sua altura, peso, seu objetivo com o treino e monta um planejamento de exercícios para você. O meu plano dizia que eu precisava me manter ativa durante 60 minutos por dia andando ou correndo e os exercícios teriam que evoluir”, conta Lorena. Sem perceber de início que os treinos sem o acompanhamento de um profissional estavam prejudicando



**TIVE ANEMIA A
PONTO DE COMER
FÍGADO BATIDO NO
LIQUIDIFICADOR
E BULIMIA, POIS
COMECEI A
PROVOCAR VÔMITOS
PARA EMAGRECER
MAIS RÁPIDO**

Heloísa Barbim

a saúde física, Lorena continuou com os exercícios mesmo quando sentia dor, pois achava que era normal, até o dia que sua situação piorou. “Quando eu corria na esteira não doía tanto, mas correndo no parque eu sentia dores nas pernas e não entendia o porquê. Chegava em casa, colocava bolsa de gelo e fazia alguns alongamentos que eu acreditava estarem certos. Até que um dia acordei, fui colocar o pé no chão e doeu muito. Fui diagnosticada com canelite nas duas pernas”, conta. Mesmo recebendo instruções do aplicativo para sempre contratar um profissional, ela não deu importância. “A gente não procura, né? Eu achava que estava apenas correndo, uma coisa normal. Não fui atrás de um profissional por ignorância, por não ter consciência de que era realmente necessário”.

O desconhecimento dos riscos faz com que as pessoas não tenham consciência dos problemas físicos que podem ter ao treinarem sozinhas, apenas com instruções de um aplicativo, como aconteceu com Lorena Marques. O educador físico Lauro Britto Filho, 37 anos, comenta sobre esse perigo. “Os aplicativos são incapazes de avaliar as limitações físicas particulares de cada um, tratando de forma geral pessoas diferentes. Dessa forma, o risco de lesões e aumento no desequilíbrio entre grupamentos musculares se torna algo considerável”, explica o personal trainer.

Assim como a nutricionista Talita Codogni, o educador físico também acredita que a parte financeira prevalece. Para ele, não é apenas esse motivo que faz as pessoas recorrerem aos aplicativos. “O baixo custo, acessibilidade e modismo são alguns fatores, mas, isso acontece, principalmente, por desconhecimento dos riscos à saúde e dos reais benefícios em contar com a orientação de um profissional capacitado em avaliar e elaborar um programa de treinamento que atenda às necessidades particulares de cada indivíduo”, finaliza Lauro Britto. ■

Exercícios on-line

Para atender mais alunos, profissionais da Educação Física usam a tecnologia e trocam a academia tradicional pelo ambiente digital. Os alunos entram em forma e não precisam sair de casa

Gustavo Simões



Imagina não necessitar enfrentar o trânsito e perder tempo para chegar a academia. Em vez disso, você pode entrar em forma com economia de tempo e dinheiro. A tecnologia veio para ficar e a cada dia com mais novidades, inclusive na área da Educação Física. Professores de academias estão deixando de lado as aulas presenciais, para criar conteúdo on-line para vender através da internet. A personal trainer Taíssa Martins é formada há seis anos e por gostar de dança optou pelo curso de Educação Física. Após se formar, Taíssa chegou a fazer estágio em uma academia e trabalhar em uma clínica como personal trainer, porém após um ano e meio, teve a ideia de migrar para o universo on-line. Além da troca do ambiente de trabalho, ela afirma que essa mudança valeu muito a pena. “Não somente do ponto de vista financeiro, mas também pelo universo profissional que se abriu totalmente.

Conseguimos atender dez vezes mais pessoas no formato on-line do que no mundo presencial”. Para os alunos, Taíssa diz que o principal benefício é a facilidade de comunicação e no atendimento 24 horas que o programa proporciona, além da flexibilidade para treinar no ambiente que quiserem e no horário que tiverem disponibilidade.

Ao ser questionada sobre os riscos de lesões dos alunos, uma vez que praticando via on-line eles não têm um professor ao seu lado para dar instruções, ela explica que isso ocorre em todo lugar. “Casos de lesão acontecem a todo instante em dezenas de academias espalhadas pelo país. Justamente por esse motivo, o programa tem uma alta demanda. Muitos alunos nos procuram querendo uma orientação para não se machucar. Temos a preocupação de garantir que isso não ocorra sob nossa supervisão. Nunca aconteceu”, comenta Taíssa. O professor Murilo Mengel, formado há dois anos, acredita que o risco de lesões pode acontecer em qualquer lugar, seja pre-

sencial ou on-line. “Assim como no treinamento convencional, na presença do treinador, existem riscos se o processo de treino não for devidamente prescrito e periodizado pelo profissional do exercício. Sempre estruturado sobre as bases teóricas, deve se respeitar as condições clínicas e motoras do aluno.”

CUIDADOS NA ESCOLHA

Seja para o treinamento on-line ou presencial, o professor faz uma alerta para a saúde. “Da mesma forma que não vamos em qualquer médico, em qualquer dentista, devemos saber quem é esse profissional responsável pelo treinamento. Procure um profissional competente que elabore mais que um ‘cardápio’ de exercícios, mas um processo de acordo com as bases científicas do treinamento. É da sua saúde que estamos falando”, afirma Murilo Mengel.

Entre dar aulas presenciais e on-line, Murilo acredita que seja mais uma questão de perfil de cada professor, e o que vale ao final é a realização profissional

e não somente o dinheiro. “Se o educador físico conseguir que o aluno seja submetido aos testes e avaliações, e criar um processo periodizado, pedagogicamente estruturado, segundo as bases teóricas do treinamento e ainda garantir que ele faça exatamente o que foi prescrito aí sim, ele encontrou algo que valha a pena.” Murilo Neves, estudante do curso de Educação Física, confirma ser indispensável o acompanhamento de um profissional, seja on-line ou presencial. “A prática de qualquer exercício físico deve sempre ser orientada por um profissional de Educação Física, a falta do controle de movimento e da carga

crítico para quem gosta e quer aprender a praticar o exercício.” O profissional acrescenta, que sua motivação para criação desses vídeos, além de ver muitas pessoas ensinando de forma errada, é a viabilidade de conseguir atender mais pessoas do que se fosse somente na academia, e usando a tecnologia. Ele diz que apesar disso, as academias não serão extintas, até porque a sua realização profissional não tem relação com os exercícios on-line. “Pretendo trabalhar com treinos voltados para serem executados nas academias e em corridas de rua, com a orientação de outros profissionais, porém, com a minha prescrição”, comenta Murilo.

José Valdecir, aposentado, há seis meses, deixou a academia tradicional e começou a praticar exercícios físicos em casa. Ele fez essa troca em sua rotina e o motivo foi pela mudança de endereço da academia que ficou mais longe de casa. “Eu gostava muito de fazer atividade, conversar com os amigos que fiz por lá, só que com a alteração do endereço à academia ficou mais longe”. José conta que a filha Flávia “apresentou” à academia on-line para que ele não parasse de fazer exercícios. “Eu estava até chateado

pela distância que teria que percorrer todos os dias para continuar me dedicando aos exercícios, até que um dia minha filha me apresentou um canal no YouTube que ensina como praticar sem sair de casa. Gostei demais e faço todos os dias”.

As aulas on-line são mais baratas que as convencionais, levando em conta o que o aluno paga por ano e o que economiza em combustível, caso for de carro ou de transporte público. O valor médio que se paga nas academias convencionais é de R\$ 90,00 por mês para ter aula com um professor que fica disponível para todos os alunos que estão treinando naquele momento. Há também a possibilidade de contratar um personal trainer para obter um atendimento individual durante o período da aula com um acréscimo de R\$ 50,00 em média. Esse valor depende de cada profissional. Já no universo on-line, o valor muda de acordo com cada programa de treinamento. O plano mais barato custa, em média, R\$ 150,00 mensais e o mais caro na faixa de R\$ 1.050,00 no plano anual. ■

“
NÃO SOMENTE
PELO PONTO DE
VISTA FINANCEIRO,
MAS TAMBÉM
PELO UNIVERSO
PROFISSIONAL
QUE SE ABRIU
TOTALMENTE.
CONSEGUIMOS
ATENDER 10 VEZES
MAIS PESSOAS NO
FORMATO ON-LINE
DO QUE NO MUNDO
PRESENCIAL
”

total do treino, pode trazer riscos de lesões para o praticante.”

Há três meses, Murilo se dedica a produção de vídeos para ensinar mais sobre a Educação Física para os internautas ligados às redes sociais. Com isso, ele espera acabar com as dúvidas das pessoas, visto que existem conteúdos que ensinam de forma totalmente errada para quem quer aprender a se exercitar e ter uma vida mais saudável. “Encontramos facilmente diversas pessoas falando sobre tudo na internet, porém, são conteúdos desorganizados, que, na maioria das vezes, confundem mais a pessoa que procura. Meu objetivo é trazer um censo



Aulas on-line são mais baratas que as convencionais

A patrulha dos atletas

Atletas enfrentam as patrulhas das redes sociais e tentam se policiar ao máximo. Em contrapartida, as assessorias ajudam os jogadores a se comportarem adequadamente na internet

Felipe Fernandes



Fabiano: atletas pedem dicas de como se comportar nas redes sociais

Comercial, Botafogo e o Vôlei Ribeirão lidam com um fato que está extremamente presente no dia a dia não só dos atletas, mas de todas as pessoas que interagem nas redes sociais: as repercussões dos comentários e das postagens. Os atletas são figuras públicas, expostas o tempo todo. Há uma curiosidade dos internautas para conhecer os lugares que frequentam, o que fazem e como se divertem. Em função dessa realidade, os jogadores perdem um pouco da liberdade para sair com a família, e sempre há uma patrulha de

plantão para saber se estão concentrados para o jogo no dia seguinte. Muitas vezes, quando os resultados não são bons, surgem fatos que impedem o jogador de levar uma vida normal.

Quando contratam um atleta, os clubes fazem alguns alertas, mas não estabelecem proibições. Tanto o Botafogo quanto o Comercial deixam o jogador livre para postar o que quiser nas redes sociais. As assessorias entendem que as contas privadas são de responsabilidade individual e não pertencem ao clube. No começo de 2018, o Comercial Futebol Clube enfrentou um problema com as redes sociais. O caso

foi amplamente divulgado, o que gerou uma série de controvérsias e foi resolvido internamente com a participação do presidente e da assessoria do clube aconselhando o atleta. Um jogador que já havia defendido o Botafogo parabenizou o tricolor pelo acesso à Série B. Segundo o assessor de imprensa do Comercial, o elenco contratado em 2018 recebeu bem as orientações com as várias áreas do clube, seja da direção ou assessoria. “O grupo de jogadores era disciplinado e não tivemos problemas. Todos os atletas postavam fotos com as famílias ou com as namoradas,” afirma Rafael Alves, assessor de imprensa.

Os clubes contam com o trabalho das assessorias para ajudar o atleta a entender melhor como e quando postar. Elas demonstram que nem sempre é interessante se expor em mídias sociais e até mesmo pessoalmente. Os contratados passam pelo media training, uma “aula” sobre como se comportar em entrevistas, em contatos com torcedores e em postagens nas redes sociais. Segundo os assessores de Botafogo e Comercial, os atletas contratados já recebem uma breve orientação do que postar, mas mesmo assim os clubes estão sempre atentos para auxiliar os jogadores. Para a assessoria do Botafogo, os puxões de orelha não são tão frequentes hoje em dia como eram antigamente, mas as orientações ainda permanecem para evitar a punição do atleta. “Devido à importância da competição no ano que vem, o Botafogo pretende criar uma cartilha para explicar aos jogadores como utilizar as redes corretamente”, afirma Raul Ramos.

AS REGRAS DO VÔLEI

O Vôlei Ribeirão foi fundado há um ano e meio e já conseguiu resultados expressivos. A cada vitória, o clube se torna maior e atrai jogadores de renome nacional e internacional. O “Cavalo”, apelido pelo qual se tornou conhecido entre os torcedores, acredita que a rede social é de única e exclusiva responsabilidade do atleta, mas caso ocorra algum problema, o

clube também sofre as consequências. Assim como o Comercial e o Botafogo, há uma preocupação inerente com a associação da marca ao comportamento do atleta. Os dirigentes receiam que alguma postagem do jogador comprometa a imagem do clube que pode ser associada à opinião pessoal. Por ser uma equipe nova, ainda não ocorreu nenhum problema sério, mas caso venha a acontecer, o clube conta com o trabalho da assessoria para orientar o atleta como se posicionar. O assessor do vôlei,

PARA A ASSESSORIA DO BOTAFOGO, OS PUXÕES DE ORELHA NÃO SÃO TÃO FREQUENTES HOJE EM DIA COMO ERAM ANTIGAMENTE, MAS AINDA EXISTEM AS ORIENTAÇÕES PARA EVITAR A PUNIÇÃO DO ATLETA

Fabiano Ribeiro, conta que o jogador contratado já tem uma noção de como se comportar, mas eles sempre pedem fotos e dicas de como postar nas redes sociais. “Há um trabalho em conjunto entre os atletas e a assessoria”, comenta Fabiano.

Há uma preocupação constante com desempenho do atleta. Às vezes, uma simples curtida de uma foto durante a madrugada pode ser o estopim para uma crise com a torcida, que fica vigiando os jogadores nas redes sociais. Muitas fotos, excesso de likes e comentários podem tirar o foco de jogos importantes. Se tiverem baixo desempenho, os atletas se tornam alvos de críticas dos torcedores. Os clubes de Ribeirão Preto pensam em criar uma cartilha de regras para as redes sociais. O Comercial já discute a ideia e o Botafogo percebe essa necessidade para disputar a Série B do Campeonato Brasileiro, uma competição que desperta interesse da mídia. Claramente há uma preocupação com as postagens e as repercussões, mas todos os clubes de Ribeirão Preto estão se preparando para dar o suporte aos seus atletas e evitar as gafes. ■



Rafael acompanha as postagens dos atletas

A nova linhagem de superatletas

Com a ajuda da tecnologia, laboratórios e centros de pesquisa impulsionam o rendimento de atletas amadores e profissionais

Thainan Honorato



pre existiram os superatletas, entretanto, por falta de equipamentos adequados, as informações se perderam na história. “Antigamente, chegamos a presenciar feitos extraordinários de jogadores como o Pelé. Entretanto, naquela época, o mais avançado que tínhamos para captação de informações eram as filmadoras. Hoje, já podemos fazer análises mais completas dos atletas, usando supercâmeras, captando cada movimento e a partir daí gerando dados mais avançados.”

Tendo em vista que a ciência evolui, o caminho para o desenvolvimento do atleta perfeito fica cada dia mais próximo. Cientistas apontam que os segredos para os superatletas estão nos centros de pesquisa, onde, por exemplo, Nilson Ribeiro dos Santos Silva busca determinar a eficácia de um método de treinamento de força que não faça o uso de implementos em indivíduos treinados. Com isso, os exercícios poderiam ser realizados em qualquer lugar, a qualquer hora. Mesmo com o avanço da ciência e dos equipamentos tecnológicos de treino, ainda existem dúvidas sobre a existência do superatleta. Para o professor Hugo Tourinho Filho da EEFERP, “há sim atletas fora do comum, como o piloto Ayrton Senna, os nadadores Mark Spitz e Michael Phelps, e até mesmo o próprio corredor Usain Bolt, entretanto, não os classificaria como superatletas.” Para Hugo, os superatletas seriam um produto da ciência, um atleta transgênico, com mudanças genéticas que possibilitam melhores resultados. “Talvez um dia teremos um superatleta, agora se isto será bom, aí já é outra discussão.”

TECNOLOGIA EM AÇÃO

Santiago conta que, atualmente, existem diversos recursos tecnológicos que contribuem nos treinos e até mesmo nas pesquisas científicas. Muitas ferramentas comparadas a alguns equipamentos são baratas, entretanto, “o grande problema está no conhecimento para o uso.” O professor conta que na Copa do Mundo, ao final de todas as partidas, são liberadas

Quando se fala em tecnologia, a primeira ideia que vem à cabeça são as supermáquinas, computadores inteligentes, robôs autônomos e até mesmo a inteligência artificial, isto é, aparatos superdesenvolvidos. Quando se relaciona a seres humanos, o resultado é ainda melhor, principalmente quando aplicada ao esporte. Em Ribeirão Preto, por exemplo, no Laboratório de Biomecânica e Controle Motor da Escola de Educação Física e Esporte (EEFERP) da USP, o professor Paulo Roberto Santiago estuda desde chutes até ações de defesa de goleiros e execuções de saltos, visando a um melhor entendimento do corpo humano. Para ele, sem-



Nilson Santos realizando estudo de força

**MESMO COM A
EXISTÊNCIA
DE RECURSOS
TECNOLÓGICOS
DE BAIXO CUSTO,
AINDA EXISTE UMA
MISTIFICAÇÃO POR
TRÁS DO LEMA DE
QUE PARA TODO BOM
ATLETA HÁ UM BOM
EQUIPAMENTO**

informações sobre os jogos, a performance dos jogadores, dados e estatísticas. Ele ressalta que o uso dessas informações para o preparo de um atleta, principalmente por serem liberadas em âmbito global, é algo incrível, mas acabam esquecidas por falta de profissionais preparados para analisar.

Mesmo com a existência de recursos tecnológicos de baixo custo, ainda há uma mistificação por trás do lema de que para todo bom atleta há um bom equipamento. O professor compara tal frase ao herói das histórias em quadrinho, o Homem de Ferro. “A roupa dele é legal, tem um supergerador de energia, mas o diferencial dela é a inteligência por trás, não a do

construtor, o Tony Stark, mas do Jarvis, que monitora o desempenho dele e todo o funcionamento do herói.”

Pedro Balbo é o treinador do bicampeão nacional de natação nos 100 e 200 metros, Pedro Motta. O técnico acredita que a tecnologia e os equipamentos dos atletas contribuem para uma melhor performance e cita, por exemplo, o uso de bermudas e maiôs específicos para competições que colaboram para que os atletas possam nadar mais rápido, mas acredita que “o segredo está na associação dos equipamentos aos estudos científicos.” Para o nadador Motta, os testes e os treinos realizados na EEFERP contribuíram para que seu técnico conseguisse analisar seu desempenho, e com os resultados obtidos melhorar a performance nas competições. O nadador conta que o foco está no campeonato brasileiro, que é a seletiva para o Sulamericano. Em 2019, o treino deve ser ainda mais forte para que em abril consiga se classificar para o Mundial Júnior. Após tudo isso, tentar conquistar a vaga nas Olimpíadas de Tóquio em 2020. “Acredito que com todos os resultados dos estudos em mãos, terei um diferencial na hora da seletiva olímpica ou até mesmo quem sabe na própria Olimpíada.”

Para o professor Tourinho Filho, hoje a tecnologia está muito presente na vida dos atletas, não só nos equipamentos, mas também nos suplementos e nos programas de atividades. Fato que o atleta de levantamento de peso Eduardo Neix conta ao explicar sua rotina. “No final de um treino, muito puxado eu me sinto morto, o corpo dói, mas para continuar, as vezes, é necessário uma suplementação mais forte, um auxílio de vitaminas, BCAA, um suplemento para dar um ânimo. Claro que tudo isso balanceado e sob indicação de um nutrólogo ou de uma nutricionista.”

O nadador acredita que todos podem se tornar superatletas, se tiverem objetivos, forem determinados e persistentes. Fazer parte desta linhagem é o que sonha João Pedro de oito anos, que mesmo com um pequeno grau de obesidade pretende ser “tão bom de bola quanto o Cristiano Ronaldo”. Afinal, o menino, que não pode ainda praticar a modalidade por estar acima do peso, encontra no Laboratório de Mídia Interativa e Exercício Físico da EEFERP a chance de usar jogos eletrônicos interativos (Exergames) como estratégia para a prática regular de exercícios físicos, e quem sabe um dia, no futuro, fazer parte da nova linhagem de superatletas. ■



Time de Ribeirão realiza treinos diariamente

As batalhas do e-sports

Com o número de jogadores e espectadores crescendo em Ribeirão Preto, atletas e equipes amadoras lutam para ganhar espaço na elite do esporte eletrônico (e-sports)

Edson Pegrussi Jr.

A prática massiva do e-sports começou em 2011 após uma grande explosão na indústria dos jogos eletrônicos. Mesmo nesse curto período de tempo, o Brasil já possui uma média de 25 times profissionais representados por inúmeros atletas. Em Ribeirão Preto, jogadores e equipes amadoras surgem constantemente. Uma delas é a Phantom Wave, fundada no iní-

cio de 2018. Com um elenco voltado para o League of Legends (popularmente conhecido como LoL), o time já possui uma rotina fixa de treinamentos e também metas a serem alcançadas dentro do esporte eletrônico. O LoL é um jogo de batalha em arena (MOBA) criado pela Riot Games em 2009. “Tentar viver do e-sports continua sendo um sonho para nós jogadores, mas apesar disso, ainda estudamos e alguns membros

do time também trabalham. Temos que dividir as atenções durante o dia-a-dia, mas estamos lutando para alcançar nossos objetivos. Seguimos uma rotina de treinamentos diária, focamos na melhoria da nossa comunicação dentro do jogo e também na criação e no aprimoramento de composições para usar em diferentes situações dentro do game”, disse Lucca Herrera, estudante de 18 anos e capitão da Phantom Wave e-sports, que joga LoL há cinco anos.

Migrando das arenas de batalha para as lutas virtuais, um atleta em especial tem ganhado destaque na cidade. Juliano Rocha, 24 anos, é jogador de Street Fighter 5, game de luta da série de mesmo nome criado pela Capcom em 2016. Nos últimos dois anos, o jogador disputou campeonatos amadores e profissionais. Atualmente, integra o elenco do Top Players Team, equipe reconhecida nos jogos de luta. O operador logístico afirma que para ter destaque no cenário é necessário, principalmente, aprender a lidar com as derrotas. “É necessário muita dedicação, gostar do que faz e ser persistente. Realizo



treinos on-line todos os dias, pois assim consigo enfrentar os melhores jogadores do Brasil. Estou sempre treinando com eles, absorvendo conhecimentos e me aprimorando na criação de novas jogadas e no estudo do jogo em si.” Em setembro de 2018, Juliano participou do Treta Championship, considerado o maior torneio de jogos de luta da América do Sul com edição sediada em Curitiba,

no Paraná. Entre 150 competidores inscritos, conseguiu ficar na 13ª posição. O jogador também diz que pretende melhorar para voos mais altos, pois a cena do Street Fighter ainda não é tão grande quanto os jogos de batalha em arena ou de tiro (FPS).

CAMPEONATOS LOCAIS

Em Ribeirão Preto, diversos campeonatos tomam a cena, principalmente em eventos de cultura nerd e oriental como o Circuito Anime Fest e o InterComic. Os jogos que se destacam são o League of Legends, o Counter Strike e o Street Fighter, dentro dos jogos de luta. Fora das feiras e dos eventos, a prática do e-sports vem ganhando espaço. Em julho de 2018, a cidade recebeu a 1ª Copa Ribeirão Preto de League of Legends. Em uma seletiva virtual que contou com 30 equipes representadas por mais de 150 jogadores, quatro times finalistas disputaram uma premiação de R\$1,5 mil durante dois dias de campeonato realizados no ShoppingSantaÚrsula. A vence-



Jogadores buscam apoio de patrocinadores



Com uma curta passagem como jogador, Nicholas trabalha com a promoção de novos atletas

dora foi a MasterMind, que além da premiação foi a primeira campeã do torneio inédito.

Idealizado pelo empresário Bruno Bis, de 26 anos, a primeira edição promoveu novas equipes e divertiu os espectadores que acompanharam os jogos. Bruno afirma que é um mercado que está crescendo em Ribeirão Preto. “A ideia do campeonato surgiu, porque a cidade carecia de eventos exclusivos de e-sports com um caráter mais profissional. O primeiro campeonato escolhido a ser feito foi de League of Legends devido a grande quantidade de jogadores na região. Por alguns anos, esse foi considerado o jogo mais acessado do mundo. Em 2019, teremos a segunda edição do torneio, mas também temos planos para outros jogos eletrônicos no futuro”, afirma o empresário.

O caminho para se tornar um profissional do e-sports apresenta vários obstáculos. Nos últimos anos, o sonho de inúmeros jogadores tem sido viver nos centros de treinamento (popularmente conhecidos como Gaming House) altamente equipados com computadores e acessórios de última geração. Tudo isso gerenciado por grandes organizações para disputar torneios presenciais com transmissões ao vivo e cobertura para milhões de espectadores. O advogado Nicholas Bocchi, de 23 anos, já experimentou os dois lados do jogo. Em 2015, disputou o Campeonato Brasileiro de League of Legends (CBLOL) pela equipe da CNB, time brasileiro de e-sports fundado em 2001. Atual-

mente é pós-graduando em direito desportivo e diretor das categorias de base da mesma equipe, onde trabalha com o surgimento e, a promoção de novos atletas que sonham em se tornar profissionais. “Comecei a competir ao ser selecionado pela peneira da CNB, no início de 2015. No mesmo ano, fui inscrito no CBLOL. Sempre me destaquei pelo meu conhecimento de jogo e o espírito de liderança. Logo depois apareceu a oportunidade de exercer uma atividade mais administrativa como gerente, no final de 2016 e agora sou diretor”, relata Nicholas. Segundo o Advogado, o jogo não é muito diferente de outros esportes, dentro da área de formação de atletas. Assim como em qualquer modalidade é extremamente gratificante ver jogadores selecionados nas peneiras alcançarem grandes objetivos. “O caminho é árduo, mas é necessário ser profissional acima de tudo”, avalia Nicholas. ■

**O PRIMEIRO CAMPEONATO
ESCOLHIDO A SER FEITO FOI DE
LEAGUE OF LEGENDS DEVIDO
A GRANDE QUANTIDADE DE
JOGADORES NA REGIÃO**

Bruno Bis, Empresário

JORNALISMO DE EXCELÊNCIA, UMA TRADIÇÃO UNAERP

PADRÃO MUNDIAL DE ENSINO COM A ESTRUTURA DE UMA UNIVERSIDADE.



LABORATÓRIO DE ÁUDIO E RÁDIO UNAERP
Baixe o aplicativo Rádio UNAERP



LABORATÓRIO DE EDITORAÇÃO GRÁFICA
Jornalismo impresso e online



LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA
Fotojornalismo



LABORATÓRIO DE TELEVISÃO E TV UNAERP
Canal 10 da NET

ACESSE O PORTAL

jornalismounaerp.com.br

para conhecer os projetos e as produções
dos alunos nas diversas áreas de atuação.

UNAERP CURSO DE
JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá



ACREDITE NOS

SEM CONTROLOS

UNAERP

PROCESSO SELETIVO

PROVAS AGENDADAS

INSCREVA-SE UNAERP.BR

INFORME-SE SOBRE CURSOS, TURMAS E VAGAS EM UNAERP.BR

HUMANAS

- Administração
- Administração e Ciências Contábeis
- Arquitetura e Urbanismo
- Ciências Contábeis
- Direito
- Jornalismo
- Publicidade e Propaganda
- Relações Internacionais
- Serviço Social
- Pedagogia – Licenciatura

SAÚDE

- Educação Física - Bacharelado
- Educação Física - Licenciatura
- Enfermagem
- Farmácia
- Fisioterapia
- Nutrição
- Odontologia - Integral
- Odontologia - Noturno **NOVO**
- Psicologia **NOVO NO CAMPUS GUARUJÁ**

EXATAS

- Engenharia Civil
- Engenharia da Computação
- Engenharia de Produção
- Engenharia Química
- Engenharia de Software

LOCAIS DE INSCRIÇÃO

UNAERP Campus Ribeirão Preto
UNAERP Campus Guarujá

CAMPUS RIBEIRÃO PRETO
0800 771 8388
16 99768 6613 (whatsapp)
f/universidadeunaerp

CAMPUS GUARUJÁ
0800 773 7760
f/unaerpcampusguaruja

